

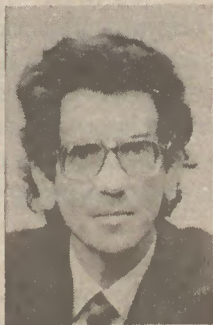
Avante!

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 14 de Agosto de 1996 • Preço: 150\$00 (IVA incluído) • N.º 1185 • Director: Carlos Brito

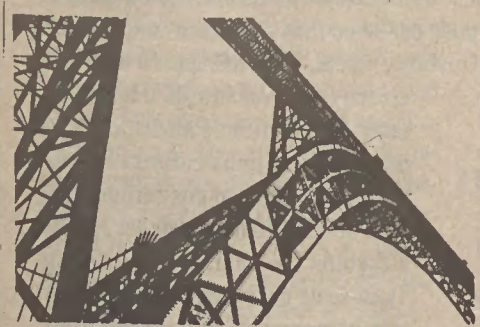
Seis apontamentos

O facto de Sousa Franco passar a chamar «real» à desde sempre chamada «convergência nominal» pode ampliar, a lista dos truques mas não resolve nenhum problema do País.



■ Vitor Dias

Pág. 12



Estória de um sismo

A recente polémica sobre o sismo experimental ao largo da cidade do Porto é matéria para reflexão e de exemplo de estilo de governo dos interesses públicos que temos.

Pág. 14

Planeta Poder

Dentro do PS, surgem vozes que vêm a público mostrar o seu incómodo com as opções de política económica e social do Governo e com a monteiropendência em que vive o Eng. António Guterres.



■ João Amaral

Pág. 13

NACIONAL Agricultores protestam em Vagos

Pág. 6

Da festa! / **AMORA-BIXAL** 14 de Agosto de 1996

De Norte a Sul para a Festa

FORUM PORTUGAL

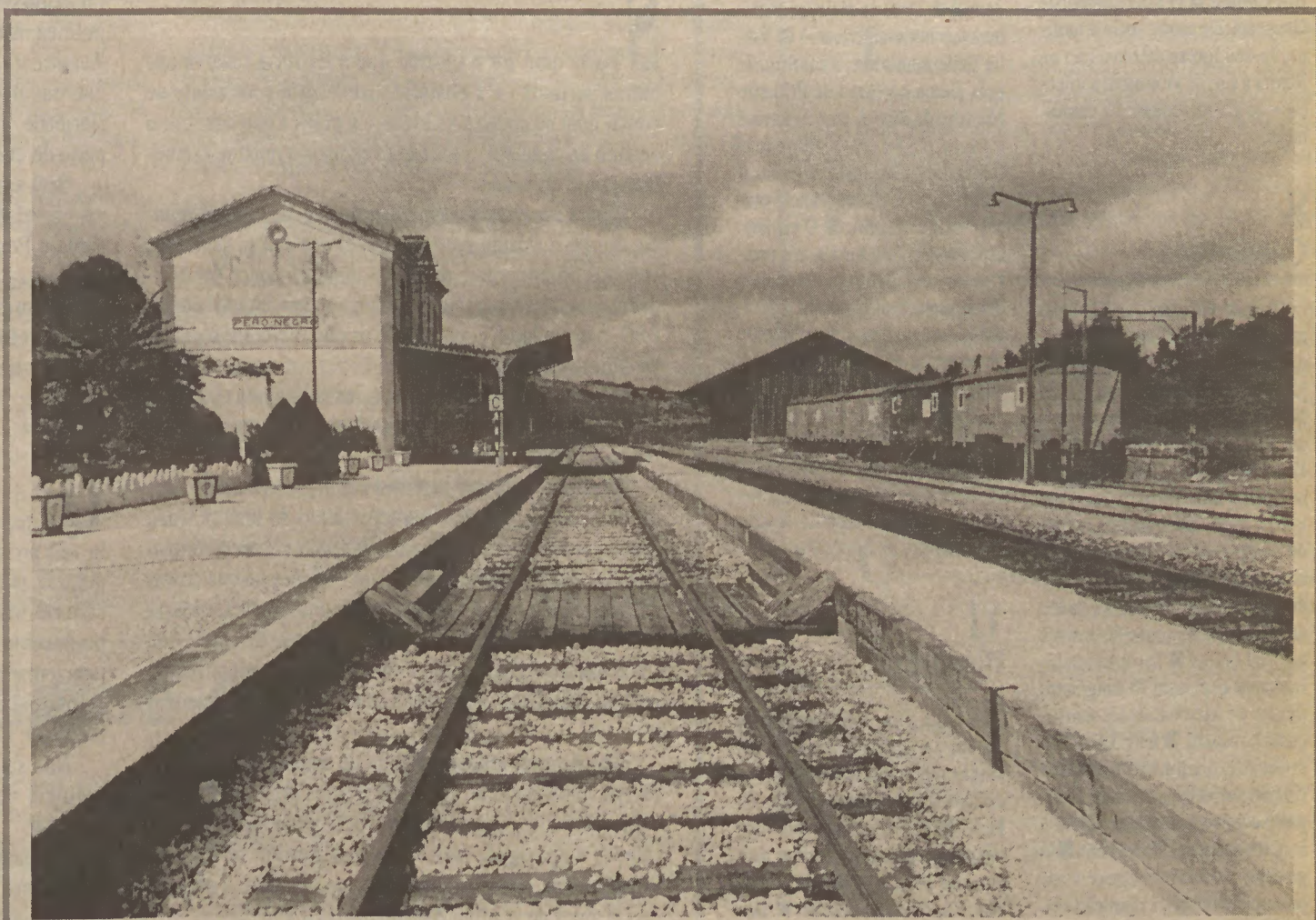
Compra a EP

Festa na Internet

LUTAR PARA VENCER

- Primeiro acordo global na Portugal Telecom
- Medidas e compromissos para guardas florestais e jovens enfermeiros

Pág. 5

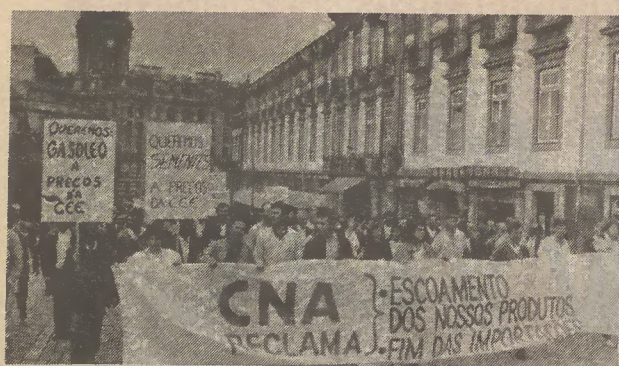


CP descarrila

Muita terra pouca via

Na última década, a ruíosa política de gestão no sector ferroviário arrastou o caminho de ferro para uma situação de atraso tecnológico e funcional difícil de superar.

Centrais



CNA volta a mobilizar agricultores, desta vez Vagos para exigir o escoamento dos produtos (foto de arquivo)

RESUMO

7 Quarta-feira

Três operários morrem numa fábrica em construção em Famalicão ■

Jorge Sampaio retoma o exercício das suas funções como Presidente da República, na sequência do Acórdão do Tribunal Constitucional autorizando a cessação do seu impedimento motivado pela operação ao coração ■

Cientistas norte-americanos, após investigação a um meteorito caído na terra há 13 mil anos, concluem pela possibilidade de vida microscópica em Marte há milhares de milhões de anos ■ Independentes tchetchenos anunciam o controlo da cidade de Grozni ■ Jacques Chirac afirma-se disponível para retaliar contra os EUA caso alguma empresa francesa seja afectada pela lei D'Amato imposta por Bill Clinton ■ O líder comunista Guennadi Ziuganov apela à unificação das forças de oposição na Rússia a fim de «tomarem a direcção» de um movimento de contestação.

8 Quinta-feira

Mais de duas centenas de agricultores concentram-se em Vagos, distrito de Aveiro, exigindo preços justos para a batata e a intervenção do Estado no escoamento da produção nacional de gado bovino ■ Elevados níveis de precipitação originam uma forte torrente de lama e rocha que invade o parque de campismo de Virgen de Las Nieves, em Biescas, Aragão, Norte de Espanha, provocando a morte de mais de 70 pessoas e ferimentos em 150 outras ■ As autoridades francesas expulsam 78 imigrantes ilegais de nacionalidades marroquina e maliana ■ Ieng Sary, considerado o número dois dos Khmers vermelhos, deserta e entrega-se com centenas de seguidores às autoridades de Phnom Penh ■ O governo indonésio endurece a sua postura em relação à oposição exigindo uma nova inscrição de todas as organizações sociais junto das autoridades competentes.

9 Sexta-feira

Alberto Amaral, reitor da Universidade do Porto, demite-se da administração do Parque de Ciência e Tecnologia do Porto em protesto contra a intromissão do Governo na escolha do concelho de Vila do Conde para a localização da futura fábrica alemã da Siemens ■ Tem início o Festival de Vilar de Mouros, emsombreado pela morte de um jovem que tomava banho nas águas do rio Coura ■ Na sequência de notícias vinda a público dando conta da admissão de alunos no Instituto Superior

Técnico por via de cunhas, o seu presidente, Diamantino Durão, pede apoio à Procuradoria Geral da República para «proteger a imagem» da escola e para «repor toda a verdade» ■ A Confederação do Comércio e Serviços de Portugal, a propósito da autorização de duas grandes superfícies (em Oeiras e na Maia) acusa o Governo de violar o princípio de congelamento do licenciamento de novas grandes superfícies até à aprovação da nova legislação ■ Boris Ieltsin toma posse em cerimónia reduzida ao mínimo e onde é visível a precariedade do seu estado de saúde.

10 Sábado

É inaugurado o parque arqueológico do Vale do Coa ■ Jack Kemp é escolhido pelo Partido Republicano para concorrer juntamente com Bob Dole às eleições presidenciais norte-americanas ■ Viktor Tchomomirdine, é confirmado pela Duma em cargo de Primeiro Ministro da Rússia, com 314 votos a favor e 85 contra, enquanto Boris Ieltsin designa o general Lebed como responsável pela situação na Tchetchénia ■ O enviado especial dos Estados Unidos pressiona o presidente da Croácia a desmantelar o mini-estado separatista Herzeg-Bosna e se integre plenamente na federação croato-muçulmana ■ Pelo menos 13 pessoas são mortas numa batalha entre clãs somalis ■ Mais uma divisão militar dos rebeldes Khmers Vermelhos anuncia a sua passagem para o lado das forças governamentais cambodjanas.

11 Domingo

A Liga para a Protecção da Natureza congratula-se com o adiamento da experiência sísmica designada por Combo, ao largo do Porto ■ Irão e Turquia anunciam planos de cooperação militar para reprimir as actividades de grupos hostis na fronteira comum ■ Termina em Vilar de Mouros um festival de música rock onde estiveram milhares de jovens.

12 Segunda-feira

Um incêndio de grandes proporções fustiga as Matas Nacionais de Quiaios, a norte da Figueira da Foz ■ PSD ameaça abrir um inquérito parlamentar sobre a decisão de transferir a construção das instalações da Siemens da Maia para Vila do Conde ■ O primeiro-ministro de S. Tomé reconhece que a situação na ilha pode ser considerada de «anarquia total» ■ O chefe do governo italiano declara que a lira vai voltar a integrar o Sistema Monetário Europeu.

EDITORIAL

Diferenças e semelhanças

Parecendo procurar o lugar político de cada partido face às questões da economia e do poder e verificando as semelhanças de quase todos e a confusão entre eles, um editorialista do "Diário de Notícias" escreveu há dias uma frase sintomática: «O PCP tem um destino marcado, seja ele qual for.»

Fosse qual fosse a intenção de Victor Cunha Rego ao escrever tal frase, o certo é que afastava o PCP da rede de interesses e intenções das restantes forças políticas, verificando que não encontrava em tal rede um lugar para os comunistas. Escrevia: «Com o PS embarcado no plano alemão e na moeda única, com o PSD a encontrar grandes dificuldades em romper com essa mesma linha, restavam o PCP e o PP.»

Tratava-se, ainda, de votos. E o articulista, afastando da conversa o PCP à conta do tal «destino marcado», virava-se para a questão de saber como poderia o PP ganhar com o eurocepticismo crescente na sociedade portuguesa. Recomendava ao PP que continuasse a radicalização e que não abrisse ao centro.

Aos comunistas nada recomendava.

E com razão.

Já se perderam, para muitos, as esperanças de «converter» o PCP à normalização de uma política servidora da grande burguesia europeia, de o trazer ao redil de parceiro concertador de interesses de classes antagónicas.

S seja lá qual for o destino que a História reserva aos outros partidos - e a História não deixará certamente de contar com as opções, as ideias e a prática que constrói o destino de cada um - está cada vez mais à mostra a semelhança que os reúne.

É para esconder as semelhanças que, de vez em quando, cresce o alarido entre o partido que ora se senta nas cadeiras do poder e o que de lá ainda há pouco foi arreado. E entre os que, no PP, advogam uma aliança com o PSD, por um lado, e, por outro, os que preferem socorrer o PS nas situações críticas.

Alguns acontecimentos recentes sublinham tais aproximações, por entre os espectaculares choques abundantemente publicitados.

O que se passa na Madeira e nos Açores, a dois meses das eleições regionais é paradigmático de uma política feita espectáculo. Jardim parte em luta contra a «intromissão» da Comissão Nacional de Eleições no que considera um feudo seu. Usa o poder regional para considerar oficialmente «intolerável» a instalação de delegados da CNE nas ilhas, acusando-a de «actuar por iniciativa do partido socialista, conforme este se arrogou publicamente».

Nos Açores, a guerra é feita de sondagens e de uma luta de galos entre as primeiras figuras do PS e do PSD, com o primeiro, Carlos César, a debitar declarações destinadas a apaziguar o eleitorado da direita, falando de «renovação»; com o segundo, Álvaro Dâmaso, a garantir que já antes de si Mota Amaral queria a «mudança».

A guerrilha entretanto despoletada em torno da localização da Siemens não veio levantar questões de fundo como as que seria natural colocar - por exemplo, que garantias dá o patronato alemão de não se pôr a andar

certo dia com a empresa, procurando melhores ares, neste mundo de deslocalizações. A localização da empresa está no centro de uma disputa que rapidamente extravasou do nível local - entre a Maia e Vila do Conde -, com o PSD a acusar o PS de usar na escolha critérios político-partidários e o PS a devolver retroactivamente as acusações.

Mas são guerrilhas de Verão. As semelhanças encontram-se nitidamente gravadas nas opções políticas de fundo. O espectacular é sempre acessório. E, hoje na oposição, o PSD pode dar-se ao luxo de criticar tudo o que o PS, agora no Governo, repete. Guterres, que na oposição criticava e prometia, já o não pode fazer. Os critérios de Maastricht e da moeda única, linha enformadora da política de cada um dos partidos que se propõem alternar, deixam apenas à escolha o espectáculo e o estilo. Trata-se de uma mesma política, que tem comprometido o desenvolvimento do país e agravado as condições de vida dos portugueses. Em jeito de balanço dessa política, aí estão números que não são sondagens - Portugal tem dois milhões e meio de pobres, à luz dos critérios «europeus». O que corresponde a

mais de 25 por cento da população, a maior taxa de pobreza da UE. Não se encontra, pois, no «pelotão da frente», mas em último lugar, bem junto ao carro-vassoura.

O quadro de semelhanças é tão forte, que o PS escolheu de novo o Pontal para assinalar, como repara o director demissionário do "Público", «o início da nova estação política num cenário idêntico ao da festa do adversário». Acrescenta o editorialista que o PS o faz «sem perceber que isso não prova senão um patético complexo de inferioridade, uma manifestação de infantilidade política por parte de quem é, actualmente, Governo».

Será assim. Mas o que o PS irá provar com a iniciativa - reveladora, segundo o artigo, de uma obsessão que torna o Pontal «símbolo inesperado da repetição e das imitações do discurso político» - é que disputa ao adversário o mesmo terreno, as mesmas ideias, os mesmos votos. Reforçando as semelhanças e destacando-se apenas por «um arraial mais frenético».

Do que distingue o PCP dos partidos que à sua direita vão produzindo e publicitando variações da mesma política, pouco se fala. Quando raramente acontece o PCP ser referido, ou é para tentar excluí-lo, por «mau comportamento», do «convívio democrático», ou é, ao invés, para tentar misturá-lo à mesquinhez dos defeitos de todos os outros, na pretensão de demonstrar que, na «classe política», são todos os mesmos.

Não são. Nem na ética do comportamento social e político, nem na consideração que fazem do interesse nacional.

Enquanto à direita, e no campo da política de direita, o interesse de Portugal aparece confundido com o do grande patronato, e o crescimento económico do país com os ditames de Bruxelas, os comunistas identificam os interesses do povo - dos trabalhadores e dos reformados, das mulheres e dos jovens -, da grande maioria dos portugueses, com os interesses de Portugal.

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português
Rua Socio Pereira Gomes
— 1699 Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:
Rua Socio Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX.
Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390
Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO:
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90,
7.º-A, 1100 Lisboa.
Capital social: 15 000 000\$00. CRC matrícula: 47058.
NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO:
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis, 90, 7.º-A,
— 1100 Lisboa
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11
Fax: 815 34 95

A alterações de remessa:
Até às 17 horas de cada sexta-feira:
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTA PRESS

Delegação Lisboa:
Tapada Nova
Capa Rota — Linha — 2710 Sintra
Telef. (01) 924 04 47

Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B L1. 227 — 4470 Maia
Telef. (02) 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7.º-A 1100 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90, 7.º-A 1100 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composição e Impressão
Hiena Portuguesa, SA
R. Elias Garcia, 27
Venda Nova — 2700 Amadora
Depósito legal nº 205/95

TABELA DE ASSINATURAS*

PORTUGAL (Continente e Regiões Autónomas)	EUROPA
50 números: 6 750\$00	50 números: 24 750\$00
25 números: 3 487\$50	
ESPAÑA	EXTRA-EUROPA
50 números: 13 300\$00	50 números: 39 950\$00
GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE E MACAU — 50 números: 26 650\$00	

* IVA e portes incluídos

Nome _____

Morada _____ Telef. _____

Código Postal _____

Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.

ACTUAL

Vem aí a benemérita

Inexorável, respondendo ao chamado imperioso deste nosso tempo, a modernidade avança. Deixa atrás de si uma estrada feita de estilhaços de ideias, valores, práticas e projectos, ao mesmo tempo que vai lançando aos ventos uma sementeira de ideias, valores, práticas e projectos situados nos antípodas dos extintos.

A verdade é que a modernidade está no Poder: já assim era com Cavaco Silva — homem que é ele próprio, como tivemos oportunidade de apreciar durante dez memoráveis anos, cultural, ideológica, política e humanamente, a modernidade personificada — e assim continua a ser com o seu actual sucessor. Dir-me-ão que se trata de mui diferentes modernidades e que longa é a distância que separa a modernidade de direita assumida por Cavaco da modernidade de esquerda pela qual responde Guterres. Ao que eu objectarei que essa é uma questão de sonegos, na medida em que, entre os estilhaços acima referidos, jazem devidamente frag-

mentadas as noções de direita e de esquerda, enquanto cresce, impetuoso, avassalador e globalizante, esse outro conceito que é o da modernidade. Não há modernidade de esquerda e modernidade de direita (e portanto também não a há de centro); haverá, quando muito, assim como que uma santíssima trindade de conceitos político-posicionais que se fundem no Conceito único da Nossa Mãe Modernidade. Ser ou não ser de esquerda ou de direita ou do centro não passa, hoje, de uma shakespearinice sem sentido: ser ou não ser moderno, essa sim, é que é a verdadeira, a profunda, a magna questão.

A modernidade é, portanto, a mãe de todas as virtudes e bondades. Em seu nome e nela estribado o Governo de Guterres, hoje — como o de Cavaco, ontem —, projecta-nos para o futuro e oferta-nos todos os dias os preciosos frutos por ela gerados.

Olhem só isto: vem aí a CIA (exactamente: essa, a legítima, a única) "dar formação"

aos nossos chefes dos Serviços de Informação e Segurança (SIS) e do Serviço de Estratégias da Defesa Nacional. Pergunto: que maior exemplo de modernidade nos pode ser dado do que este que o Governo de Guterres nos proporciona?

Longe vão os tempos em que a prestimosa CIA punha óculos escuros para disfarçar a sua presença em Portugal! Hoje, a benemérita chega anunciada com fanfarras, pisando passadeira vermelha e pela mão amiga da esquerda moderna no poder. (Como é que o livro do Sr. Rui Mateus podia ter tido a repercussão que o seu autor esperava?)

Nada é como era dantes. A modernidade transformou tudo. E tenho para mim que, com tanta modernice, esta esquerda moderna que é governo, mais tarde ou mais cedo, ainda acaba fumando.

■ José Casanova

Marx tinha razão...

O relatório das Nações Unidas sobre o desenvolvimento, recentemente publicado, além de revelar dados estupefacentes sobre a situação económica e social no mundo vem confirmar, com o rigor dos números, afirmações feitas por Marx há mais de 150 anos e que muitas vezes têm sido contestadas. Vejamos alguns desses dados.

Em 89 países, a situação económica é hoje pior do que há 10 anos. A distância entre países ricos e pobres, em vez de diminuir, é cada vez maior.

Dos 23 mil milhões de dólares a que sobe o rendimento mundial anual, mais de 18 mil milhões concentram-se nos países ricos. Os outros 5 mil milhões são repartidos por 80 por cento da população mundial.

No mundo, 358 pessoas (não é erro tipográfico, são realmente trinta e cinco e oito) concentram nas suas mãos rendimentos superiores aos de 2400 milhões de pessoas.

Mesmo nos países ricos o fosso entre pobres e ricos vai aumentando. A Inglaterra é um dos países que maiores diferenças apresenta (graças sem dúvida à herança da senhora Thatcher, modelo e guia de Cavaco Silva, como se sabe): 40 por cento das famílias inglesas dispõem apenas de 14 por cento do rendimento total do país. Em suma, confirma-se no relatório da ONU que cada vez há mais pobres mesmo nos países ricos, e cada vez são mais pobres.

Os ricos, esses sim, estão cada vez mais ricos. (Graças a Deus, dirão eles, nem tudo corre mal).

Este relatório espelha o fracasso das políticas promovidas nos anos 60, inclusive no âmbito da ONU, para o que se chamou a ajuda téc-

nica e financeira ao desenvolvimento do Terceiro Mundo. Apareceram teorias e especialistas que apresentaram inúmeros planos para acabar com o subdesenvolvimento e para que os países ricos pudessem continuar a sê-lo com a consciência tranquila. E entregou-se o encargo de canalizar e organizar o fluxo de capitais do mundo rico para o mundo pobre a organizações supranacionais como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional. Isto é, meteu-se a raposa no galinheiro.

Trinta anos depois, o relatório da ONU mostra o resultado. As desigualdades aumentaram. As ajudas enriqueceram as grandes multinacionais e reduzidos grupos de elite locais que se puseram ao seu serviço. E, além disso, os países «ajudados» ficaram amarrados e amordaçados por monstruosas dívidas externas que os sufocam, entram e corrompem todos os esforços de desenvolvimento.

Aqui se justifica a referência a Marx.

A polarização da riqueza e da pobreza e a pauperização de crescentes massas da população foram por ele apresentadas, na sua análise crítica do capitalismo, como processos inerentes à sua própria natureza.

Ao longo dos 150 anos decorridos desde essa análise, a expressão desses processos tomou formas e dimensões diferentes, segundo a correlação de forças política e social, em cada país e à escala mundial.

Não é por acaso que eles hoje se acentuam, com mais desenvoltura e crueldade.

A natureza do capitalismo não mudou.

■ Aurélio Santos

Imagine-se!

Os EUA tornaram-se o polícia do mundo. Por muito que não gostemos de polícias, como seria o mundo se os EUA decidissem não ser os polícias, ou se o polícia não fosse um país que acredita e faz profissão de fé da liberdade individual e da livre iniciativa?

Não, não se trata de nenhum jogo de Verão, nem tão pouco de uma pergunta de retórica. A questão, por mais estranho que isso possa parecer, é muito seriamente colocada por um articulista do «Semanário Económico», na edição do passado dia 9, que se deu ao trabalho de alinhar múltiplos parágrafos para fornecer a resposta, à laia de epílogo. Não é preciso ler a exposição de motivos arrolados por António Neto da Silva para ficar a conhecer os *finalmentes*, já que os mesmos constituem o generoso destaque.

Então é assim: para ANS, «é preferível termos um polícia com defeitos do que vermos todos envolvidos em novas guerras santas», pelo que somos aconselhados a moderar «as nossas críticas aos EUA, porque não é aí que está o inimigo».

Esta pérola reflexiva aguça a curiosidade a qualquer um. Que outras revelações não nos reservará o artigo?

Os subtítulos chamam a atenção, não tanto pelo negro do corpo como pela sua substância: «Estados Unidos sozinhos contra o terrorismo»; «Europa dominada pela hipocrisia e interesses»; «Egoísmo europeu faz rir os terroristas». É o que se chama prosa puxante, digna de título de filme da série B, americano, naturalmente; de manual de forças de intervenção

rápida; de cartilha de educação juvenil; de artigo de fundo do «Reader's Digest».

Passando à explanação fica-se a saber que ANS não está feliz com a lei Helms-Burton, nem com a lei Kennedy-D'Amato, não por qualquer simpatia com os regimes cubano, líbio ou iraniano, como se apressa a frisar, mas porque as referidas leis, em «alguns pontos» — com que mágoa o reconhece —, são «uma clara ingerência nos assuntos de outros Estados». Reconhecido este «senão», acrescido da constatação de que os EUA nem sempre fazem jogo limpo no domínio económico, logo ANS se empenha em desdramatizar o facto, reduzi-lo às mais ínfimas dimensões, como se de traquinice se tratasse, já que valores mais altos se levantam. A saber, o terrorismo internacional.

Postas as coisas neste pé, ANS toca de zurzir na Europa, gananciosa e hipócrita, que diz apoiar a luta contra o terrorismo e só pensa em negócios e, o que «é mais grave», passa para «os ombros dos EUA a responsabilidade de combaterem sozinhos o que Clinton classificou de «maior inimigo da nossa geração». Como o que Clinton classifica não se discute, a Europa, a persistir nesta via, arrisca-se a ditar a sua própria marginalização «como centro de decisão do mundo» o que, aliado à marginalização que «já se verifica em termos económicos», nos atirará «para a periferia do desenvolvimento mundial».

Um frémito de horror percorre-nos a espinha. Imagine-se o que seria o mundo se os ANS não existissem!

■ Anabela Fino

KREMLIN
Realidade virtual

Pode dizer-se com sobejas razões que já nada pode espantar do que se passa no espantoso reino ieltsiano. Mas o espectáculo do dia 9 de Agosto, que a televisão (maldosamente?) transmitiu para todo o mundo, raiou os limites da realidade virtual. Uma cerimónia solene, minuciosamente preparada (apesar dos recuos forçados pela produção) para entronizar na máxima glória o novo/velho czar Boris, redundou numa farsa monumental. Não que lhe faltassem todos os condimentos de pompa e circunstância, os ingredientes da sacramentalidade religiosa e ritualidade autocrática, que a invocada memória histórica de Nicolau II há 100 anos atrás impunha. Mesmo o hino não desafiou, nem os soldadinhos de mascarada trocaram o passo ao cruzar a cena. Mas toda a enenação saiu furada pelo desempenho do actor principal. Qual um boneco de plástico movido por corda oculta, Ieltsine surgiu dos fundos movendo-se roboticamente no palco, para recitar em escassos segundos, mão direita pousada na sua Constituição, a fórmula mágica que o empossava no cargo que lhe foi destinado. E, poucos minutos passados, com a mesma pose hirta de autómatos, sumiu-se nos insondáveis bastidores. Longamente convaléscente dos frenéticos «rock-on-roll» e outras estafadeiras da campanha, regressou ao sanatório até *sine die* para, dizem, recuperar da «colossal fadiga», deixando aos regentes em exercício os momentosos cuidados da governação.

Ieltsine é já de há muito um presidente virtual. Os variados clãs e mafias que se digladiam, os conselheiros muitos e passageiros, os homens de mão para toda a obra, os poderes ocultos que manobram na sombra, já há muito que, mais que servirem Ieltsine, se serviam dele para des governar a Rússia e se governarem a si próprios. Ieltsine era um cavalo estafado. Tchernomirdine, Lebed, Chubais, agora na ribalta, e *tutti quanti* passados e vindouros, têm sem dúvida um papel efectivo, como Ieltsine teve o seu. Mas são os interesses «anónimos» do grande capital internacional e caseiro que comandam, como podem, o processo de restauração capitalista em curso na Rússia. Como podem, e não tem sido fácil, porque a realidade não é virtual.

Os rebeldes tchetchenos, praticamente em coacção com a pomposa cerimónia, anularam em três dias os avanços de três meses das tropas de Ieltsine: a tragédia da Tchetchénia está para durar, porque nunca a «via do diálogo» esteve nos propósitos de Ieltsine & Cia.

Os mineiros de carvão, dezenas de milhares, estão em greve, porque as promessas eleitoralistas de pagamento dos seus salários em atraso há muitos meses não foram cumpridas. E a luta começa a alastrar. E não só dos mineiros.

O Partido Comunista da Federação Russa prepara-se, simultaneamente, para dar corpo e voz política à vaga de descontentamento social que se prenuncia para o Outono, quando os esbanjamentos eleitoralistas da campanha ieltsiniana mais se fizerem sentir na já desesperada situação económica da Rússia; e, por outro lado, para concorrer em força às eleições municipais e regionais previstas para o fim do ano, tendo consolidado a coligação popular e patriótica que apoiou Ziuganov nas eleições presidenciais.

A realidade não é virtual. Para além das criações mediáticas e dos poderes fácticos às ordens do imperialismo e dos novos milionários russos, outras realidades mexem na imensa Rússia. E são elas que acabarão por determinar o seu destino.

■ Carlos Aboim Inglês

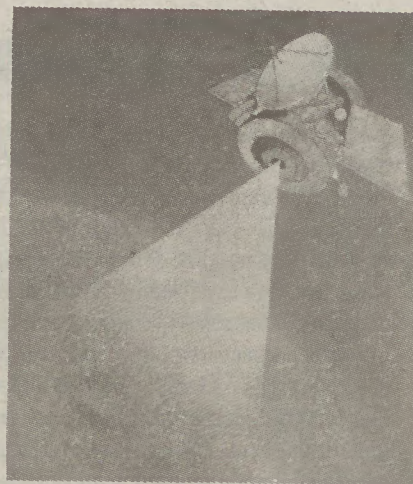
SEMANA

Vida em Marte?

Cientistas norte-americanos anunciaram ter descoberto a existência de indícios em Marte, há milhares de milhões de anos, de formas de vida primitivas. Trata-se de microorganismos unicelulares cujo aparecimento só poderá ter ocorrido no contexto de uma actividade biológica que terá tido lugar naquele planeta. A conclusão, anunciada pelo grupo de cientistas em conferência de imprensa na sede da NASA, baseia-se na análise de um meteorito proveniente de Marte que, garantem, terá caído na Terra há 13 mil anos. Suportada em técnicas de detecção química e de potentes microscópios, a investigação levada a cabo constatou a existência no meteorito de minúsculos aglomerados de minerais carbonados, isto é, de minerais incluindo o carbono, determinante para a formação da vida. Descoberta foi, nomeadamente, na proximidade destes aglomerados, a presença de moléculas orgânicas de compostos minerais semelhantes a compostos produzidos por microorganismos primitivos na Terra.

A par das manifestações de regozijo que a descoberta suscitou, corolário de uma aturada investição, não faltaram também prudentes reacções temperadas. Suportada em técnicas de detecção química e de potentes microscópios, a investigação levada a cabo constatou a existência no meteorito de minúsculos aglomerados de minerais carbonados, isto é, de minerais incluindo o carbono, determinante para a formação da vida. Descoberta foi, nomeadamente, na proximidade destes aglomerados, a presença de moléculas orgânicas de compostos minerais semelhantes a compostos produzidos por microorganismos primitivos na Terra.

A par das manifestações de regozijo que a descoberta suscitou, corolário de uma aturada investição, não faltaram também prudentes reacções temperadas. Suportada em técnicas de detecção química e de potentes microscópios, a investigação levada a cabo constatou a existência no meteorito de minúsculos aglomerados de minerais carbonados, isto é, de minerais incluindo o carbono, determinante para a formação da vida. Descoberta foi, nomeadamente, na proximidade destes aglomerados, a presença de moléculas orgânicas de compostos minerais semelhantes a compostos produzidos por microorganismos primitivos na Terra.



Questionado é, concretamente, o momento escolhido para esta divulgação. É que, como fazem notar vários observadores, não deixa de ser estranho que ele tenha coincido com o declarado desejo da NASA de ver retomados vários projectos - para os quais precisa de financiamentos - que envolvem indústrias aero-espaciais que perderam sentido com o fim da URSS.

"Coincidências", pois, que poderão ajudar a compreender as razões de tanta excitação, bem como a rápida vinda a terreiro dos entusiastas pela ideia de retomar em força a "conquista do espaço", tese que o próprio Bill Clinton, em período eleitoral, não desdenhou, saudando a descoberta e deixando no ar seu apoio ao reforço dos orçamentos para novas missões no espaço.



A pobreza em Portugal

Mais de dois milhões de portugueses vivem abaixo do limiar de pobreza, revela um estudo do economista Alfredo Bruto da Costa. Constituído essencialmente por pensionistas e empregados com baixos salários, este grupo distribui-se essencialmente pelas zonas rurais, sendo que a maioria (60 por cento) vive na região de Lisboa e Vale do Tejo.

Esta realidade assume contornos ainda mais dramáticos

se a avaliação for feita de acordo com critérios da União Europeia, elevando-se, neste caso, o número de pobres a cerca de 2,5 milhões.

Sobre o que não restam dúvidas, em qualquer dos casos, é quanto ao facto de Portugal registar a maior taxa de pobreza da União Europeia (25,2 por cento da população); muito distante, por exemplo, da Dinamarca onde este valor se situa nos 3,6 por cento.

Tragédia nos Pirinéus

Uma torrente de lama e rochas, originada após uma hora de chuva intensa, arrasou o moderno parque de campismo "Virgem das Neves", na localidade de Biescas, nos Pirinéus. Balanço da tragédia: 72 mortos, perto de duas centenas de feridos e um número indeterminado de desaparecidos. Em breves instantes, surpreendendo todos, o pesadelo instalou-se. O enquadramento do relevo montanhoso, propício ao descanso, deu lugar a um cenário dantesco para os cerca de 700

ocupantes do parque. Nada resistiu à força da avalanche que arrastou pessoas, árvores, caravanas, automóveis.

Nas primeiras horas, o trabalho das equipas de socorros foi dificultado devido ao corte da energia eléctrica e ao bloqueamento das estradas. Depois da inclemência do tempo, foi a subida da temperatura - solidificando as massas de lama - a complicar a tarefa de recuperação dos cadáveres.

Parque do Côa

Abriu oficialmente o Parque Arqueológico do Côa. Ao acto inaugural compareceram vários responsáveis governamentais, entre ministros e secretários de Estado, que tiveram ensejo de ouvir algumas explicações dos arqueólogos, dizendo-se encantados com o que viram e ouviram.

Desejando manter de um clima de paz e equilíbrio ambiental em todo o vale, os responsáveis pelo Parque apostam num turismo selectivo - em cada visita apenas terão acesso às gravuras 32 pessoas -, que permita adequadas condições de fruição deste museu ao ar livre.

Nesse sentido, as



visitas serão coordenadas sob a direcção de um dos três centros de recepção de turistas, a partir dos quais é estabelecido o programa da visita que os levará em jipes até junto das gravuras traçadas na pedras pelos nossos antepassados há mais de 20 mil anos.

Megaprojecto para Vilamoura

Um projecto multimilionário, com um investimento global na casa dos 100 milhões de contos, a desenvolver nos próximos dez a vinte anos, vai expandir o empreendimento turístico de Vilamoura. Na apresentação do megaprojecto, da responsabilidade da Lusotur (Sociedade Financeira de Turismo, S.A.), acto público que contou

com a nata do mundo empresarial e diversos membros do Governo, ficou a saber-se que o mesmo, segundo rezam os promotores, corresponderá em termos urbanísticos ao "melhor e mais moderno ordenamento do território".

Sem dúvida uma peculiar visão do

ordenamento, tanto mais que, de acordo com as informações oferecidas aos potenciais financiadores do projecto, os 793 hectares do empreendimento, onde se prevê uma oferta que atingirá as 25 mil camas, não estão propriamente vocacionados para acolher novas urbanizações, dado encontrarem-se parcialmente integrados na Reserva Ecológica e na Reserva Agrícola Nacional. Talvez a explicação resida no facto de Vilamoura ter sido um dos três empreendimentos que beneficiaram no final do mandato do anterior governo de um regime de excepção que os liberta de se sujeitarem às normas restritivas do Plano de Ordenamento do Algarve (PROTAL). Um regime de excepção que, curiosamente, teve como principal autor o secretário de Estado do Ordenamento do Território, João Pereira Reis, hoje consultor da empresa responsável pelo projecto em causa.

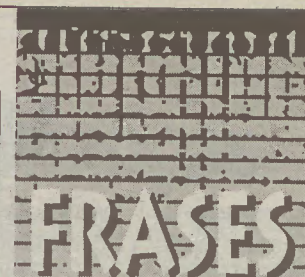
Instalação da Siemens

O anúncio da opção por Vila do Conde para a instalação da nova fábrica Siemens, em detrimento do concelho da Maia, está a motivar uma acesa controvérsia que levou já, entre acusações de favorecimento político-partidário, à demissão de Alberto Amaral do cargo de administrador do Parque de Ciência e Tecnologia do Porto. Esta decisão do Reitor da Universidade do Porto foi tomada em protesto contra a intromissão do Governo no processo de escolha do local para a instalação da

nova unidade da multinacional alemã, que, há uns anos atrás, recorde-se, encerrou uma fábrica no distrito de Setúbal. Alegam os opositores da decisão, entre os quais se inclui o presidente da edilidade preterida, Vieira de Carvalho, que esta interferência do Governo foi decisiva para que a escolha tenha recaído no concelho de Vila do Conde, presidido pelo socialista Mário de Almeida.

Neste contexto não falta quem acuse o Governo de sobrepor "critérios políticos-partidários

aos pareceres dos técnicos" e de ter "cedido ao aparelho do PS", única explicação plausível, dizem, para uma opção que privilegia a localização da fábrica, com um investimento na ordem dos 78 milhões de contos, numa área constituída na totalidade por reserva agrícola nacional e reserva ecológica, cujos terrenos ainda não estão adquiridos, desprezando a hipótese mais natural, o Parque de Ciência e Tecnologia, onde o Estado já investiu milhões de contos.



“O PS virou um partido queixinhas”

(Álvaro Dâmaso - «Público», 10.08.96)

“O PCP tem um destino marcado, seja ele qual for”

(Victor Cunha Rego - «Diário de Notícias», 8.08.96)

“Tudo isto é civilizado, simpático, suave. Numa só palavra: educado. Mas - perdoem a franqueza - soa a falso. Tanta «educação» traz consigo o inefável sabor a hipocrisia”

(Mário Mesquita, a propósito dos comunicados emitidos pela Direcção Editorial e pelo Conselho Geral do Público - «Diário de Notícias», 9.08.96)

“O professor (Marcelo Rebelo de Sousa) herdou uma situação escaldante e colocou a cabeça onde muitos se recusaram a pôr os pés...”

(Mendes Bota - «Semanário», 10.08.96)

“Vivemos numa «ditabranda» ou numa «democratura». Formalmente, as coisas apresentam um equilíbrio, mas existem mecanismos implacáveis de expressão do autoritarismo, da prepotência, do clientelismo”

(Padre Edgar Silva, comentando a política regional na Madeira - «Diário de Notícias» 12.08.96)

“Construiu-se uma democracia de cimento armado”

Idem, Ibidem

“No apoio social escolar estamos ainda na fase do papo-seco. Nem um copo de leite se dá às crianças. Entretanto, financiou-se o futebol profissional, empresas ligadas ao Governo e a própria Igreja Católica”

Idem, Ibidem

“O marxismo é uma das escolas do socialismo. É uma proposta de leitura histórica e política. Um projecto de sociedade. E os cristãos podem optar por essa escolha. Primeiro, o socialismo não me repugna absolutamente nada. Segundo, o marxismo não é nada incompatível com as opções de cristão”

Idem, Ibidem

“Portugal tem mais de dois milhões de pobres”

(título do «Expresso» 10.08.96)

“Já não vem longe o dia em que Portugal se tornará, de facto, uma província de Espanha”

(Editorial do «Expresso» 10.08.96)

TRABALHADORES

Firmeza, persistência e coerência acabaram por vencer

Acordo na Telecom para todos os trabalhadores

Ficou resolvido na semana passada, por acordo entre os sindicatos verdadeiramente representativos e a administração da Portugal Telecom, um dos mais graves problemas laborais criados no tempo de Luís Todo-Bom.

Quando os governantes do PSD decidiram reunir numa só empresa os TLP, a Telecom Portugal e a TDP, viram-se obrigados, por exigência dos trabalhadores, a contemplar na lei o princípio de que não haveria perda de direitos. Pouco tempo passado, a defesa dos direitos foi um dos principais motivos das acesas lutas travadas durante o ano de 1995.

A administração laranja da Portugal Telecom (com a anuência dos socialistas, como então foi notado) decidiu firmar um arremedo de Acordo de Empresa com estruturas de muito fraca representatividade. Só que, pretendendo ser um instrumento de regulamentação colectiva aplicável a todo o pessoal da PT e que visava uniformizar as condições de trabalho

(que variavam conforme a empresa a que o trabalhador estava ligado antes da fusão), a proposta de AE apresentada pelos homens de Todo-Bom continha violentos ataques a direitos conquistados e consagrados.

A recusa de tais propostas pelos sindicatos mais representativos deu lugar a nova ofensiva da administração, que decidiu só actualizar os salários aos trabalhadores filiados nas estruturas que aceitaram o retrocesso ou, numa nova fase, aos que aceitassem individualmente a aplicação do dito acordo.

No final de Março, quando Todo-Bom foi finalmente destituído, havia cerca de mil trabalhadores vítimas de discriminação salarial. Passados três meses, este foi um dos casos



Uniformizar as condições de trabalho, sem que nenhum trabalhador perdesse direitos adquiridos, foi uma das principais reclamações na origem das lutas desenvolvidas no final de 1994 e 1995 na Portugal Telecom (foto de arquivo)

mais insistentemente referido a Carlos Carvalhas pelos representantes dos trabalhadores,

durante a visita de uma delegação do PCP à empresa, a 21 de Junho.

«Grande vitória»

«Não conseguimos integralmente todas as nossas propostas, mas a alteração de cerca de 45 cláusulas, com a introdução de cerca de 90 alterações, todas para melhor, significa uma grande vitória dos trabalhadores», realça o Sindicato Nacional dos Trabalhadores das Telecomunicações, Comunicações e Audio-

visual. Num comunicado em que dá uma primeira informação sobre o desfecho das negociações, concluídas na madrugada de 5 de Agosto, o Sintel recorda que «praticamente tudo o que foi alterado» teve origem nas propostas apresentadas conjuntamente com a Federação das Comunicações, Telecomunicações e Audiovisual (FCTA/CGTP-IN) e demais sindicatos federados. Este AE, sublinha o sindicato, «jamais seria conseguido com aqueles que venderam e vendem os direitos dos trabalhadores».

Além das referidas 90 alterações no clausulado geral, o acordo contempla ainda um aumento salarial de 4 por cento, a vigorar desde 1 de Agosto, bem como actualizações de outras matérias de expressão pecuniária. Foram introduzidas alterações no modelo de carreiras profissionais e foi aceite, em protocolo, o compromisso de, no próximo ano, proceder à negociação de um novo modelo. Vai também ser negociada a redução progressiva do horário de trabalho.



Guardas-florestais conseguem compromisso

Confrontado com a convocação de uma greve nacional de guardas-florestais para 15 de Agosto, o Governo recebeu sexta-feira os representantes daqueles trabalhadores e firmou compromissos que levaram à suspensão da paralisação - informou a Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública.

Numa nota à comunicação social, a FNSFP refere os resultados da reunião de dia 9 com o secretário de Estado da Agricultura, expressos num protocolo subscrito por ambas as partes:

- ficou garantida a revalorização da carreira profissional dos guardas-florestais no prazo máximo de três meses;

- o Ministério vai publicar de imediato o Regulamento de Horário de Trabalho, já negociado com os sindicatos vai para um ano;

- terão início na próxima terça-feira, na Direc-

ção-Geral das Florestas, as negociações do Caderno Reivindicativo dos Guardas-Florestais.

Com a revalorização da carreira, deverão estar satisfeitos no prazo máximo de três meses, outras duas importantes reivindicações: a atribuição de uma bonificação no tempo de serviço para aposentação e a definição de regras de recrutamento dos novos efectivos.

A obtenção destes compromissos é considerada pela FNSFP como «uma importante vitória dos guardas-florestais, que vêem assim não só satisfeito o principal motivo da greve (abertura das negociações) como garantem prazos máximos de conclusão dos trabalhos».

Ao anunciar a suspensão da greve de amanhã, a federação acrescenta que «fará depender do evoluir das negociações a suspensão da greve e concentração já anunciadas para 5 de Setembro».

Jovens enfermeiros contra a precariedade

O Ministério da Saúde comprometeu-se a reunir com o Sindicato dos Enfermeiros Portugueses até ao final de Agosto, para finalmente apresentar a posição do Governo face às exigências do SEP e das comissões de jovens, que vêm reclamando o fim do emprego precário.

O compromisso foi assumido perante uma delegação que, na semana passada, se deslocou ao Ministério, no fim de um Encontro Nacional de jovens profissionais de enfermagem onde foram mais uma vez discutidos os problemas do emprego e do desemprego. Na nota de imprensa que divulgou sobre o assunto, o sindicato refere que os representantes dos jovens enfermeiros «consideram inadmissível que, face à real carência de enfermeiros existente no País (traduzida em cerca de 11 200 vagas libertas nos quadros das instituições públicas de saúde), o Ministério da Saúde fomenta a admissão dos enfermeiros através de formas de vinculação precária (recibo verde e contrato).

Os participantes no encontro de dia 5 deslocaram-se ao Ministério, com o objectivo de reclamar que imediatamente seja viabilizada a admissão de enfermeiros por contrato admi-

nistrativo de provimento, sem quotas de descongelamento. Exigiram ainda que todos os enfermeiros que trabalham actualmente por recibo verde ou com contratos a termo certo passem ao regime de contrato administrativo de provimento. Para que seja cumprida a lei, exigem que o Governo faça cessar de imediato a admissão de enfermeiros por recibo verde e contrato.

Nas reivindicações do encontro inclui-se ainda o estabelecimento, por negociação com o SEP, de um plano de emprego nacional para enfermeiros.

As exigências e os abaixo-assinados de apoio recolhidos a nível nacional foram entregues aos representantes do Ministério. Na informação divulgada pelo sindicato afirma-se que, «caso o Governo/Ministério da Saúde não viabilize as propostas apresentadas, os participantes no encontro decidiram realizar novo Encontro Nacional de jovens profissionais para decidir novas formas e dias de luta e continuar a denunciar situações irregulares que forem detectadas, num trabalho conjunto com o SEP e as comissões de jovens que integram».

MDM saúda atletas

Reunido na semana passada em Lisboa, o Secretariado Nacional do Movimento Democrático de Mulheres decidiu expressar publicamente as suas felicitações a todas as atletas portuguesas presentes nas Olimpíadas, em Atlanta, «pelo contributo para a valorização do desporto feminino em diferentes modalidades, como o ciclismo, ginástica, tiro, atletismo, judo e natação».

A nota de imprensa divulgada dia 8 salienta que «o desporto feminino, aos seus vários níveis, não tem sido devidamente apoiado pelas entidades competentes» e «não tem sido dinamizada uma mais larga prática desportiva pelas mulheres, nem tão pouco têm sido dados os incentivos necessários a que esta prática seja continuada e possa atingir bons níveis nacionais e internacionais, pelo que «é ilusório e abusivo criar uma enorme pressão pública sobre as atletas para a obtenção de medalhas». No mesmo documento o MDM anuncia que vai realizar em Novembro, com o apoio do pelouro do Desporto do Câmara Municipal de Lisboa, um congresso sobre «as mulheres e o desporto», iniciativa para que vai convidar as atletas olímpicas e outras praticantes de desporto. Ponto de referência no congresso será a Declaração de Brighton, aprovada na 1ª conferência internacional sobre as mulheres e o desporto, à qual o MDM aderiu e cujo objectivo principal consiste em «acelerar o processo de mudança, a fim de corrigir os desequilíbrios existentes no âmbito da participação das mulheres no desporto, assim como incrementar a sua participação a todos os níveis e em todas as funções e esferas de competência».

Barreiro encaminha lixo dos hospitais

Reagindo às frequentes notícias acerca de situações graves de falta de tratamento de lixos hospitalares, que põem em risco a saúde pública e exigem medidas adequadas da Administração Central, a Câmara Municipal do Barreiro divulgou na semana passada uma nota sobre a forma como este problema foi resolvido no concelho.

Em Janeiro passado, na sequência de um diálogo encetado em Junho de 1995 com unidades de saúde do Barreiro, a CMB, o delegado de saúde e o hospital distrital assinaram um protocolo para a eliminação dos lixos hospitalares contaminados. A este projecto, que arrancou em Março, já aderiram mais de 90 por cento das unidades de saúde produtoras de lixos que, segundo a legislação em vigor, são considerados como contaminados.

Num processo fiscalizado pelo delegado de saúde, a câmara fornece às unidades de saúde contentores apropriados, recolhe-os e transporta-os para o hospital distrital, onde são incinerados. A CMB recolhe ainda contentores com agulhas e seringas entregues pelas farmácias.

«Só a colaboração entre instituições, desenvolvida através de um diálogo aberto, tornou viável este projecto, como resposta alternativa à falência do processo de gestão destes lixos hospitalares tal como é preconizado na legislação existente», salienta a nota municipal.

«Verdes» em Tarouca

Dirigentes do Partido Ecologista «Os Verdes» deslocaram-se dia 8 a Mondim da Beira, no distrito de Viseu, para visitarem o local onde, em área da Reserva Ecológica Nacional, está a ser construída pela Câmara Municipal de Tarouca uma estação de tratamento de águas residuais. A visita foi efectuada «dando satisfação à solicitação das populações de Mondim da Beira», refere uma nota do PEV, recordando que, «face a algumas infracções legais do processo, «Os Verdes» questionaram já o Governo sobre a situação».

Cidades «sustentáveis» reúnem em Lisboa

A 2ª Conferência Europeia das Cidades e Vilas Sustentáveis decorrerá em Lisboa de 6 a 8 de Outubro, sob a presidência do vereador Rui Godinho, da Câmara Municipal de Lisboa, noticiou sexta-feira a agência Lusa. A iniciativa integra-se no movimento das autoridades locais visando o desenvolvimento sustentável, iniciado na Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro, em 1992, com a adopção da Agenda Local 21. O movimento prosseguiu com a realização, em 1994, da 1ª Conferência das Cidades e Vilas Sustentáveis (Conferência de Aalborg) e com o lançamento da Campanha Europeia das Cidades e Vilas Sustentáveis, que reúne cerca de 230 municípios europeus.

Na conferência, presidida na abertura pelo Presidente da República, participarão, entre outros, mais de 600 líderes políticos, dirigentes e quadros técnicos das mais importantes cidades e autoridades locais europeias, elementos do meio académico nacional e internacional e membros de organizações não governamentais.

Vimeca reduz serviços

Uma comissão de utentes de transportes públicos, em Belas, recolheu em apenas dois dias mais de 500 assinaturas de protesto contra a entrada em vigor dos horários de verão. O abaixo-assinado foi entregue no final de Julho à Vimeca, subsidiária da Lisboa Transportes.

«Em situação de desespero» com a batata e os bovinos

Agricultores protestam em Vagos

Cerca de três centenas de agricultores do concelho de Vagos participaram numa concentração para exigir preços justos para a batata e a intervenção do Estado no escoamento da produção nacional de gado bovino.

Respondendo ao apelo da Associação da Lavoura do Distrito de Aveiro (ALDA), os produtores concentraram-se dia 8, de manhã, junto ao Centro de Saúde de Vagos, durante cerca de meia hora, e dirigiram-se depois à Câmara Municipal.

Num documento entregue ao presidente do município e endereçado igualmente ao ministro da Agricultura e ao director regional de Agricultura da Beira Litoral, a ALDA alerta para a situação difícil em que está mergulhado o sector. «A situação em anos anteriores já era má, mas este ano agra-

vou-se ainda mais, estando muitos agricultores em situação de desespero», sublinha-se na missiva, colocada à aprovação dos manifestantes por Albino Silva, dirigente daquela associação.

No documento são apontados factos ilustrativos dos problemas graves com que se debatem os agricultores e criadores de gado:

— por cada quilo de batata é oferecido ao produtor, em média, cerca de 10 escudos por quilo, mas, para ter algum rendimento, seria necessário vender a, pelo menos, a 30 ou 35 escudos;

— no ano passado, um bezerro era vendido por valores entre os 35 e os 40 contos, enquanto hoje dão 23 contos pelo seu abate aos oito dias; por uma vaca, cujo preço de venda oscilava entre 100 e 120 contos, só querem dar hoje 30 contos.

Escoamento a preços justos

A ALDA, filiada na Confederação Nacional da Agricultura (CNA), exige do Governo a criação de «mecanismos para o escoamento da batata a preços justos» e de «um apoio financeiro a fundo perdido para o armazenamento, promoção e comercialização da batata, que permita no futuro

melhores preços aos produtores».

Em alternativa, a associação defende a instalação de «uma infraestrutura regional, espécie de entreposto gerido com a participação da lavoura, a financiar no quadro do PAMAF», que assegure o armazenamento do volume da produção regional e a colocação da batata nos mercados e nas grandes superfícies comerciais.

Quanto ao gado bovino, os agricultores de Vagos reclamam o seu escoamento «a preços razoáveis, com a intervenção do Estado», e apoios para a compra de alimentação para o gado. Exigem, também, a limitação das importações de carne bovina, «enquanto durar esta situação».

Defender os baldios no distrito de Viseu

Casos de atropelos ao direito das populações a usufruírem dos baldios como bens comunitários foram recentemente denunciados pelo Secretariado dos Baldios do Distrito de Viseu. No mesmo comunicado é valorizada a determinação dos povos na defesa do seu património.

A Junta de Freguesia de Cambra (Vouzela) vendeu terrenos baldios na localidade de Mogueirães, contra a vontade da população, que já apresen-

tou queixa ao Ministério Público e se prepara para accionar mecanismos judiciais que anulem tal venda, considerada ilegal e ilegítima e violadora da lei 68/93 (lei dos baldios).

A população de Mogueirães, refere o comunicado, pretende constituir uma assembleia de partes, que assuma a administração dos baldios e os defenda «dos abusos e ilegalidades da Junta de Freguesia». A aldeia vive em grande parte da pastorícia, localizando-se nos

baldios importantes áreas de pastagem. «As máquinas já avançaram para o terreno e a população promete avançar também em defesa do seu património e em nome da sua sobrevivência», diz o Secretariado, que garante «todo o seu apoio» aos populares.

Uma acção movida pela Administração Florestal de Amarante contra a Câmara Municipal de Cinfães, por no ano passado ter lançado fogo a uma lixeira instalada no bal-

dio de Cinfães, provocando um violento incêndio que destruiu 20 hectares de pinhal e matos, levou o tribunal a ordenar que permaneçam em residência fixa, a aguardar julgamento, o presidente do município, a vice-presidente e um fiscal.

O Conselho Directivo dos Baldios de Cinfães prepara-se para apresentar outra acção contra a Câmara por esta se recusar a retirar a lixeira do baldio.

PCP em Odivelas exige direito de resposta

Os vogais do PCP na Junta de Freguesia de Odivelas exigiram o direito de resposta às acusações contidas no último número do boletim da autarquia e que visam «credibilizar a decisão de retirar os pelouros delegados a estes eleitos», como refere um comunicado da comissão de freguesia do Partido.

Os comunistas reafirmam que os seus vogais, eleitos nas listas da CDU, «são membros da JF de Odivelas no pleno exercício do seu mandato, sendo pois abusiva a utilização de dinheiros públicos para divulgar profusamente no boletim da autarquia calúnias que visam denegrir o bom nome dos visados, silen-

ciar a actividade que desenvolveram e desenvolvem, com pelouros ou sem eles».

Domingos Marques e Fernanda Mateus reclamaram na última reunião do executivo autárquico que, «pelos mesmos circuitos de distribuição» que o boletim da Junta, seja dada informação à população acerca da actividade

desenvolvida pelos dois vogais comunistas, antes e depois de o presidente lhes ter retirado os pelouros (com o apoio das direcções locais do PS e do PSD).

«As crescentes insatisfações de sectores da população face à degradação de aspectos da vida urbana, a que a Junta de Freguesia se mostra incapaz de dar resposta, apesar de ter o dever de intervir e possuir meios financeiros e humanos para essa acção, a maioria PS, com o apoio do PSD, opta por permanentes manobras de diversão política, utilizando os meios autárquicos para dar suporte à sua estratégia partidária», acusa o PCP, considerando que «o boletim da JF deveria constituir um importante instrumento de informação das populações sobre as competências e meios financeiros disponíveis nesta autarquia e sobre o grau de cumprimento dos planos de actividade».

CAMARADAS FALECIDOS

Vilarinho Raposo

Faleceu no dia 9 de Agosto o camarada Vilarinho Raposo, professor, de 74 anos.

Militante do PCP há mais de 50 anos, desenvolveu a sua mais recente actividade no Sector Intelectual e na Organização Concelhia de Coimbra, de cuja comissão era membro.

O camarada Vilarinho Raposo deixa profundas marcas nos locais onde desenvolveu a sua actividade (Porto, Ilha terceira, Bragança e Coimbra). Era actualmente presidente da Casa de Trás-os-Montes, em Coimbra.

No seu funeral incorporaram-se numerosos amigos e camaradas, entre os quais muitos intelectuais, colegas e discípulos. O camarada Dias Lourenço, seu amigo de longos anos, enalteceu «as qualidades humanas de pedagogo, de democra-

ta, lutador antifascista e de comunista que sempre norteram a vida do camarada Vilarinho Raposo».

Abel Pato

Faleceu no dia 7 de Agosto, com 75 anos, depois de prolongada doença, o camarada Abel Rodrigues Pato. Natural de Vila Franca de Xira, o camarada Abel Pato era militante do PCP desde a década de 60, tendo passado pelas prisões da PIDE. O falecido era irmão do camarada Octávio Pato, membro do Secretariado do Comité Central do PCP.

Aos familiares e amigos dos camaradas falecidos o colectivo do «Avante!» apresenta sentidas condolências

Faleceu Manuel da Silva

Uma vida dedicada à luta

Faleceu no passado dia 7 o camarada Manuel da Silva. Destacado militante comunista, a sua vida foi inteiramente dedicada à luta pela liberdade e às grandes causas da democracia, do socialismo e do comunismo, em que se integram trinta anos consecutivos de luta na clandestinidade.

Manuel da Silva nasceu em 27 de Agosto de 1908, na vila ribatejana de Constância, mas foi em Lisboa, onde passou a viver a partir de 1919, que iniciou o seu longo percurso de militante comunista.

Em 1932, quando frequentava o curso de montador electricista, entrou para o núcleo da Juventude Comunista da Escola Industrial Afonso Domingues e no ano seguinte filiou-se no Bloco Académico Antifascista.

Tinha 24 anos quando, em 1933, foi preso a primeira vez pela polícia política que então se denominava PDPS - Polícia de Defesa Política e Social, uma das antecessoras da PIDE.

Em fins de 1934 entrou para o Partido e, em 1935, na qualidade de membro do Comité Regional de Lisboa do PCP, foi responsável pela tarefa de Agitação e Propaganda. Nesse mesmo ano filiou-se na Secção Portuguesa do Socorro Vermelho Internacional.

Em 1936 foi preso pela segunda vez e deportado para a Fortaleza de Angra do Heroísmo onde cumpriu 26 meses de prisão. Libertado em fins de 1939, retomou a actividade partidária.

Trabalhando como motorista de táxi, em Lisboa, realizou diversas tarefas para o Partido. Transportava no seu carro camaradas responsáveis nas suas deslocações e mudanças de instalações clandestinas, levando até à fronteira camaradas do PC Espanha para regresso clandestino ao seu país e, simultaneamente, ia organizando para a luta reivindicativa os motoristas de táxi seus colegas ou, como ele gostava de dizer, os homens da sua classe.

Em 1945 passou a funcionário do Partido. Nessa sua nova situação, e com mais responsabilidades, foi residir para uma casa clandestina no Algarve. A partir daí, foi uma longa caminhada de quase meio século de luta clandestina num percurso de 64 anos de militância política.

Em 1946, participou no IV Congresso do Partido como delegado do Algarve a quem coube dar uma informação sobre o estado da organização nessa região.

Foi na luta, sofrendo as privações e a dureza da vida clandestina, quer no desempenho das tarefas mais modestas, quer nas de maior responsabilidade,

levando à classe operária e às massas populares a orientação do Partido, difundindo as suas palavras de ordem e organizando os trabalhadores, que Manuel da Silva, a sua geração e outras gerações de comunistas forjaram a sua ténpera, deram exemplos de coerência e dedicação, fizeram crescer o Partido Comunista Português e contribuíram para fazer dele a mais importante força política que se opôs ao fascismo.

A partir de 1950, sucedendo a José Moreira, após o assassinato deste pela PIDE, Manuel da Silva passou a ser o responsável pelas ligações com as tipografias clandestinas do Partido, tarefa que desempenhou até 1963. Em 1957 participou no V Congresso do Partido, tendo sido eleito para o Comité Central. Em 1963 passou a integrar o Comité Local do Porto. A partir de 1968 passou a trabalhar com o Secretariado do Comité Central, coordenando o aparelho de passagens clandestinas de fronteira.

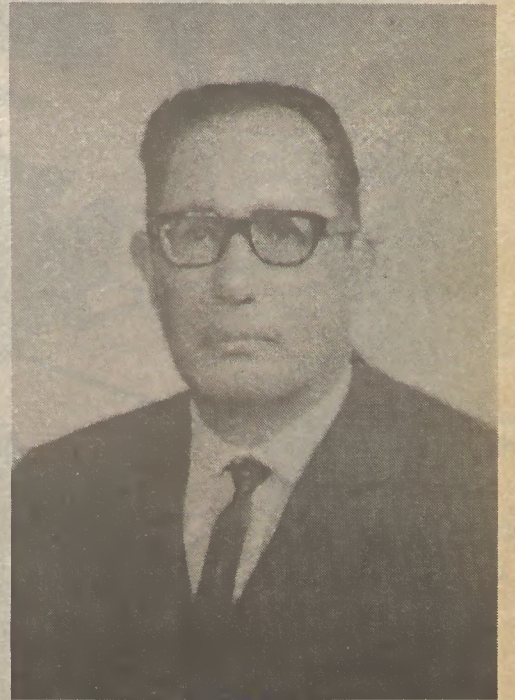
A audácia de que deu provas em vários momentos de perigo, ficou bem demonstrada quando em 1961 dois agentes da PIDE o prenderam numa rua de Campolide. Num gesto rápido, deu uns encontrões nos pides e correu a refugiar-se num prédio fechando a porta. Enquanto um dos agentes foi telefonar e o outro ficou a guardá-lo à porta, foi-se juntando um grupo de pessoas a quem Manuel da Silva explicou que era comunista e estava a ser perse-

guido. Num momento propício, deu um empurrão no agente e fugiu. Logo toda a gente, numa onda de solidariedade, "cercou" o pide impedindo-o de ir em perseguição do Manuel da Silva que assim manteve a liberdade.

O 25 de Abril veio encontrá-lo, a si e à sua Maria, a companheira de tantos anos de luta e perigos - a camarada Maria Gertrudes -, em Vila do Conde, numa casa clandestina, às vésperas do último encontro que o iria substituir nas suas tarefas para que ele pudesse regressar de novo às tipografias clandestinas.

Depois dessa data, conquistada a liberdade e a actuação legal do PCP, nas novas condições, continuou a desempenhar com o mesmo ânimo revolucionário e a modéstia que sempre o caracterizou outras tarefas que só abandonou quando o seu estado de saúde a isso o obrigou.

No Algarve com os conserveiros de Portimão e Vila Real de Santo António ou com os corticeiros de Silves, nas Beiras com os têxteis da Covilhã e Tornosendo, passando pelo Ribatejo, pelo Oeste, por Trás-os-Montes, pelo Porto e



muitos, muitos outros lugares, ficou a vida de um comunista.

Foram tantos os caminhos percorridos na sua actividade de militante comunista quantos os nomes usados, os disfarces utilizados e as profissões atrás das quais ocultava a sua verdadeira identidade para iludir a polícia. Negociante de gado, delegado de propaganda médica, mecânico de máquinas têxteis... Aqui foi o Ricardo, ali o Rogério, mais além o Castro, o Ivo...

Para nós será sempre o Manel da Silva, ou, simplesmente, o Manel.

Depois do 25 de Abril foi-lhe atribuída a Ordem da Liberdade.

Álvaro Cunhal:

"Um exemplo para todos nós"

Após ter estado em câmara ardente no Centro de Trabalho do PCP em Alcântara, por onde passaram muitos camaradas e amigos, o corpo de Manuel da Silva foi levado sob a bandeira do PCP para o Cemitério da Ajuda, sexta-feira passada, onde lhe foi prestada uma sentida homenagem.

No último adeus, usou da palavra o camarada Álvaro Cunhal, presidente do Conselho Nacional, referindo-se à sua vida e luta nos seguintes termos:

Ao despedirmo-nos de Manuel da Silva, camarada cuja vida é um exemplo para todos nós, é nossa obrigação corresponder ao que foi uma das suas grandes virtudes: a modéstia.

Se ele - companheiro desde sempre - tivesse sabido (e poderia tê-lo sabido) que, morrendo ele primeiro, eu viria aqui dizer algumas palavras, seria certamente seu desejo que elas fossem tão simples como simples ele sempre foi na vida.



Não pois um discurso. Mas apenas um adeus, do seu Partido, do nosso Partido.

Porque a luta ao longo de todos esses longos anos conduzida com energia infatigável e com numerosas provas de valentia, foi também sempre conduzida sem procurar recompensas, prémios ou promoções além da confiança de todo o Partido, que soube ganhar, e a alegria revolucionária que dá a consciência do valor do trabalho que se realiza.

Deixa-nos ao aproximar-se dos 90 anos e foi comunista toda a sua vida. Comunista por consciência política. Comunista por total entrega à luta pelo nosso ideal.

Primeiro nas Juventudes Comunistas. Depois mais de 60 anos no Partido.

Conheceu os interrogatórios na PIDE, a sinistra Fortaleza de Angra e outras prisões. E o assombro de 30 anos de vida clandestina, sempre no interior do país, perseguido e procurado pelos esbirros da PIDE, - tendo sempre a seu lado, companheira de vida e de luta, das privações e dos perigos, a nossa querida camarada Maria Gertrudes, aqui hoje presente e que acompanhamos na sua dor.

Vida inteira de luta, cumprindo das mais perigosas tarefas. daquelas de que pouca gente fala. Mas de que dependem muitas outras.

Desenvolvimento da organização em Lisboa, no Norte, no Centro, no Sul.

Desenvolvimento da luta operária.

Ligação com tipografias clandestinas, donde saía o "Avante!", outra imprensa e publicações do Partido.

Aparelhos de passagem clandestina de fronteira, que asseguravam saídas e entradas do país e as relações internacionais.

Tarefas importantes no quadro do desenvolvimento da actividade e da luta política e de massas do Partido Comunista Português, como força principal da resistência contra a ditadura fascista e da luta pela liberdade.

Lembrando a vida e a luta de Manuel da Silva, é justo lembrar também a vida e a luta de tantos outros camaradas, das quais a sua foi inseparável, gerações de homens e mulheres que, tal como Manuel da Silva, deram tudo de si próprios (muitos a vida, assassinados a tiro ou com as torturas da PIDE) para pôr fim à ditadura, para a conquista da liberdade e da democracia.

A tais militantes, homens e mulheres, o povo português deve em larga medida a liberdade que conquistou depois de meio século de terror fascista.

É não só justo mas necessário lembrá-lo, quando hoje há quem pretenda que o povo e a história esqueçam, o que foram 48 anos de

terror fascista, que esqueçam os sofrimentos do povo, que esqueçam quem foram os autores e responsáveis da ditadura, que ignorem ou esqueçam quem esteve sempre ao lado dos trabalhadores, ao lado do povo, quem nesses anos de terror foram os que lutaram corajosamente pela liberdade e a democracia.

Quando ressuscitam homens do passado e surgem seus continuadores no presente procurando branquear o fascismo, a que chamam "o regime anterior", acusando e caluniando o PCP e - tal como Salazar fez - afirmando-se eles "os verdadeiros democratas".

É não só justo mas necessário lembrá-lo para que se compreendam as raízes profundas da luta do PCP, sempre com os trabalhadores, com o povo, com o país, sempre na luta pela liberdade, a democracia, a independência nacional - partido dedicado, convicto e confiante, grande partido da resistência à ditadura, partido que atravessou as mais duras provas, partido que teve um papel determinante nas conquistas democráticas da revolução de Abril, partido que, desmentindo o que teimam em proclamar as forças ao serviço da exploração capitalista, não está morto nem para morrer, mas vivo e no com... como sempre.

Se, por lei da natureza, morrerem militantes também, cada dia com a entrada no Partido, nascem novos comunistas.

É para nossa alegria, na hora actual, muitos daqueles que tomam a decisão de se tornar membros do Partido são jovens, como jovem era Manuel da Silva quando tomou tal decisão. E este facto dá-nos reforçada confiança, não só na actuação e papel presente do Partido, como no seu futuro.

Nos últimos anos, já gravemente atingido pela doença, Manuel da Silva acompanhava os acontecimentos com a serenidade de sempre.

Porque sabia que a difícil situação actual será ultrapassada e a nefasta política actual acabará por ser derrotada e dar lugar a uma política democrática.

Porque sabia que, aprendendo com a vida e respondendo às transformações e às mudanças em Portugal e no mundo, o Partido - a luta do qual consagrou a sua vida - continua a ser necessário, indispensável e insubstituível ao povo português e a Portugal.

Porque com razão confiava, como toda a vida confiou mesmo nas mais duras, complexas e desesperadas situações, que é o povo que terá a última palavra.

Porque - não por fé mas por convicção fundamentada nas realidades do mundo que cada dia lhe dão maior fundamento - não é ao capitalismo mas ao comunismo que o futuro pertence.

Manuel sabia que, quando a morte o tocasse, a luta continua.

INTERNACIONAL

Forum de S. Paulo

Um espaço de encontro anti-imperialista

— Entrevista com Aurélio Santos

Como o «Avante!» noticiou a semana passada, o VI encontro do Forum de S. Paulo reuniu na capital de El Salvador inúmeros representantes de diferentes forças políticas progressistas de todo o mundo. O PCP, convidado a participar no evento, fez-se representar pelo camarada Aurélio Santos, membro do CC, que numa breve entrevista falou ao nosso jornal sobre uma iniciativa que, vivendo no coração da América Latina, está a abrir um espaço de encontro e de reflexão sobre as grandes questões que afectam a humanidade.

"Forum de S. Paulo": o que significa esta iniciativa no actual contexto mundial?

O Forum, no documento final deste VI Encontro, afirmou-se (e cito o documento) como "um espaço anti-imperialista de encontro, acção, solidariedade e formulação de projectos alternativos no movimento democrático e revolucionário da região" - ou seja, da América Latina e das Caraíbas.

E porque a participação do PCP numa iniciativa que tem como tema questões da América Latina?

O PCP tem, como se sabe, um amplo conjunto de relações internacionais, que não abrangem apenas partidos comunistas mas também outras forças políticas progressistas e revolucionárias, não só da Europa como de muitos outros países da África, da Ásia e da América Latina, designadamente muitas que estão integradas no Forum de S. Paulo.

Por outro lado, é bem conhecido o nosso posicionamento e interesse quanto aos problemas abordados no Forum e a favor da cooperação intencional, nas mais variadas formas, no que diga respeito à luta pela liberdade e democracia, pela independência nacional e o progresso social, contra o imperialismo. O reconhecimento que o nosso partido tem no plano internacional traduz-se, aliás, em muitas iniciativas como a Festa do "Avante!" e em muitos e diversificados contactos bilaterais e multilaterais com partidos e organizações de todos os continentes. Tudo isso explica o convite que nos foi feito e a participação que temos tido em todos os seis Encontros do Forum já realizados.

Aliás o Forum, desde o seu I Encontro em S. Paulo, em 1990, tem convidado partidos e organizações de outros continentes e do Norte da América para os seus Encontros.

Isso significará que se está criando um novo tipo de organização internacional?

De modo nenhum. Nem pela sua composição, muito heterogénea, nem pelo tipo de relacionamento, nem pelo conteúdo da sua actividade. E também isso não corresponderia às condições e ao quadro actual, no plano internacional.

Mas o Forum é, sim, uma forma e uma ocasião muito válida de encontro, debate e refle-

xão de forças de esquerda, democráticas, revolucionárias e socialistas, com projectos e objectivos diferentes, sem dúvida, mas com preocupações comuns e convergências possíveis em várias questões do mundo actual.

No quadro da grande dispersão das forças progressistas que actualmente se regista à escala mundial (e de que o imperialismo se aproveita) iniciativas como o Forum de S. Paulo são de grande mérito, mais ainda tendo em conta a continuidade que tem conseguido manter.

Quais foram os temas, os posicionamentos e conclusões mais significativas neste VI Encontro?

O Forum de S. Paulo não tem um fundamento ideológico, mas sim político. E funciona, fundamentalmente, na base de consensos.

Isto, se limita as linhas de

O balanço feito aos 10 anos de aplicação dos modelos neoliberais nos países latinoamericanos concluiu que, apesar de alguns pequenos nichos de desenvolvimento económico, o seu resultado global foi a deterioração profunda da Natureza e do meio ambiente (um problema muito sentido na América Latina) e o alargamento da "brecha social", com o agravamento das já muito baixas condições de vida das imensas maiorias empobrecidas do continente.

acção e objectivos concretos de âmbito mais geral, tem por outro lado garantido a sua estabilidade no quadro muito complexo que é a esquerda latinoamericana, permitindo, assim mesmo, dar passos no sentido da sua cooperação à volta de questões concretas.

Para este VI Encontro o tema central proposto era a apresentação de "alternativas para enfrentar o plano neoliberal" e as suas consequências no continente, bem como iniciativas continentais em temas como a migração, os direitos e a participação da mulher, o meio ambiente, o trabalho parlamentar e a cultura e identidade.

O balanço feito aos 10 anos de aplicação dos modelos neoliberais nos países latinoamericanos concluiu que, apesar de alguns pequenos nichos de desenvolvimento económico, o seu resultado global foi a deterioração profunda da Natureza e do meio ambiente (um problema muito sentido na América Lati-

na) e o alargamento da "brecha social", com o agravamento das já muito baixas condições de vida das imensas maiorias empobrecidas do continente.

No debate sobre estas questões, interessará referir, assinalou-se que o chamado neoliberalismo não é mais do que a forma actual e concreta do capitalismo (e a sua capa doutrinária, propagandística e ideológica, assinalaram outros) e que os problemas sociais por ele suscitados são, em última análise, os do capitalismo.

Em relação às alternativas, foi também levantada por vários participantes a necessidade de definir o seu carácter socialista, pois a questão não está em escolher entre um neoliberalismo

ao Forum, organizado pela FMLN, com a participação de 10.000 pessoas, foi uma grande manifestação da sua implantação popular e do papel que desempenha, agora como partido político, no processo de democratização do país, em curso desde há 2 anos, e alcançado após 12 anos de uma heróica luta armada.

Os trabalhos do Forum, para além das sessões plenárias, decorreram também em Secções que depois levaram à aprovação de resoluções sobre os direitos dos trabalhadores migrantes e suas famílias, a inclusão na legislação dos Estados do chamado "delito ecológico", os problemas das mulheres e dos jovens e outras questões.

Na Declaração final do Encontro refere-se o projecto de realizar um Encontro Euro-latinoamericano na Europa, no próximo ano. De que se trata?

Foi uma questão levantada na secção do diálogo entre o Grupo de Trabalho do Forum e os partidos europeus presentes. Desde há várias sessões tem sido manifestado o desejo do desenvolvimento de formas de contacto e cooperação entre o Forum e forças democráticas e de esquerda da Europa (noutra das Secções deste VI Forum. Tratou-se do diálogo entre o Grupo de Trabalho e organizações dos Estados Unidos e Canadá).

O Plenário, após a discussão na Secção, aprovou que "o Grupo de Trabalho do Forum realize consultas com sectores representativos da esquerda europeia para estabelecer em que condições tal encontro se poderá realizar", tendo como pontos centrais os processos de mundialização e as relações entre a União Europeia e a América Latina.

Será uma das questões a estudar cuidadosamente e após as consultas e acordos necessários. Como se compreende, o PCP acompanhará com a devida atenção a sua evolução, ponderando-a em todos os seus aspectos.



Sabia que...

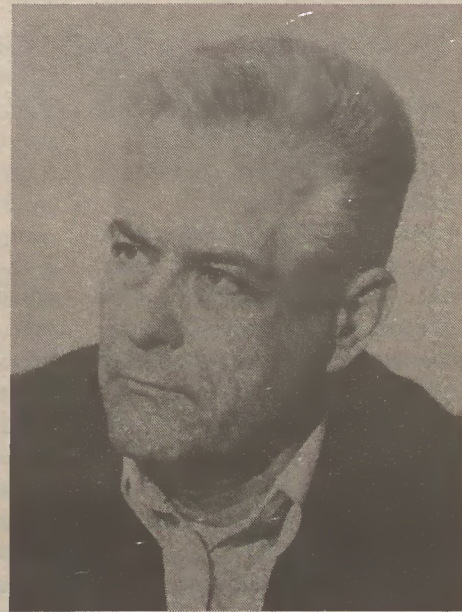
A primeira reunião desta iniciativa realizou-se na cidade de S. Paulo, em 1990, com a participação de 48 organizações e partidos políticos. As sessões seguintes do Forum realizaram-se na cidade do México (1991), Manágua (1992), Havana (1993) e Montevideo (1994).

A VI Sessão do Forum de S. Paulo realizou-se de 26 a 28 de Junho, com a participação de 187 delegados de 52 organizações membros, 144 organizações convidadas (entre as quais o PCP) representadas por 289 participantes e 44 observadores pertencentes a 35 organizações da América, Europa, Ásia e África.

Actualmente, os partidos membros do Forum representam 30% dos votos na América Latina e Caraíbas, mais de 300 deputados, 60 senadores e centenas de Presidentes de Municipalidades.



FORO DE
VI ENCUENTRO
SAO PAULO
EL SALVADOR, 1994



INTERNACIONAL

Coreia do Norte É urgente o auxílio às vítimas das inundações

As chuvas torrenciais que no mês de Julho afectaram a República Democrática Popular da Coreia (RPDC) deixaram atrás de si um dramático rasto de morte, destruição e dor, agravado por perdas consideráveis de culturas que fizeram surgir no horizonte o espectro da fome.

Segundo uma nota do Ministério dos Negócios Estrangeiros da RPDC, as catástrofes naturais afectaram gravemente 117 cidades e aldeias de oito províncias, destruindo casas, edifícios públicos, fábricas, explorações agrícolas, vias de comunicação, provocando prejuízos orçados, numa primeira estimativa, em cerca de 1,7 mil milhões de dólares.

O impacto do desastre é devastador, tanto mais que o país vem sendo flagelado, nos últimos anos, por sucessivas calamidades. Em Setembro de 1994, uma tempestade destruiu 170 000 hectares de terras de cultivo, provocando a perda de 1 020 000 toneladas de cereais na província de Hwanghae, o maior centro cerealífero do país; em Agosto de 1995, a maior

inundação dos últimos cem anos reduziu a produção nacional de arroz e milho em mais de dois milhões de toneladas e arrastou cerca de um milhão de toneladas de arroz em stock. O prejuízo ascendeu a 15 mil milhões de dólares.

Os graves problemas económicos e sociais resultantes desta situação lançaram o país num esforço colossal de reconstrução, que em certos sectores configura uma verdadeira luta pela sobrevivência. Um esforço apoiado, segundo as autoridades da RPDC, por «diferentes países do mundo e organizações internacionais», através da ajuda material,

«incluindo alimentos e medicamentos».

A assistência humanitária, fundamental para os norte-coreanos que tanto têm sofrido nos últimos anos com as catástrofes naturais, é no entanto ainda insuficiente. A comunidade internacional, numa vergonhosa cedência às pressões japonesas e norte-americanas, tarda em dar uma resposta à altura das necessidades. Com efeito, tanto o Japão como os EUA decidiram, de forma miserável, aproveitar as debilidades causadas pelas intempéries para flagelar um regime que consideram hostil, indo ao cúmulo de

impedir a adopção de medidas de auxílio a pretexto de que o mesmo contribuirá para reforçar o regime norte-coreano e ajudar aos seus alegados preparativos de guerra.

Este procedimento, verdadeiramente criminoso, não pode ser aceite pela comunidade internacional.

O povo norte-coreano precisa de ajuda. As vítimas das catástrofes não podem ser utilizadas como meros instrumentos de uma iníqua campanha do imperialismo, insaciável na sua fome de dominação. É de vidas humanas que se trata. A comunidade internacional não o pode ignorar.

Neonazis

A polícia alemã anunciou sexta-feira o desmantelamento de um centro de formação neonazi em Kromlau, perto da fronteira polaca, e a detenção de oito extremistas de direita, presumivelmente envolvidos num assalto a um parque de campismo. Os neonazis, com idades entre 15 e 21 anos, membros do grupo Espectro dos jovens nacionalistas, devem ser acusados por ferimentos corporais graves e difusão de propaganda contrária à Constituição, disse a polícia.

O tribunal ordenou a prisão preventiva de seis dos oito detidos.

A polícia descobriu o centro, utilizado por extremistas vindos de toda a Alemanha, quando investigava o ataque de 2 de Agosto contra um parque de campismo em Kromlau, em que ficou ferido um turista de 18 anos.

No centro, segundo notícias divulgadas pela Lusa, foi encontrado material de propaganda, peças de uniformes e cassetes fazendo a apologia do nazismo.

Namíbia

A Namíbia vai receber da Alemanha um empréstimo da ordem dos 30 milhões de dólares namibianos (sete milhões de dólares norte-americanos), para a construção de uma auto-estrada que ligará a cidade portuária de Walvis Bay ao Botsuana, Zâmbia e África do Sul.

Com este empréstimo, ascende a 200 milhões de dólares namibianos a contribuição total alemã para o projecto, segundo informação da embaixada da Alemanha em Windhoek.

No mês passado, a Alemanha entregou à Namíbia 114,3 milhões de dólares namibianos para ajuda ao desenvolvimento daquele país, um terço dos quais serão utilizados na melhoria do sistema de irrigação.

A Namíbia, independente desde Março de 1990, foi um protectorado alemão, desde 1884 até ao fim da Grande Guerra de 14-18, altura em que o território passou a ser dominado pela África do Sul.

Ulster

A tensão na Irlanda do Norte voltou a subir, no domingo, com vários incidentes na cidade de Londonderry, apesar da época das marchas protestantes ter terminado sábado sem incidentes.

Cerca de cem manifestantes do bairro católico de Bogside, daquela cidade, lançaram bombas contra a Polícia Real do Ulster e incendiaram vários veículos. A polícia respondeu, disparando balas plásticas, tendo conseguido restaurar a ordem com o apoio de forças de segurança. Os distúrbios ocorreram apesar de sábado, por acordo tácito entre católicos e protestantes, a Marcha dos Jovens Aprendizizes ter decorrido sem confrontos, e os católicos terem cancelado uma manifestação planeada para coincidir com a marcha protestante. Os distúrbios católicos de domingo antecederam uma marcha e um comício, organizado pelo Partido Sinn Féin, a ala política do IRA, no centro de Belfast, a capital da Irlanda do Norte. O comício assinalou o 25º aniversário da ordem do governo britânico de «internamento sem julgamento» de pessoas suspeitas de actos terroristas, que causou na década de 70 grande violência e muitas mortes.

Contrariando Washington Turquia negocia com Irão e Iraque

Numa altura em que as relações entre Washington e Teerão parecem deteriorar-se diariamente, um dos principais aliados dos EUA na região, a Turquia, dá passos significativos para estreitar as suas relações com o Irão.

O chefe do governo turco, Necmettin Erbakan, visitou o Irão no passado fim-de-semana, na sua primeira visita oficial a um país estrangeiro. A iniciativa não surge por acaso: o Irão foi o país que recebeu com mais entusiasmo a subida de um político islâmico ao poder na Turquia, facto aparentemente susceptível de ultrapassar divergências e que parece ter relegado para segundo plano esse outro facto de a Turquia ser o principal aliado dos Estados Unidos na zona.

O curioso da questão é que a aproximação entre os dois países se registou justamente quando se deterioraram seriamente as relações entre Washington e Teerão, na sequência da recente promulgação por Bill Clinton da lei Kennedy-D'Amato, que

prevê sanções automáticas para as empresas petrolíferas estrangeiras que invistam mais de 40 milhões de dólares/ano nos sectores energéticos da Líbia e do Irão.

E foi justamente para investir em gás natural que o primeiro ministro turco se deslocou ao Irão.

A iniciativa do chefe do governo de Ancara, segundo a imprensa turca, surpreendeu Washington, que enviou de imediato uma advertência diplomática ao governo de Erbakan.

O próprio senador norte-americano Alfonse D'Amato disse em carta enviada ao secretário de Estado, Warren Christopher, que a «provocatória viagem» do primeiro-ministro turco é «um desafio directo à política dos



A lei D'Amato assinada por Clinton não convence nem os aliados mais fiéis dos EUA

Estados Unidos de isolar o Irão».

As autoridades turcas reagiram de imediato, afirmando não admitir ingerências na orientação da sua política externa. O presidente da Turquia, Suleiman Demirel, declarou que o seu país não necessita de autorização dos Estados Unidos para viajar, mas insistiu em que Washington entenderá que a Turquia «tem grande vantagem em utilizar o gás natural iraniano».

A Turquia espera receber nos

próximos 23 anos 2 000 milhões de metros cúbicos anuais de gás natural do Irão.

Entendimentos

Para além dos aspectos económicos, Erbakan levou em carteira outros planos. Não é por isso de estranhar que a visita tenha servido para anunciar um entendimento dos dois países na cooperação militar destinada a reprimir as actividades de «grupos hostis» na fronteira comum. É dos curdos que se trata, e esta é mais uma matéria em que autoridades iranianas e turcas estão de acordo. O primeiro-ministro turco afirmou claramente que o seu país «não permite qualquer actividade dirigida contra o Irão a partir de solo turco», o que equivale a dizer esperar reciprocidade do seu vizinho.

Entretanto, no domingo, o guia espiritual da República Islâmica do Irão, ayatolla Ali

Khamenei, pediu à Turquia que «corte as suas relações recentes com Israel».

Após um encontro com Necmettin Erbakan, Ali Khamenei afirmou que a Turquia agiria de acordo com os interesses turcos se cortasse as relações com Israel. Segundo o ayatolla, «o regime sionista é uma entidade muito perigosa que actua de acordo com os seus próprios interesses». Desconhece-se, por enquanto, a resposta do dirigente turco.

Israel e a Turquia, recorda-se, estabeleceram um acordo de cooperação militar em Fevereiro último.

De Teerão, o governante turco partiu para o Iraque, outro país proscrito pelos EUA. A reabertura do oleoduto turco-iraquiano, no âmbito do plano «petróleo por alimentos» aprovado pela ONU, encimava a lista dos assuntos a tratar.

Washington fez saber que considerava estas visitas «inopertunas».

Tchetchénia - E a guerra continua

Cento e setenta a 200 soldados russos mortos, 750 a 800 feridos e várias dezenas de desaparecidos é o trágico balanço dos combates entre as tropas-russas e independentistas tchetchenos, em Grozny, desde terça-feira da semana passada, segundo a agência Interfax.

Um porta-voz dos separatistas tchetchenos, por seu lado, anunciou a morte de 29 soldados e dezenas de feridos, contrariando os números divulgados por Moscovo que apontavam para mais de um milhar de militares mortos.

Quanto ao número de civis atingidos, não havia no início

da semana nenhum balanço oficial disponível, mas fonte hospitalar, citada pela Lusa, revelou que o número de feridos ultrapassava os 400.

Entretanto, o secretário do Conselho de Segurança russo e novo representante do presidente Boris Ieltsin na Tchetchénia, general Alexander Lebed, deixou Moscovo na tarde de domingo com destino ao Daguestão, república vizinha da Tchetchénia, e terá reunido segunda-feira com o chefe de estado-maior das forças rebeldes tchetchenas, Aslan Maskhdo. Informações não confirmadas apontavam para um acordo entre as partes.

Recorda-se que a capital tchetchena, Grozny, que chegou a estar ocupada pelos independentistas, foi recuperada pelas tropas russas no domingo, mas os combates não terminaram, apesar de os independentistas tchetchenos se terem manifestado «prontos para um diálogo sério» com o general Alexandre Lebed.

«Qualquer tentativa de resolver (o conflito) através da força é um impasse. Estamos prontos para uma solução política», declarou o porta-voz da direcção independentista, Movladi Oudougov, citado pela agência Interfax.

«Os tchetchenos estão cons-

cientes que o Estado russo tem interesses quer no Cáucaso quer na Tchetchénia. Mas o povo tchetcheno tem os seus próprios interesses sobre o território da Tchetchénia», adiantou Oudougov.

A União Europeia apelou entretanto para «um cessar-fogo imediato» na Tchetchénia, pedindo aos russos e aos independentistas tchetchenos que «regressem à mesa de negociações».

O apelo, contido numa declaração divulgada em Dublin pela presidência irlandesa da União Europeia, refere que a UE «está seriamente preocupada com a recente

escalada dos combates na Tchetchénia» e «deplora em particular as perdas civis e o sofrimento que a continuação dos combates causa ao povo tchetcheno».

«A União Europeia continua a apoiar fortemente o papel do grupo de assistência da OSCE (Organização para a Segurança e a Cooperação na Europa) na Tchetchénia», que pode desempenhar «um papel importante na promoção de um novo cessar-fogo», adianta a declaração, que apela igualmente às partes em conflito para que seja «garantido» o acesso das organizações humanitárias à Tchetchénia.

Texto: Anabela Fino
Fotos: Sérgio Morais

CP descarrila

Muita terra, pouca

O caminho-de-ferro, reconhecidamente o meio de transporte mais económico, mais seguro e com menos custos ambientais, é em Portugal o parente pobre do sistema nacional das vias de comunicação.

Na última década, em particular, a preferência dada aos investimentos na rodovia, aliada a uma ruínosa política de gestão no sector ferroviário, arrastou o caminho de ferro para uma situação de atraso tecnológico e funcional difícil de superar. Trata-se de uma realidade tanto mais aberrante quanto se sabe - e os exemplos internacionais aí estão para o demonstrar - que uma eficiente rede de caminho de ferro é cada vez mais indispensável como factor estruturante da economia nacional.

Com a derrota do PSD nas últimas eleições, seria de esperar uma mudança real da situação no sector, cujo panorama é verdadeiramente desastroso: 900 quilómetros de via encerrados, 250 estações desactivadas, 7 800 postos de trabalho liquidados, prejuízos económicos mais do que decuplicados, desmembramento da CP para satisfazer clientelas e amigos.

Decorrido quase um ano de Governo PS, de mudança não há sinais.

A política do actual Governo para o sector ferroviário parece ser a de total confirmação da prosseguida pelo PSD. A identificação de objectivos - a destruição da CP - é tanta que o novo Governo não achou sequer necessário alterar o aparelho que o PSD montou de forma a controlar todos os postos-chave das empresas do Grupo CP, desde as administrações aos estratégicos cargos de direcção. Idêntica tem sido igualmente a postura da tutela em relação aos organismos representativos dos trabalhadores,

esquecidas que foram as promessas de diálogo propaladas na campanha eleitoral, preteridas em favor de interlocutores eleitos em função das afinidades existentes.

Com o aparelho do PSD intacto, a política de destruição prossegue e agrava-se.

Mostrou a experiência que o desmembramento da CP em mais de uma dezena de empresas, como a EMEF, SOFLUSA e outras, em nada contribuiu para melhorar a produtividade e a eficácia da gestão global. Pelo contrário, a criação dessas empresas privou a CP de valiosos instrumentos de gestão que permitiam o comando único do sistema, indispensável para a optimização e aproveitamento das sinergias geradas por cada uma das actividades da empresa.

Os actuais governantes - se é que se debruçaram sobre o assunto - não pensam assim. Em curso estão novas aventuras de esquarteramento do sistema, seguindo modelos obsoletos muito em voga no tempo da senhora Thatcher e que já foram postos de lado pelos seus precursores. A exemplo do que vem sucedendo nos últimos 15 anos, as intervenções do Governo no caminho-de-ferro processam-se com total ausência de estudos válidos, sem fundamentação de projectos planos e programas, ao sabor de interesses político-partidários com fins eleitoralistas. Só isso pode explicar, de resto, os escandalosos resultados do Plano de Reversão e Modernização 1988/1994, de que se dá conta em separado, e que em boa verdade deveria ser encarado como um caso de polícia.



Plano de liquidação

O Plano de Reversão e Modernização do Caminho de Ferro 1988/1994, aprovado em Conselho de Ministros presidido por Cavaco Silva, propunha-se - teoricamente - reduzir os défices anuais da CP de 4,5 milhões de contos em 1985 para 385 mil contos em 1994. Para atingir este brilhante resultado financeiro impunham-se, naturalmente, medidas drásticas. Nada de inovador saiu da reflexão dos peritos, que se ficaram por propostas como o encerramento de algumas centenas de quilómetros de via e a liquidação de, pelo menos, seis mil postos de trabalho.

Uma vez aprovado, o Plano foi posto em marcha. Dos desvios de percurso, chamemos-lhe assim, não reza a história oficial da gestão cavaquista.

E no entanto... os resultados são no mínimo escandalosos. Vejamos porquê:

- Os prejuízos da CP, em vez de diminuírem como estava previsto e o que estava previsto, foram decuplicados, atingindo em 1994 os 48 milhões de contos;

- O Plano previa que em 1994 a CP atingisse o valor de 6 829 milhões de passagei-

ros/quilómetro, mas a realidade ficou-se pelos 5 149 milhões;

- O Plano previa para 1994, no respeitante ao tráfego de mercadorias, um movimento da ordem dos 3 025 milhões de toneladas/quilómetro, mas o resultado não foi além dos 1 635 milhões.

Num aspecto, no entanto, o Plano cumpriu: no que continha de negativo para as populações e para os ferroviários. Foram encerrados mais de 900 quilómetros de via e 250 estações, e liquidados mais de 7 800 postos de trabalho.

No que se refere às compensações financeiras (indenizações compensatórias e normalização de contas), o Plano previa anualmente cerca de 17 milhões de contos, a valores de 1988, actualizados de acordo com a inflação. Os valores atribuídos, que em 1995 deveriam atingir cerca de 34 milhões de contos, ficaram-se no entanto pelos 19 milhões de contos. O actual Governo decidiu entretanto atribuir, em 1996, cerca de 12,7 milhões de contos, em consequência do que a CP é levada a recorrer à banca, endividando-se de tal modo que os seus encargos

financeiros atingiram, no ano transacto, cerca de 21 por cento do total dos custos.

O saldo final do Plano de Conversão e Modernização está à vista. As populações do interior viram o seu isolamento dramaticamente agravado com o recuo do caminho de ferro para o litoral; por outro lado, mesmo onde o comboio continuou a fazer parte do quotidiano, a degradação da qualidade do serviço prestado foi evidente, com o aumento de incidentes e atrasos na circulação, falta de higiene e condições de conforto nas estações, dificuldades de atendimento ao público por evidentes carências de pessoal e, acima de tudo, agravamento dos índices de insegurança na circulação.

A rede da CP, implementado que foi o famigerado Plano cavaquista, conseguiu a proeza de se tornar na mais obsoleta e insegura de toda a Europa, onde a multiplicação de acidentes só não se tornou mais dramática devido ao espírito de missão, o zelo e o profissionalismo da generalidade dos ferroviários, que continuam no entanto a ser o bode expiatório preferido dos gestores sempre que ocorre algum problema.



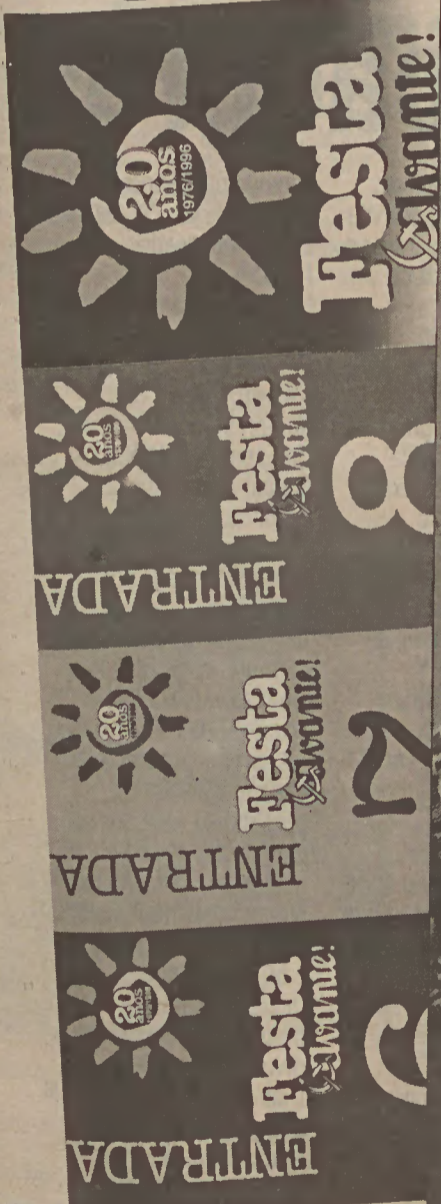
da festa!

Avante!

Director
Carlos Brito
SUPLEMENTO Nº 6
14 de Agosto de 1996
Não pode ser vendido
separadamente

AMORA-SEIXAL
6, 7 e 8 SETEMBRO

**De
Norte
a
Sul
para
a
Festa**



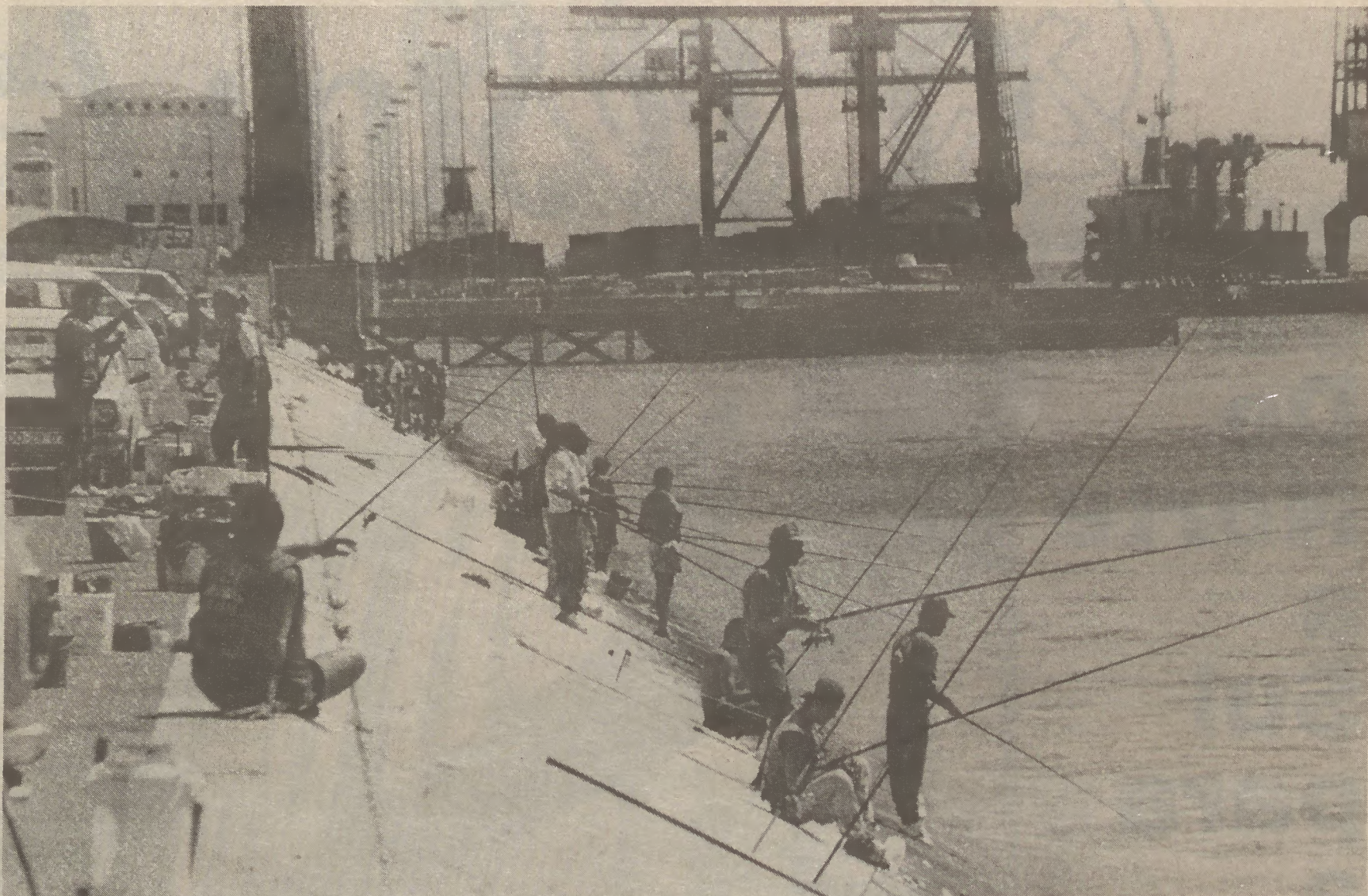
**Compra
a EP**

Disponível em todos os centros de trabalho do PCP e nas mãos de centenas de militantes que promovem por todo o país a venda antecipada da Entrada Permanente - a EP custa apenas 2000 escudos e é a única fonte de receitas que permite realizar, todos os anos, a Festa do «Avante!». Compra já a tua EP. Solidariza-te com a Festa do «Avante!»

**Festa
na Internet**

Tal como anunciámos na passada semana todas as informações sobre a Festa do «Avante!» estão disponíveis através da Internet na página do PCP, cujo endereço é o seguinte: www.pcp.pt/pcp/

Opiniões e sugestões podem ser enviadas para: pcp.dep@mail.telepac.pt
avante.pcp@mail.telepac.pt
ou para a sede do PCP ou o «Avante!» - R. Socero Pereira Gomes - 1699, Lisboa Codex



2º Convívio de Pesca junta duas centenas de pescadores



Jornadas de trabalho

Realizar 20 Festas do «Avante!» é um feito só possível graças ao esforço de muitos milhares de militantes, simpatizantes e amigos, que todos os anos a constroem e desmontam, a divulgam e financiam através de várias iniciativas e da venda antecipada da EP. É assim que, em poucos meses, surge uma autêntica cidade que vive em festa durante três dias.

A três semanas das portas abrirem há muito para fazer na Quinta da Atalaia, daí que todos os braços são úteis, todas as ajudas são bem-vindas.

Os militantes da Organização da Zona Oriental de Lisboa têm duas jornadas de trabalho marcadas para os dias 17 de Agosto e 31 de Agosto. Os transportes até à Festa estão assegurados, e partem do CT Vitória às 08 e 30 em cada um desses dias.



Foram 194 os pescadores que responderam ao convite da ORL para participarem no 2º Convívio de Pesca da Festa do «Avante!», realizado no passado domingo, em Lisboa. Pescadores e canas distribuíram-se ao longo do paredão entre o Pilar da Ponte e a Torre de Belém e, acredite-se ou não, o vencedor individual (Luís Antunes, do Clube Amigos da Pesca de Setúbal) conseguiu pescar mais de 27 quilos de peixe!!! Não muito longe ficaram Urbano Rebelo, da Junta de Freguesia de Belém, com 25 quilos, e Carlos Henriques, da mesma Junta de Freguesia, com 24,740 Kg. E não pense o incauto leitor que ficaram lá o dia todo de cana em riste. Nada disso. Os pescadores não só estiveram limitados à sua zona de pesqueiro como dispuseram apenas de quatro escassas horas, entre as 8 e 30 da manhã e o meio-dia e meia, altura em que o peixe foi entregue à organização que o pesou para classificar os concorrentes. Na classificação por equipas, os três primeiros lugares foram ocupados pela Junta de Freguesia de Sª Mª de Belém (com 87,160 Kg), seguida pelo Clube Amigos da Pesca de Setúbal (com 27,990 Kg) e dos «Abençoados» (com 36,715 Kg).

Nos clubes, venceu também a Junta de Freguesia de Sª Mª de Belém (107,900 Kg);

seguida pelo Esperança Atlético Clube (52,160 Kg) e os «Abençoados» (43,735 Kg).

No escalões de Senhoras, sagrou-se vencedora Emília Casaca, dos «Abençoados»; nos Juniores, Pedro Proença, do Esperança Atlético Clube; e nos Juvenis Bernardo Moisés, também do Esperança Atlético Clube. Antes da entrega dos prémios ter início, por volta das 15 horas, Dias Coelho, membro da DORL e da Comissão Executiva Nacional da Festa do «Avante!», agradeceu a participação dos pescadores (que duplicou em relação ao ano anterior) bem como «a colaboração e empenho de muitos amigos e camaradas na preparação e organização da iniciativa», que se inseriu no programa desportivo de divulgação da Festa. Dias Coelho recordou que este ano se comemoram «duas datas muito especiais. A primeira, a 20.ª edição da Festa do «Avante!», cuja primeira realização foi na FIL (...) A segunda comemoração são os 75 anos de existência do Partido Comunista Português. 75 anos de luta pela democracia, pelo socialismo, por Portugal», disse aquele dirigente comunista que lançou um convite a todos ali presentes a deslocarem-se à Quinta da Atalaia nos dias 6, 7 e 8 de Setembro.

De Norte a Sul para a Festa

Alentejo

Beja, Évora e Portalegre

O espaço do Alentejo é partilhado pelas organizações de *Portalegre, Évora e Beja* que promovem este ano uma exposição sob o lema «O Alentejo - uma só Região com Futuro».

Numa área com aproximadamente 250 metros quadrados, está ainda patente uma mostra retrospectiva sobre participação do Alentejo nas festas anteriores. Porém, passar por este pavilhão é também ir ao encontro da boa gastronomia, produtos regionais e artesanato locais.

A organização de Évora assegura o funcionamento de um bar com os tradicionais petiscos alentejanos e os bons vinhos. No seu restaurante, o ensopado de borrego, vinho alentejano e fruta da região. O artesanato apresenta verdadeiros tapetes de Arroios, certificados, e os barros tradicionais.

Beja anuncia no seu restaurante o tradicional ensopado de borrego e a carne de porco à alentejana. No bar, os petiscos. E podem adquirir-se produtos regionais - o queijo de Serpa, o azeite de Moura, os vinhos da Vidigueira, Machados, Amareleja e Pias, o mel da região. O artesanato apresenta os cobs de Neves, os barros de Beringel, as peles curtidas de Serpa. De Portalegre vem igualmente o ensopado de borrego, desta feita servido em tigelas de barro. O bar serve petiscos e bifanas. E há produtos regionais - vinhos, queijos, enchidos, bolos, pão, mel. Os barros e os bordados de Nisa encontram-se entre os produtos de artesanato, assim como as peles e os capotes de Terrugem e Monforte.

Algarve

Os comunistas algarvios valorizam na sua exposição a realização do 15º Congresso do PCP, ligando-a à campanha de recrutamento em curso. Aqui podem ainda ser vistas imagens do novo centro de trabalho do PCP, bem como das

assembleias de organização e plenários de militantes. Os problemas da juventude e as posições da JCP; as autarquias e o importante trabalho desenvolvido nas câmaras de maioria CDU; a regionalização e a denúncia da campanha lançada contra esta importante reforma política; a situação social e as movimentações dos trabalhadores e das populações - são os temas destacados no espaço do Algarve, facilmente reconhecível pelas típicas chaminés. A cabeça da ementa do restaurante vêm o atum, os choccos, o arroz de marisco. A marisqueira tem à venda o camarão, a sapateira e as ostras. Mas também há o pavilhão dos bolos, com os doces tradicionais algarvios - o bolo de amêndoa, o D. Rodrigo, o doce de figo. No bar, os famosos *cocktails*, com destaque para o de melão. O artesanato tem no pavilhão próprio a cestaria, de cana e verga; as bonecas de juta; a tecelagem e fiação, os bonecos de madeira, as empreitas, as louças de Almancil, as cadeiras de tesoura. E ainda há o medronho e o mel, os figos e as amêndoas.

Braga

Uma réplica da Arcada de Braga constitui o principal elemento decorativo do espaço ocupado pela Organização Regional de Braga. A actividade dos comunistas bem como as suas propostas para o desenvolvimento do distrito são temas que o visitante pode acompanhar neste pavilhão. A gastronomia da região está aqui bem representada. No tasco de Vila Nova de Famalicão há espetadas e barriguinhas grelhadas, orelheira cozida, chouriço cozido com broa e azeitonas, caldo verde e a malguinha de vinho verde. No cantinho de Braga, as famosas frigideiras, a morcela cozida com hortaliça, broa e vinho verde. Na taberna de Braga, o verde, tinto ou branco à pressão, a acompanhar os rojões e o presunto. As refeições são no restaurante - rojões à

minhota, arroz de bacalhau ou arroz de tomate com bacalhau frito, feijoada à moda do Minho, sopa de legumes. Quanto aos doces - pão de ló de Vizela, clarinhas de Fão, casadinhos, toucinhos do céu, papos de anjo, charutos, doce branco, condes de Barcelos, barcas do Cávado. No artesanato é de salientar a olaria de Barcelos, brinquedos de madeira de Vila Verde e Famalicão, mantas de Vila Verde, cestos de Braga, chapéus de Fafe, louça de Bogas. E os barros de Barcelos, com peças de Júlia Ramalho, Mistério, Ana e Rosalina Baraça, Arlindo Fagundes e outros. Ah, é de tentar a sorte na tómbola de Guimarães. Os prémios são óptimos e as receitas destinam-se a construir o novo centro de trabalho.

Bragança

O pavilhão de Bragança foi concebido para proporcionar ao visitante uma «viagem» pelo nordeste transmontano. Dividido em quatro zonas - cozinha regional, produtos da terra, taberna e exposição -, é nesta última que se encontram materiais referentes à actividade dos comunistas na região, destacando-se este ano a realização da 2ª Conferência Democrática sobre Trás-os Montes e Alto Douro. Este é ainda o ponto de encontro com animação de escritores, artistas e outras personalidades da região.

A cozinha regional é outro dos grandes atractivos deste espaço: feijoada transmontana, massa à lavrador, canelos, alheiras, pão de trigo e centeio de Mirandela, tudo regado com o vinho da região. Na taberna, petiscos - chouriços da Terra Fria, alheiras, e os bons vinhos do Douro. Nos produtos da terra o realce vai para o mel de Montesinho e da Terra Quente, queijo de ovelha da raça Churra, azeite puro de Vila Flor e a garrafeira regional. O artesanato de Cidões-Vinhais, Madeiras-Sendas, rendas, linhos, máscaras de região completam a presença de Trás-os-Montes na Festa.



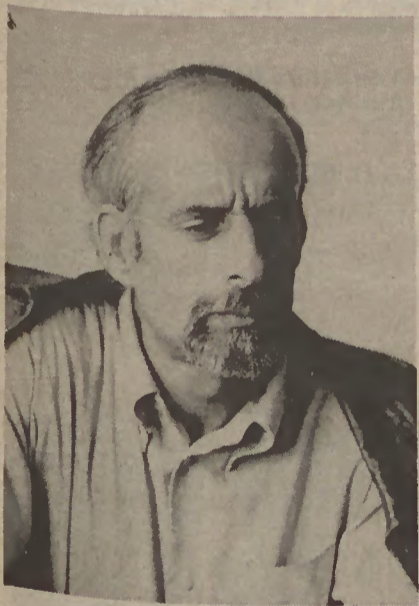
400 atletas já se inscreveram Corrida em bom ritmo

Muito antes de os atletas partirem para a estrada, a Corrida da Festa é já um sucesso. De facto, em pouco mais de duas semanas, altura em que abriram as inscrições, a organização registou a adesão de mais de quatro centenas de

Os atletas receberão os dorsais a partir das 8.00 horas junto do Campo do Amora, não sendo aceites em caso algum inscrições no dia da prova. Haverá abastecimentos aos 5 e 10 quilómetros e no final da prova. Os vencedores absolutos femininos

Prof. Melo de Carvalho apoia a Corrida

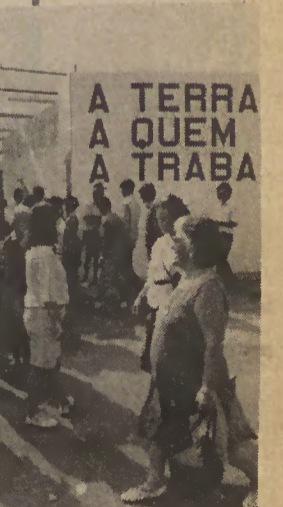
Tal como em edições anteriores, atletas e personalidades de relevo ligadas ao desporto têm manifestado publicamente o seu apoio à Corrida da Festa. É o caso do professor Melo de Carvalho, cujo depoimento transcrevemos: «Considero que a Corrida da Festa do «Avante!» é uma iniciativa feliz no âmbito do desporto popular. Não tenho dúvidas que ela este ano constituirá um êxito idêntico aos dos anos anteriores e provavelmente até acrescido. Nas condições actuais em que o desporto está a ser levado à prática rodeado de interesses que lhe são alheios e que lhe desnaturam muitas vezes os seus objectivos e finalidades, a corrida do «Avante!» aparece como uma das poucas iniciativas que contraria esta situação e possibilita uma prática correcta, como é por nós concebida».



Melo de Carvalho

atletas que pretendem participar na prova. Recordamos que a prova se destina aos escalões juniores, seniores e veteranos masculinos e femininos, e tem inscrições gratuitas, as quais podem ser feitas até 30 de Agosto para o endereço: **Corrida da Festa do «Avante!» Av. António Serpa nº26 - 2º Esq. 1050 Lisboa. Tel. 793 09 73 ou fax 796 98 97.**

e masculinos terão direito a participar na Corrida do L'Humanité, que se realiza em Paris, no próximo dia 15 de Setembro, e terá um percurso de 15 quilómetros. As 15 primeiras equipas, bem como os primeiros quatro atletas de cada escalão recebem troféus ou taças. A organização da prova distribuirá ainda camisolas até ao 1000º atleta a cortar a meta.





Foi há 20 anos



« **A** Festa do "Avante!" era - quantas vezes o dissemos! - um sonho antigo, um sonho acalentado durante a vida clandestina do nosso Partido e do nosso jornal, um objectivo que floresceu em Abril de 1974.

Porquê fazer uma festa do nosso "Avante!"?

Também, conforme o dissemos quando a anunciámos nestas páginas, para fazermos uma Festa onde a nossa concepção do mundo, a nossa concepção da vida fosse exposta, fosse vivida!

Uma Festa como efectivamente Portugal jamais vira, não apenas porque a actividade do Partido Comunista fora orçada à clandestinidade, mas também porque a repressão que forçou o nosso Partido à luta clandestina atingia afinal não apenas os comunistas mas todos os portugueses, a sua liberdade, a sua felicidade - a sua vida, em suma.

A Festa do "Avante!", sendo uma Festa organizada pelos comunistas teria de ser uma grande Festa da vida, dessa vida que o fascismo reprimiu e tentou destruir, uma festa popular onde, finalmente liberto, o povo pudesse construir e conhecer a realidade de ser livre.

Esta grande festa da liberdade e do homem que organizamos na FIL correspondeu inteiramente ao que dela esperávamos.

O grande orgulho que nós, comunistas, sentimos por termos erguido uma festa por que passaram centenas de milhares de pessoas é, antes de tudo o mais, a da consciência de termos correspondido ao que de nós se exige, ao termos proporcionado a essas centenas de milhares de pessoas, das quais muitas não eram comunistas, a Festa que procuravam, a Festa da liberdade que conquistaram e vivem (...)

Extraído do discurso de Álvaro Cunhal no comício da primeira Festa do "Avante!", na FIL
In Avante! de 30/9/1976



via

Futuro ameaçado

Os sucessivos governos do PSD, a que se junta agora o do PS, sempre se furtaram aos compromissos financeiros assumidos com a CP, provocando desta forma o agravamento dos encargos da dívida da empresa. Segundo estudos feitos pelos representantes dos trabalhadores, bastava que o Governo pagasse à CP as indemnizações compensatórias definidas na respectiva directiva da União Europeia, bem como a

construção e manutenção das infra-estruturas ferroviárias, para que a situação financeira da empresa pública fosse menos calamitosa.

Naturalmente, para além da descapitalização do sistema de caminho-de-ferro, há ainda a apontar a, no mínimo, controversa gestão das empresas do Grupo CP, entregue à clientela do PSD. Uma gestão que se tem pautado, em particular, por ataques sistemáticos aos direitos dos trabalhadores.

É o que se passa, por exemplo, no caso da EMEF e da SOFLUSA, que se recusam a respeitar os compromissos legais e contratuais assumidos pela CP relativamente aos trabalhadores coercivamente transferidos. Em ambas as empresas a gestão deixa bastante a desejar, quer pela falta de transparência de que se reveste como pela total ausência de investimentos produtivos. O maior investimento, na prática, tem sido a compra de automóveis de luxo para os administradores.

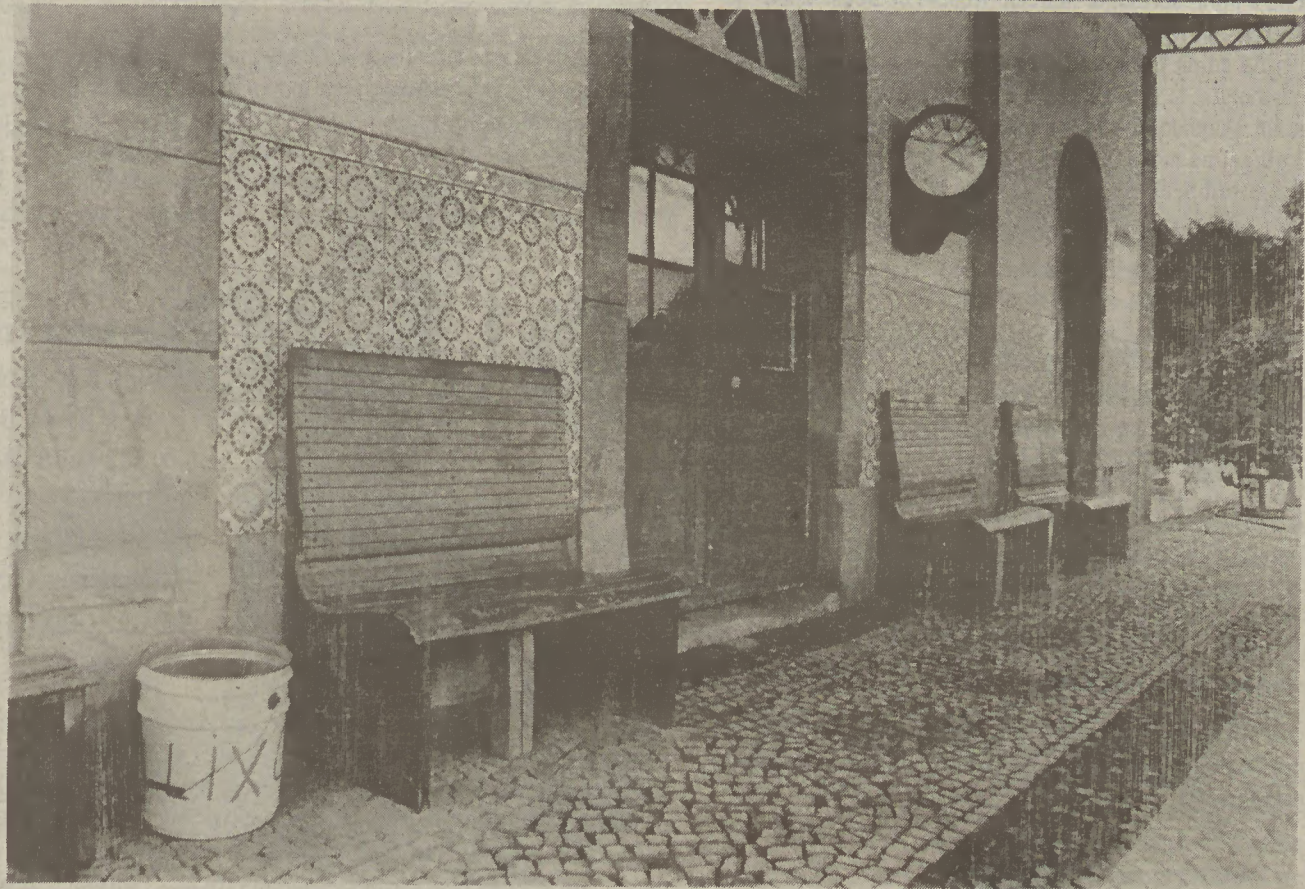
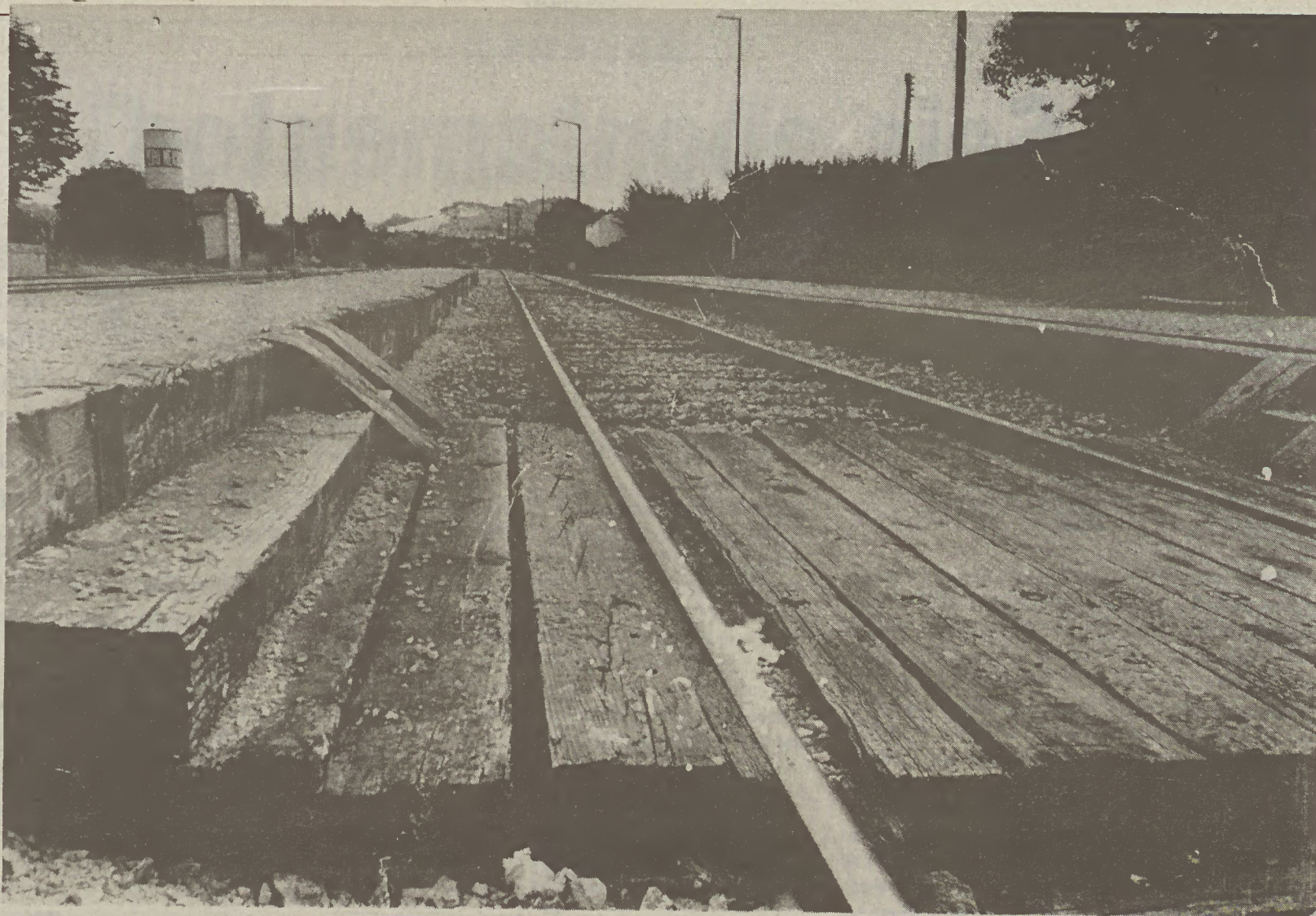
A situação na EMEF está longe de prenunciar um futuro brilhante, na medida em que a empresa não se está a preparar minimamente para os desafios da projectada expansão da electrificação da rede.

Quanto à SOFLUSA, também as apreensões com o futuro são grandes, no quadro da situação resultante da travessia ferroviária da Ponte 25 de Abril. Temendo a redução do tráfego entre Lisboa e a margem Sul, a Transtejo está a projectar-se para o Barreiro, num processo de esvaziamento da SOFLUSA cada vez mais notório.

Neste cenário de falta de transparência é de referir ainda o sistemático e injustificado recurso a empreiteiros que trabalham por preços muito superiores aos seguidos pelo pessoal da CP, da EMEF e da SOFLUSA, com o agravante de oferecerem serviços de menor qualidade.

É neste contexto que surge o anúncio, por parte da tutela, da projectada separação da gestão das infra-estruturas ferroviárias da exploração do transporte ferroviário. Curiosamente, o núcleo duro da comissão encarregada de estudar, no pormenor, as soluções já anunciadas, é constituído por pessoas com graves responsabilidades na desastrosa situação económica e financeira em que a CP se encontra. Pessoas designadas para cargos de gestão não em função da sua capacidade, mas da filiação partidária, é bom não esquecer.

Contra esta situação se insurgem os trabalhadores e os seus representantes, que defendem a existência na CP de dezenas de quadros técnicos de reconhecida competência e indiscutível experiência em todos os matizes políticos), entre os quais não seria difícil encontrar bons gestores para as empresas do Grupo CP.



A mudança necessária

As Comissões de Trabalhadores da CP, EMEF e SOFLUSA e a Federação dos Sindicatos Ferroviários consideram, face à actual situação que se vive no sector, que é urgente tomar medidas para a modernização efectiva da rede, tendo em conta os interesses nacionais e, consequentemente, os interesses dos trabalhadores.

Reafirmando a sua total disponibilidade para o diálogo com as autoridades competentes, aquelas organizações propõem, entre outras, as seguintes medidas:

- Elaboração de um Plano de Modernização da rede nacional de caminho-de-ferro, no quadro de um Plano Nacional de Transportes, em que cada sector modal desempenhe um papel específico, numa visão de complementariedade racional e não na perspectiva da concorrência selvagem;
- Neste Plano deverá ter-se em conta o ordenamento do território como um todo, de forma a combater-se de facto as assimetrias regionais;
- Exploração da rede nacional de caminho-de-ferro pela CP, como empresa única, ainda que com o alargamento adequado da autonomia contabilística e funcional de cada um dos seus sectores, por forma a obter-se uma conveniente descentralização dos centros de decisão, sem no entanto pôr em causa o comando unificado que é imprescindível ao caminho-de-ferro;
- Assegurar, mediante protocolo, o pagamento atempado das indemnizações compensatórias, por parte do Estado, bem como de todos os custos de construção e manutenção das infra-estruturas ferroviárias;
- Promover o saneamento económico-financeiro da CP, através de um convénio com o Estado, responsabili-

zando os gestores pelo cumprimento dos objectivos programados;

- Regresso da EMEF e da SOFLUSA à gestão unificada da CP, embora com ampla autonomia de gestão;

- Assegurar em todo o Grupo da CP uma gestão dinâmica dos recursos humanos, aproveitando todas as potencialidades dos efectivos, garantindo o seu constante enriquecimento tecnológico e profissional, bem como a melhoria gradual das suas condições de vida;

- Adopção de medidas concretas de apoio ao desenvolvimento das actividades da EMEF, mesmo como afiliada da CP, conferindo-lhe meios técnicos e humanos para desempenho das tarefas de reparação e manutenção que lhe estão atribuídas;

- Idem em relação à SOFLUSA para cabal desempenho das suas atribuições;

- Integração de todos os metros de superfície num sistema que garanta o melhor aproveitamento das infra-estruturas;

- Defesa dos direitos dos trabalhadores ferroviários, seja onde for que trabalhem.

Seis apontamentos

PARA uma viagem comentada, seleccionámos seis afirmações ou seis assuntos recentes que, podendo parecer da família dos «fait divers» estivais, desvendam na verdade problemas e questões de fundo que seguramente não farão parte do teatro político com que Marcelo, Guterres e Monteiro pretenderão animar a «reentré», mas nem por isso deixarão de ganhar merecido relevo na cena política nacional.

1

No «Público» de 1/8, o Prof. Daniel Bessa, referindo-se ao ingresso de Portugal na moeda única europeia, assinala pedagogicamente que «*trata-se de um objectivo estrutural do mais longo prazo, em que quase toda a sociedade [?!] diz reconhecer-se, com realce para a totalidade dos partidos políticos com assento parlamentar*» [?!]. Como a própria natureza da afirmação exclui a hipótese de «gralha», parecem só restar outras duas hipóteses para explicar semelhante ofensa à verdade: ou o Prof. Bessa caiu nessa de confundir eventuais desejos pessoais com a realidade; ou, mais provável, tornou-se na primeira figura pública a ser vítima desse espantoso matraquear de jornalistas, «pivots» de noticiários televisivos e radiofónicos e comentadores que, a toda a hora, apresenta Marcelo Rebelo de Sousa como «o líder da oposição». Ou seja, por causa desse modismo (que é filho ou da ligeireza ou da má-fé), o Prof. Bessa ficou prisioneiro de uma espécie de silogismo às três pancadas, assim resumido: se o PS e o seu Governo são pelo ingresso de Portugal na moeda única, se o PSD e Marcelo Rebelo de Sousa também, e se o Presidente do PSD é «o líder da oposição», então toda a oposição é pela moeda única pelo

No n.º 175 desta revista, o dr. Daniel Amaral pronuncia-se sobre um dos célebres critérios de convergência real que condicionam, nos termos do Tratado da União Europeia (Tratado de Maastricht), o acesso à moeda única: a rácio da dívida (prefiro dizer assim, pois, se é verdade que recebemos a palavra rácio através do inglês, não é menos verdade que essa palavra é, em latim, mãe do nosso termo *razão*, sempre feminino).

que, em consequência, está demonstrado que tal objectivo é partilhado pela «totalidade dos partidos políticos com assento parlamentar».

2

Volta e meia, não falta quem acuse o PCP de, designadamente em matéria de integração europeia, carregar nas tintas. A quem nos move tais acusações e a quem lhes dá algum crédito, recomendamos vivamente que prestem alguma atenção aos termos com que Daniel Amaral (economista cujas simpatias pelo PS são públicas e que se assume como defensor da moeda única, mas não no calendário estabelecido) descreve na «Visão» de 1/8 os «dois caminhos» que, na sua limitada concepção, «*temos pela frente*». «*O primeiro - assinala - privilegia a moeda única e o pelotão da frente, relegando para segundo plano o desenvolvimento económico e o bem estar das pessoas. O segundo, sem menosprezo pela moeda única, considera que as pessoas merecem a dianteira de qualquer pelotão. Dito de outro modo: o primeiro visa um objectivo político - mesmo que a economia venha a transformar-se num caos; o segundo visa um objectivo social, mesmo que o euro venha só uns anos depois*». Registadas estas duras formulações, apostamos em como delas ninguém dirá que «*carregam nas tintas*».

3

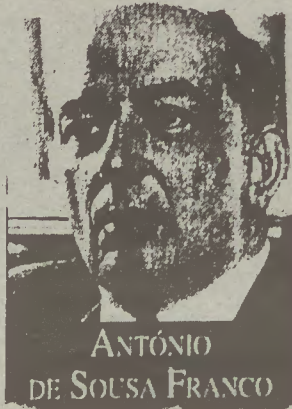
Sem honras de conferência de imprensa, antes sob a forma discreta de declarações avulsas ao «Público» (3/8), o

dr. Jorge Lacão reconhece que «*vai ser muito difícil conciliar o calendário político de forma a haver eleições regionais em simultâneo com as próximas autárquicas, como chegámos a admitir no passado*», assim confirmando envergonhadamente muito do que o PCP tem vindo a dizer sobre as consequências práticas da

orientação adoptada pelo PS nesta matéria. O dr. Lacão vai mesmo ao ponto de explicar, com algum detalhe, as circunstâncias, dificuldades e problemas (articulação com a revisão constitucional, aprovação final da lei de criação das regiões, aprovação de nova lei especial para os referendos sobre a regionalização, etc.) que conduzem a esta sua previsão de adiamento da regionalização. Só é pena que, talvez com a pressa de ir fazer as malas para férias, se tenha esquecido de reconhecer que todas essas circunstâncias, dificuldades ou problemas não caíram do céu aos trambolhões, antes resultam das cedências em toda a linha que o PS tem feito ao PSD e ao PP.

4

Depois da entrevista-confissão de Champalimaud ao «Diário Económico» (1/8), mais insustentável se torna o lento, displicente e comprometido procedimento do Governo do PS face ao escândalo do «acordo secreto». E quando, na edição do «Avante!» de há quinze dias, escrevemos que o Governo do PS se arriscava a uma queimadura de primeiro grau com este caso,



ANTÓNIO DE SOUSA FRANCO

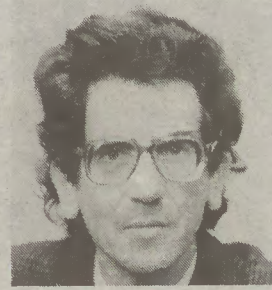
vezes sobre a matéria, a propósito da Irlanda e da Dinamarca; e fê-lo sem deixar margem para dúvidas.

A Irlanda nunca foi considerada em défice excessivo, pelo que não houve deliberação do Conselho sobre a cessação dessa situação (o consenso nesse sentido, partilhado pelo governo alemão, sujeitou este a críticas internas na Comissão de Assuntos Europeus do Bundesrat, dominada por parlamentares críticos de muitos membros da Comissão, nomeadamente de Helmut Kohl).

não estávamos apenas a pensar na força das nossas denúncias e na grande atenção que o PCP continuará a dedicar a este assunto. Estávamos também a ter em conta que, seguramente com distintas motivações, outros grupos económicos podem estar interessados em não deixar cair este caso. É só reparar nos termos de um comentário publicado a este respeito no caderno «Dinheiro» do «Independente» (8/8). Assinado por Rui Costa Pinto, o texto começa logo por levar por suave título - «*O polvo*» - e arranja desta forma obviamente macia e delicada: «*Todo o processo do negócio secreto entre o Estado e António Champalimaud cheira mal. Muito mal. E, de uma vez por todas, é necessária uma mangueirada que limpe a sujidade dos negócios que envolvem as golpadas do Estado*». E, lá para o fim, depois de meia dúzia de mimos similares, o texto ainda espadeirava que «*temos um Ministro das Finanças que ora promete rigor e transparência, ora tenta, infantilmente, ocultar a verdade dos acontecimentos sob a capa dos interesses do Estado*». Como se vê, o assunto promete.

5

No «Diário Económico» de 6/8, reagindo aos baixos valores de actualização salarial que o Governo deixou escapar, Nobre dos Santos, Secretário-geral do (minúsculo) Sindicato UGT da Função Pública, apressa-se a declarar que «*a UGT está de acordo com a integração de Portugal na terceira fase da UEM*» e que (querem companhia!) «*se toda a população portuguesa aceitar um crescimento salarial de zero por cento para todos, não nos opomos*». Na mesma edição, a inevitável Elisa Damião declara, pelo mesmo lado, que «*os sindicatos podem aceitar aumentos salariais mais baixos, se houver, por exemplo, uma melhor aplicação dos fundos estruturais*» [?!]. Por uma vez, resistamos a crucificar este pessoal da UGT por esta pronta e descarada



VÍTOR DIAS
Membro
da Comissão Política

O facto de Sousa Franco passar a chamar «real» à desde sempre chamada «convergência nominal» pode ampliar a lista dos

truques, mas não resolve nenhum problema do País

aceitação do inaceitável. É que talvez lhes devamos antes agradecer a franqueza com que expressam o seu pensamento e as suas intenções, assim nos poupando à enfadonha repetição daquele seu truque habitual de arrancarem com tonitruantes declarações de firmeza e oposição sempre concebidas e sempre vistas como a antecâmara das escabrosas cedências e traições que seguem dentro de momentos.

6

Na «Visão» de 8/8, o Ministro Sousa Franco, em texto de resposta ao já antes citado artigo de Daniel Amaral, refere-se ao

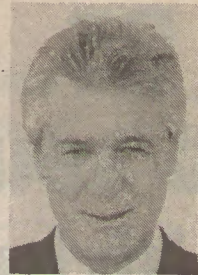
rácio da dívida pública face ao PIB como sendo «*um dos célebres critérios de convergência real que condicionam, nos termos do Tratado da União Europeia, o acesso à moeda única*». Pode acontecer que a referência neste contexto à «*convergência real*» em vez de «*nominal*» tenha sido uma «gralha» ou um mero lapso, e nesse caso, já cá não estaria quem falou. A verdade é que tememos que aqui haja gato. Até porque, já em 24 de Julho, o «DN» citava um texto da Secretária de Estado do Orçamento onde se afirmava que «*um crescimento mais forte mas sustentado exclusivamente no emprego não poderia permitir à economia portuguesa uma efectiva convergência real*», quando a lógica da frase parecia impor sim uma referência à «*convergência nominal*».

A verdade é que consta de milhões de papéis (incluindo o Programa do Governo PS) e de milhares de artigos e declarações de economistas e políticos a integração do rácio da dívida pública (a par da taxa de inflação, da taxa de juro e do défice público) nos critérios de «convergência nominal» (atinentes sobretudo a indicadores de natureza financeira ou monetária), reservando-se para a expressão «convergência real» o conteúdo da aproximação em termos de desenvolvimento e bem estar.

Será que, reconhecendo como sendo uma «missão impossível» concretizar essa genial invenção constante do Programa do Governo que era o «círculo virtuoso» da harmonia entre convergência nominal e real, a equipa do Ministério das Finanças resolveu rasurar o carácter odioso que a «convergência nominal» justamente ganhou, passando a baptizá-la de «real», na esperança de assim transferir para uma política desgraçada o carácter positivo e consensual do objectivo da «convergência real»?

Não ignorando o fundo desta eventual manobra semântica, não ignoramos porém que o Ministro das Finanças dispõe de um argumento de conveniência mas de certo peso: o de que não há nenhuma razão para se chamar «real» a uma convergência que, aos ritmos e com a política actuais, seria tarefa para 70 ou 100 anos e para se chamar «nominal» a uma convergência que, embora com incerteza sobre o resultado final, se está fazendo, a ferro e fogo, com as devastadoras consequências económicas e sociais de que o Governo do PS não fala mas o país conhece e sofre.

Desarrumação no planeta chamado Poder



■ João Amaral

Aparecem hoje sinais de que alguma coisa pode mudar no actual quadro de arrumação de forças políticas portuguesas. O encontro entre o PSD Pacheco Pereira e o PP Jorge Ferreira não é um facto irrelevante. Pode ter o significado de uma primeira aproximação à ideia de construção de um bloco de direita. Por outro lado, dentro do PS, surgem vozes que vêm a público mostrar o seu incómodo com as opções de política económica e social do Governo e com a monteiro-dependência em que vive o Eng.º António Guterres. São sinais débeis, mas mau seria que não fossem seguidos com atenção.

É certo que o ano parlamentar terminou com a oferta pública de venda feita pelo Primeiro Ministro ao PSD tendo por objecto o Orçamento do Estado para 1997. Mas nessa altura ainda estes sinais de mudança não tinham surgido de forma tão clara na galáxia da política. Lá em baixo, no sentimento dos cidadãos, já a mudança era visível há muito tempo.

Mas é quase certo que o Eng.º António Guterres e a direcção do PS ainda não tomaram verdadeira consciência de que os sentimentos dos cidadãos acerca do Governo mudaram significativamente nos últimos meses. Sucede ao Eng.º Guterres o que se passa com certas damas muito cortejadas, que não se apercebem da passagem do tempo e das rugas que lhes vão aparecendo... Creio que será muito útil chamar a atenção do Governo PS para essas mudanças que estão já na percepção dos cidadãos. Podia eu próprio fazer um elenco dessas diferenças mas certamente o Primeiro-Ministro diria que são «coisas do PC», e que não será tanto assim, que tudo caminha sobre rodas.

Socorro-me por isso da sucessão de dois artigos publicados na revista «Visão» pela deputada, do Grupo Parlamentar do Partido Socialista, Helena Roseta. São artigos separados no tempo por quase seis meses: o primeiro tem data de 1 de Fevereiro, o segundo é de 18 de Julho.

Em 1 de Fevereiro, Helena Roseta respirava certezas e confiança. O pressuposto era bonito: «Portugal votou à esquerda». O artigo reflectia então, como o título indicava, sobre a forma de «governar à esquerda». A deputada procurava então estabelecer o que devia significar governar à esquerda. Lembrava ao PS que obteve a sua votação pelos seus compromissos, entre outros, de que «a competitividade não pode sacrificar a coesão social» e de que «os recursos humanos são mais importantes que os financeiros».

Helena Roseta explicava depois como o Governo não se devia deixar impressionar pela «táctica de desgaste das oposições». Para o PCP reservava a sua farpa mais aguçada: «Resta o PCP e a sua desesperada tentativa de encostar o PS à direita com a cena das 40 horas». E dava uma espécie de conselho: «o PCP deve acordar para o final do século e entender que a questão decisiva para os trabalhadores hoje é a garantia de emprego».

O «finale» do artigo era eufórico de tanta confiança: «Cabe ao PS de António Guterres assumir a defesa da Europa Social».

Vejam agora o artigo publicado há menos de um mês, em 18 de Julho. O tom mudou radicalmente. A confiança deu lugar à dúvida e ao desencanto. Os mecanismos do exercício do poder são desmontados com amargura, a propósito do debate sobre o Estado da Nação e da estratégia seguida pelo Governo de aproveitar a ocasião para tentar comprometer o PSD com o próximo Orçamento de Estado. Não resisto a transcrever alguns pontos centrais do raciocínio de Helena Roseta: «Não encaro os critérios de Maastricht como uma fatalidade; gostaria de ver o PS, que

na Europa tanto se tem batido por novos critérios sociais, como a diminuição do desemprego, a procurar construir aqui uma maioria parlamentar consistente com essas posições, que envolvesse as principais medidas programáticas e de que o Orçamento de Estado seria apenas um instrumento».

Mas Helena Roseta, se escreve isto, é justamente para considerar que «não tem sido essa a orientação» do PS. E, desencantada, escreve acerca da posição do PS face aos outros partidos: «o PP (...) foi muitas vezes prioridade táctica nas conversações, apesar das divergências programáticas com o PS». E o PCP? Resposta de Helena Roseta: «O PCP sofreu por parte dos socialistas duma espécie de complexo de cordão sanitário, acabando frequentemente à margem de quaisquer acordos, mesmo em matérias de natureza social, onde o interesse da maioria deveria ser, a meu ver, obter convergências».

Helena Roseta conclui: «isto que escrevo parece-me de uma elementar racionalidade; mas o universo político tem pouco de

PS para usar e deitar fora

Durante algum tempo, foi possível ao Governo PS beneficiar de uma espécie de processo automático de identificação com a esquerda. O raciocínio era simples: o PSD é de direita, o eleitorado votou mudança, o PS ficou com a maioria, logo o PS será a mudança. Mas não é. Não basta não se ser o PSD para se ser de esquerda e governar à esquerda. Não basta estar à esquerda do PSD para se estar à esquerda no espectro político.

Houve nas hostes do Partido Socialista quem quisesse anatemizar o PCP e a legítima crítica que fazíamos ao Governo, dizendo que isso era a expressão de uma «cultura anti-socialista». Por exemplo, Manuel Alegre ficou crispadíssimo com a crítica frontal que o PCP fez à Lei da Flexibilidade e da Polivalência. Bastou dar tempo ao tempo, para se concluir, como faz Helena Roseta, quem estava enganado.

A esquerda não se afirma como tal pelo simples facto de ocupar o poder. Afirma-se pela rotura com as políticas de direita e pela aplicação de novas políticas norteadas pelos valores que lhe são próprios.

Neste jogo das coisas que o Primeiro-Ministro não entende, ou faz de conta que não entende, a realidade é que para a direita o PS funciona como um objecto do tipo «usar e deitar fora». Quando faz a apresentação e defesa públicas da sua aliança com o PS, Manuel Monteiro salienta sempre a sua «enorme abnegação» em salvar o PS das «garras» do PCP. O PP apresenta-se aliado ao PS para, diz, cumprir a «nobre missão» de evitar que os comunistas participem nas decisões políticas de nível governamental. Quem argumenta assim quer coisa muito diferente do que uma aliança estável e duradoura com o PS. Quem argumenta assim mostra que usará o PS enquanto isso for conveniente, mas que não hesitará em escolher outro campo quando chegar a altura.

O encontro entre Pacheco Pereira e Jorge Ferreira e o espalhato público de que se revestiu aí está, para lembrar à cabecinha distraída do Primeiro-Ministro, que o seu parceiro estratégico tem afinal uma estratégia própria. Claro que não há comparação possível entre Pacheco e este Ferreira e os líderes históricos, como Sá Carneiro e Adelino Amaro da Costa, que fundaram a AD. Nem a situação interna do PSD nem a situação do PP são brilhantes. Marcelo Rebelo de Sousa lá vai fazendo o seu trânsito e Manuel Monteiro entrou na esperada rampa descendente. Tudo isso é verdade, mas não é menos verdade que todas as crises têm um começo.

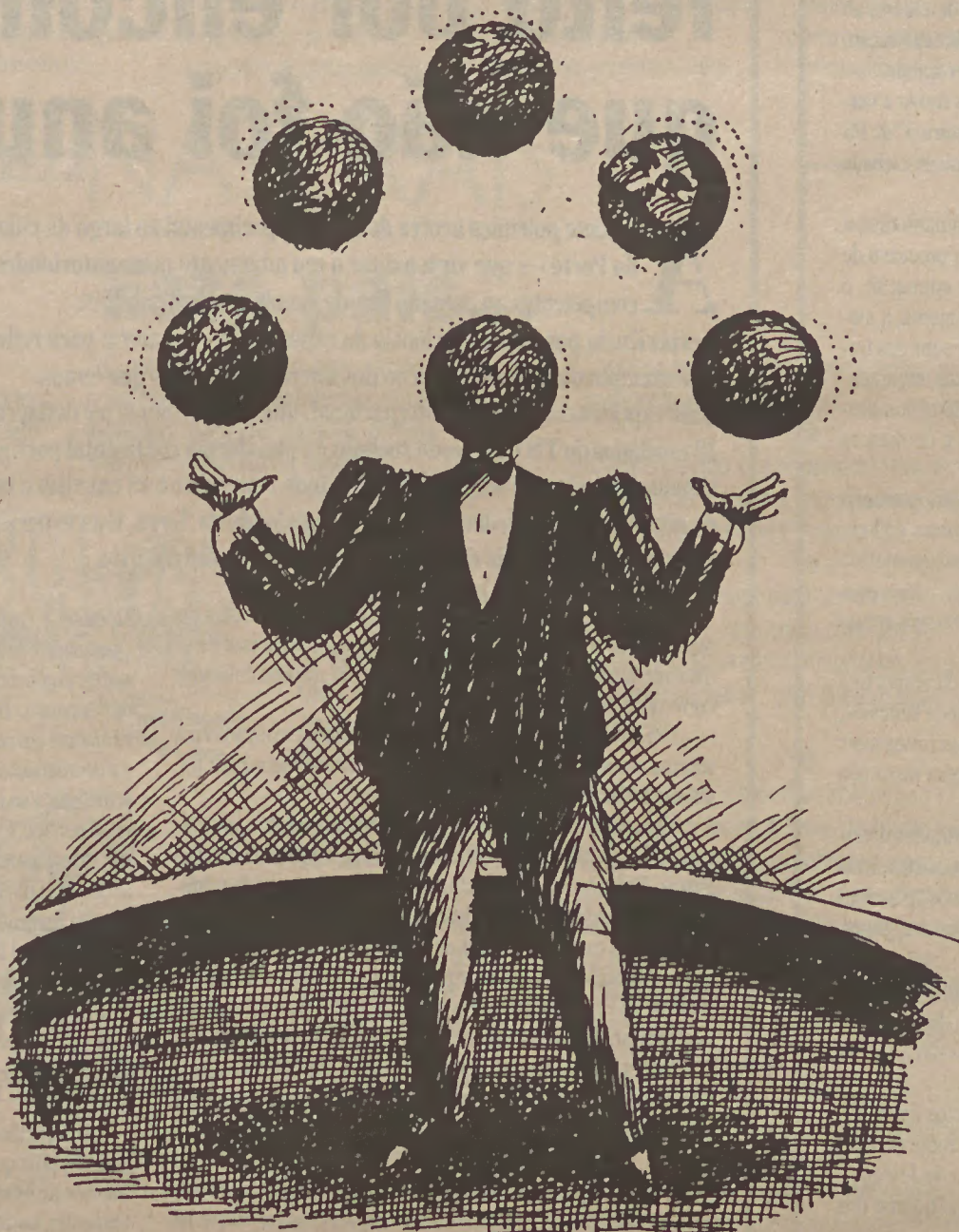
Aliás, logo a seguir ao encontro PSD/PP, houve logo quem, à direita, teorizasse a «normalização das relações entre os dois partidos», apontando-lhe como objectivo estratégico a maximização dos resultados, pela procura de um projecto comum. O namoro está na praça pública.

Está ainda fundamentalmente nos preliminares... Não há casório à vista. Mas já acabou a zanga. Já é algum caminho andado.

Os avisos de Helena Roseta podem cair em saco roto. Pode a própria deputada Socialista achar a certa altura que não teria valido a pena ter vindo a público. Mas isso não altera um milímetro a realidade: entregando-se como vem fazendo à direita, o Governo PS não adquire nenhum seguro de vida para si. O seguro de vida vai inteirinho para as políticas de direita que o PS executa, com evidente satisfação e gáudio do PSD e do PP.

Se há quem perca é o eleitorado que votou mudança e que tinha o direito de esperar mudança.

Vai começar um novo ano político. Como é costume dizer-se, a esperança é a última coisa a morrer.



racional; no planeta chamado Poder, muda-se o tom de voz quando se passa a ministro e a liberdade crítica é vista com desconforto, ou como uma prerrogativa irrelevante de quem está sempre de fora».

Não se pode ser mais claro. Nem mais convincente. Claro que poder-se-ia dizer o mesmo de outra forma, sem citar a deputada Helena Roseta. Mas valerá a pena o esforço de querer dizer de outra forma o que aqui está dito, quando está tão bem dito neste texto da Deputada do Grupo Parlamentar do PS? **Comparem-se as referências ao PCP feitas em 1 de Fevereiro e em 18 de Julho. Entenderá agora o Eng.º António Guterres como estão a mudar os sentimentos e as aspirações de muitos cidadãos?**

O PS no seu labirinto

Anda o PS, por vontade própria, na senda das políticas no essencial semelhantes ao PSD e já nem sempre alinhado quanto basta atrás do seu "Primeiro" e respectivos ministros, sejam ou não "aparatchiks".

As sequelas das suas opções mais fundamentais e das promessas não cumpridas vão delapidando o capital de esperança e emagrecendo a base de apoio de 1 de Outubro.

Os interesses e *lobies*, tachos e conivências, fracassos e "traições" vão desestabilizando e dividindo "boys" e "notáveis".

Como pôde, quem decide no PS lá vai menorizando dificuldades e contradições internas, que o cimento do poder é argumento de peso.

Guterres persiste em seguir de perto os ensinamentos de Maquiavel: "... aqueles príncipes que tiveram em pouca conta a fé jurada e que souberam manobrar astuciosamente os espíritos dos homens ... fizeram grandes coisas; e, alfin, superaram aqueles que se fundaram na lealdade."

Mas nem Guterres é Lourenço de Médicis, nem estamos na Itália renascentista.

A consciência e capacidade de luta do nosso povo são o que são e vão tornando cada vez mais claro que "o rei vai nu", que o saco das promessas está roto, que as políticas do Governo PS/Guterres são inapelavelmente de classe, ao serviço dos grandes grupos financeiros, da sobreexploração, acumulação, concentração e centralização de capitais.

O PCP, como lhe compete, tem estado na frente a verberar e enfrentar esta política. Mas foi um "histórico" do PS que falou pela primeira vez de "neo-liberalismo de fachada socialista".

Cada dia que passa estamos mais acompanhados a denunciar e combater a quase liquidação do processo de regionalização, o desastre nas políticas de educação, o autoritarismo e imobilismo na administração interna, a ineficácia na toxicoddependência, o ataque aos direitos dos trabalhadores e a continuidade das políticas fiscais, orçamentais e de integração europeia, de destruição do tecido produtivo, de desemprego, de recessão social e de marcha compulsiva para a moeda única.

Por razões de princípio e não por qualquer oportunismo de faz de conta, estaremos certamente contra o Orçamento de Estado que, para 97, se anuncia fundamentalista de Maastricht, de contenção e "aperta o cinto". Mas conosco estarão portugueses que ainda recentemente apoiavam o PS.

O Governo, para impedir a deslocação da respectiva base de apoio, recorre à distribuição clientelar de benesses, prebendas e sinecuras e a manobrismos e tacticismos mais ou menos mediáticos e espectaculares. Também nisso não difere substancialmente dos governos PSD.

Naufragado o "estado de graça", desacreditados diversos dos seus "diálogos" de empalar, desmascarada a treta da "governança pendular", eis o PS e respectivos apêndices mediáticos surfando a onda de todos os verões dos governos de Cavaco Silva - a "remodelação".

E também neste caso, esta "remodelação" putativa e mediática visa o branqueamento da imagem do Primeiro-Ministro e do essencial das políticas do Governo a expensas de uns poucos ministros.

E à medida que nos cenários, geridos pelos aparelhos de contra-informação do Governo, vão rareando as "eleições antecipadas" - que as coisas não vão de feição -, novas "caixas" surgirão para preencher o quotidiano dos media e respectivo "prime time".

É esperar para ver o que mais se irá anunciar pela décima vez nos "governos em diálogo" e o que nos trará o "Pontal" do PS - algum "facto político" terão que inventar, que já Cavaco assim fazia.

E os "hovos estados gerais", explicitamente decididos para fazer constar, quando o Governo fizer um ano, o que mais ninguém lhe verá: o imaginário "cumprimento das promessas".

Assim vai o PS e o seu Governo.

Pelo caminho e amigos escolhidos, enleado nas opções de classe, enredado em táticas, manobrismos e cenários, cada vez mais irremediavelmente perdido no labirinto das políticas de direita.

■ Carlos Gonçalves



O sismo experimental no Porto Estória de um sismo feito por encomenda que não foi anunciado

A recente polémica acerca do sismo experimental ao largo da cidade do Porto - e que viria a ditar o seu adiamento pelas autoridades competentes no passado fim-de-semana, substituindo-se a experiência por uma experiência da experiência - é matéria para reflexão e de exemplo do estilo de governo dos interesses públicos que temos. Uma experiência científica internacional, que consiste em fazer deflagrar 20 toneladas de TNT no fundo rochoso da plataforma continental portuguesa, simulará um sismo a ser observado em todo o mundo e terá em vista o estudo da estrutura e propriedades do interior profundo da Terra. Esta experiência é inédita pela dimensão da carga explosiva para o fim descrito.

Surpreendentemente, a experiência esteve autorizada para ser realizada em fins de Julho, sem que tal autorização estivesse devidamente fundamentada e, por conseguinte, as responsabilidades correspondentes claramente assumidas.

Um semanário deu notícia da experiência a ser realizada uma semana antes, quebrando o sigilo, e o que estava autorizado foi, em Conselho de Ministros, suspenso.

Uma experiência destas implica competências dos ministérios do Planeamento, da Defesa, da Ciência, do Ambiente e das Pescas. Os secretários de Estado dos Recursos Naturais, da Administração Local e das Pescas desconheciam ou sustentavam dúvidas sobre os custos e os riscos da experiência. O Serviço Nacional de Protecção Civil, as autarquias e a população da área metropolitana do Porto, os armadores e os pescadores da zona afectada encontravam-se todos na ignorância completa do projecto.

Não nos cabe ajuizar a importância da experiência para a comunidade científica internacional e, indirectamente, para a comunidade científica nacional. O objectivo da experiência não tem que ver com o melhor conhecimento do território nacional nem com os respectivos riscos sísmicos. Ela poderia ter sido feita, com igual objectivo, noutros locais da Terra. A sua realização na costa portuguesa poderá atrair vantagens acrescidas mas também acarreta desvantagens e riscos adicionais, todas e todos mal conhecidos.

Todos os especialistas reconhecem os custos que a experiência acarreta - particularmente quanto à destruição de recursos pesqueiros - e os riscos, particularmente sísmicos, embora diverjam sobre a grandeza desses custos e riscos e, portanto, tomem posição ou favorável, ou desfavorável, ou prudentemente cautelosa.

Mas é matéria de facto que há prejuízos e riscos. E que os responsáveis do Governo e dos organismos do Estado têm de claramente assumir a responsabilidade dos seus pareceres e decisões.

Por outro lado, é incompreensível que o Governo tenha mantido sob sigilo uma experiência sobre o meio ambiente, susceptível de criar alarme público e conduzir a prejuízos materiais (sísmicos) e económicos (pescas) - à imagem dos maus exemplos de

certas empresas que, procurando passar despercebidas, produzem impactos e por vezes desastres ambientais.

No caso vertente, os prejuízos e os riscos (próximos ou remotos), aparentemente aleatórios, dificilmente poderão vir a ser correlacionados com a sua causa - o que privilegia o eventual infractor mas não serve de protecção aos prováveis prejudicados e possíveis vítimas.

Entramos no âmbito mais subjectivo da ética que, no caso dos decisores

políticos, é o estilo de fazer política; e no caso dos cientistas é a consciência da sua responsabilidade social. Há quem queira ver nas divergências de opinião entre cientistas a causa destes relatados sucessos. Iludem-se ou querem iludir os outros. O que está realmente em causa é a assumpção de responsabilidades públicas e a coordenação da acção governativa - no domínio da Ciência e à semelhança de todos os demais domínios que são objecto do interesse público. Os cientistas são cidadãos com seus direitos e deveres; cabe-lhes também contribuir, esclarecida e honestamente, para as decisões políticas que de Ciência mais carecem ser sustentadas.

O Governo, através do Ministério da Ciência, tomou posição favorável à investigação científica no âmbito dos riscos e desastres naturais (sismos, inundações, fogos florestais, etc.). É uma orientação que acolhemos, por corresponder ao interesse do nosso País e por promover a importância da investigação científica perante outros responsáveis políticos e a opinião pública.

A experiência sísmica ao largo do Porto não se quadra neste âmbito, pois que o seu objectivo é o melhor conhecimento do interior profundo da Terra. Aguardamos, entretanto, um maior empenho, da parte do Governo, no estudo dos reais problemas que se colocam ao nosso País no que se refere aos riscos e desastres naturais a que estamos ocasionalmente sujeitos. São projectos científicos com menor impacto internacional, pelo menos no imediato, mas com mais nítido e imediato interesse nacional. Projectos de um e outro tipo não se contradizem, mas exige-se equilíbrio nas prioridades.

E voltando ao estilo de governo que temos: como é possível mostrar preocupação por riscos e desastres naturais e advogar o seu estudo, por um lado, e, por outro, manter em segredo a realização de uma experiência que assumidamente produz impactos, prejuízos e riscos?

Haja coerência.

Haja também capacidade de coordenação governativa e respeito pelos cidadãos.

■ RNR

PONTOS CARDEAIS

Os mais pobres

Ao fim de mais de dez anos de integração europeia - pela qual tanto o PS se bateu, como agora se desunha por Maastricht e pela moeda única - e outros tantos de cavaquismo, com o PSD a gritar pelo pelotão da frente, as contas dão um quadro bastante negro. Segundo números revelados pelo "Expresso", hoje a "pobreza atinge 2 milhões de portugueses", a "maior taxa da UE".

Com efeito, Portugal está no "pelotão da frente"... com 25,2 por cento de pobres contados na sua população. O que dará cerca de dois milhões e meio de pobres neste pequeno país. Os gráficos apresentando as taxas de pobreza de cada país da UE mostram que ninguém escapa nesta Europa. Uns, porém, escapam menos. Portugal, Grécia, Itália, com mais de 20 por cento de pobres. Mas ainda Irlanda, Espanha, Inglaterra, França e Alemanha, todos com mais de 10 por cento. Números que dão o panorama da integração. Quanto aos mais ricos, que enchem a bolsa à

custa da pobreza crescente, não há números. Mas quanto aos pobres, são muitos milhões.

... e menos agradecidos

Pobrezinhos, sim, mas agradecidos, é que deveríamos estar. Pois tal é o preço - há que pagá-lo, dizia Cavaco e repete Guterres - da entrada de Portugal na CEE, primeiro, na UE a seguir, na moeda única finalmente. Mas há por aí alguns mal agradecidos. Depois de terem advogado - e de não o desmentirem hoje - a integração europeia de Portugal, agora queixam-se. É o que faz o editorialista do "Expresso", a denunciar a "verdadeira invasão espanhola" que constitui o investimento do patronato "hermano" no país dos lusitanos. Nada menos de "475 milhões nos primeiros seis meses de 1996, contra 421 no resto do mundo". "As barreiras fronteiriças", escandaliza-se o editorialista, "que os portugueses se revelaram capazes de defender nos tempos em que as nações combatiam de

armas na mão, perderam todo o valor. Hoje, não existe nenhum obstáculo à entrada dos espanhóis em Portugal". Ameaçando que "a invasão espanhola vai continuar", o editorialista admite que "já não vem longe o dia em que Portugal se tornará, de facto, uma província de Espanha". Ficamos sem saber se o movem saudades das guerras com Castela, neste tempo em que as nações, segundo a sua visão do mundo, "já não combatem de armas na mão". Poderíamos fornecer-lhe numerosos exemplos de combates desses, por aí. Daqueles a sério, com sangue não virtual. Preferimos acreditar que o editorialista pensa, como nós, que uma nova e diferente política defenderia melhor os interesses dos portugueses.

A guerra nas ilhas

Quais os programas dos partidos e forças políticas concorrentes às eleições regionais? A maior parte dos

jornais não refere nada disso, nas páginas dedicadas à batalha política que agita as ilhas. Mas presta atenção à guerrilha entre PS e PSD, que grassa na Madeira e nos Açores. PS e PSD ficarão agradecidos com este desviar das atenções do que é fundamental.

Alberto João vem agitar as páginas de certa imprensa com a acusação que faz à Comissão Nacional de Eleições de estar a mando do PS e afirma que a CNE é um produto da "inspiração marxista" da Constituição de 1996, que o PSD aprovou... Nos Açores, os líderes regionais do PS e do PSD mimoseiam-se com acusações a propósito de sondagens-pimba. Têm dois meses ainda para demonstrarem que uns são piores que os outros.

Exigências na calha

Atlanta já lá vai, mas perduram os ecos, as alegrias e frustrações próprias da alta

MELHOR QUE O CIRCO DE MOSCOVO

O CIRCO BORIS



competição. Nestas alturas, a comovente solidariedade com os vencedores não deve fazer esquecer o que abundantemente foi mostrado - a cruel crítica aos vencidos. O Portugal do cavaquismo, que ensinou a pisar o parceiro de corrida, ainda não morreu. Deixou marcas fundas em algumas mentalidades. E não se notam

diferenças significativas entre os que hoje são responsáveis pela condução política das coisas públicas.

Exemplo disso é Miranda Calha, de novo à frente dos Desportos, um homem a quem a travessia do deserto parece nada ter ensinado. A lição que tira da participação portuguesa em Atlanta é a de que o Governo "vai exigir mais aos olímpicos".

E nós a pensarmos que os atletas é que deviam exigir mais aos governos...

O que mata

No Verão os jornais costumam caprichar em notícias variadas e curiosidades múltiplas, entremeando o humor com a divulgação de novidades. Alguns tornam-se tão divertidos que perdem a graça, outros tão engraçados que a seriedade lhes escapa. Há dias, "A Capital" escorregou e mistura o grosseiro de uma "piada" com o interesse de uma notícia. A propósito da "suspensão" do "...", dá um exemplo da... muitos leitores que mantêm a esperança: "Já não vejo a televisão deles nem leio os seus jornais. Todas as manhãs espero que o carteiro me traga o «Pravda». O meu jornal não morrerá", escreve um dos muitos leitores, entre a avalanche de cartas que chegam ao jornal de Lenine. Mais abaixo - certamente para tornar "pluralista" "A Capital" - uma graça pesada. "Lenine ainda mata na Rússia", debita o escrevente, "a propósito" de um desgraçado jovem de quinze anos que, saído de uma discoteca, tentou a escalada de uma estátua, sendo esmagado. Não refere a notícia o grau de alcoolémia do jovem, porque, de facto o álcool ou a droga é que costumam matar. Mas fica tão bem fazer graças a propósito da morte e do comunismo...

PONTOS NATURAIS

Este país...

Um homem entrou sozinho com uma caçadeira de canos cerrados e fez o assalto do ano. O Casino de Vilamoura era guardado por segurança privada.

- O assaltante fugiu numa motorizada.
- No espaço de dois minutos um único indivíduo consegue assaltar o mais importante casino do Algarve.

- A administração considera-o um «kamikaze».
- No Casino enganaram-se no número e em vez de discarem o número da GNR, discaram o posto da Guarda Fiscal que disseram que não era com eles. Telefonaram então para o Quartel da Quarteira, onde terão sido atendidos de uma forma pouco lesta, a fazerem perguntas enquanto estava a decorrer o assalto.

Em Vilamoura toda a gente se queixa da insegurança. O encontro firmado entre a Lusotur e a empresa privada de segurança abrange apenas a zona da marina e o campo de golfe.

Em Chaves, o Centro Médico daquela cidade sofreu obras, ou melhor, os seus três médicos não chegam para os 25 mil utentes inscritos.
- O quadro médico existe - disse a Ministra.

- O que tem havido é dificuldades no preenchimento das vagas.

«O meu marido era pescador. Teve um acidente de trabalho, perdeu a vista e desde aí nunca mais trabalhou.»

A cadeia de Braga está envolvida num escândalo de corrupção. Um antigo presidiário acusa ex-funcionários da cadeia de irregularidades, tráfico de drogas e burla agravada.

Neste quadro, os bombeiros pouco ou nada conseguiam fazer. A meio da tarde, os 70 homens das nove corporações envolvidas, analisaram a melhor forma de intervir, que passava quase sempre apenas pela vigilância de forma a proteger pessoas e bens.

- Os populares seguiam atentos a evolução da situação, aqui e ali dando uma ajuda no controlo das chamas.

- Para trás ficam 350 hectares de terra queimada, mato, pinhal e alguns pomares.

Os bombeiros de Aveiro dizem que há vários casos de insegurança na cidade. Afirmam que faltam vistorias, as obras clandestinas crescem e os produtos inflamáveis estão armanezados sem condições.

- Os acidentes podem acontecer a qualquer momento.

- Há um depósito de gás situado em pleno bairro habitacional.

- Para agravar a situação, os extintores de emergência estão fora de prazo.

O jogador custará ao clube 450 mil contos.

(Matéria da emissão do Telejornal, do dia 5-8-96)

Mário Castriuw



MONUMENTO

TELEVISÃO

Quinta, 15

CANAL 1

09.00 Notícias
09.10 Acrobatas Detectives
09.35 Uma Casa ao Sol
10.00 Missa
11.00 Os Wilder
11.25 Culinária
11.45 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Pais Real
14.15 Clássicos da RTP
14.45 Infantil / Juvenil
15.45 Herman Total
16.45 Azul
17.30 Malha de Intrigas
19.10 Pedra Sobre Pedra
20.00 Telejornal
20.50 Reformado e Pal Pago
21.30 Primeiro Amor
23.00 Miss Boa Forma U.S.A. (I)
24.00 24 Horas
00.15 RTP/Financial Times
00.30 Raptada
(de Howard Avelis, EUA-1986, com David Naughton, Barbara Crampton, Lance LeGault. «Thriller»)

RTP2

17.00 Notícias
17.10 Carrinha Mágica
17.35 Um, Dó, Li, Tá
19.00 A Par e Passo
19.35 Ufos and Paranormal Phenomena Series
20.35 TV Nostalgia
22.00 Jornal 2
22.45 O Império da Paixão
(de Nagisa Oshima, Japão-1978, com Kazuko Yoshiyuki, Tatsuya Fuji. Ver Destaque)
00.30 Planeta Música - «Elvis Presley» (II)

SIC

09.00 Os Conquistadores
09.30 Buérré
11.00 Olimpíadas Radicais
11.30 As Receitas do Dia
11.55 A Guerra dos Sexos
13.00 Primeiro Jornal
13.30 A Brincar, a Brincar
14.00 Buérré
14.30 Volta a Portugal
15.40 Buérré
17.25 Notícias
17.40 Renascer
18.50 Quem É Você?
20.00 Jornal da Noite
20.50 Tarpalhões
21.20 História de Amor
22.30 Circo
23.30 Grande Reportagem
00.30 Volta Portugal
00.55 Último Jornal
01.15 Contos Eróticos
01.50 Vibrações

TVI

10.00 Espaço Cultural
12.10 Clube da Manhã
13.00 Jornal da Uma
13.55 Ambição
15.00 SOS Urgências
16.00 A Hora do Recreio
17.40 Informação
18.00 Malta Curtida
18.35 Marés Vivas
19.30 Novo Jornal
20.30 A Balada de Hill Street
21.30 Martin
22.00 Comandos do Mar
(de Frank Harris, EUA-1986, com Gregg Henry, Simone Griffeth, Leslie Nielsen. «Thriller»)
23.50 TVI Jornal
00.20 Fora de Jogo

Sexta, 16

CANAL 1

09.00 Notícias
09.10 Acrobatas Detectives
09.35 Uma Casa ao Sol
10.00 Cinzas
10.30 Meu Verão Secreto
11.00 Os Wilder
11.25 Culinária
11.45 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Pais Real
14.15 Clássicos da RTP
14.45 Infantil / Juvenil
15.45 Quem É o Que?
16.45 Azul
17.30 Malha de Intrigas
19.00 Pedra Sobre Pedra
20.00 Telejornal
21.00 80-60-86
21.35 Primeiro Amor
22.30 O Bom, o Mau e o Vilão
(de Sergio Leone, It.-1966, com Clint Eastwood, Eli Wallach, Lee Van Cleef. Ver Destaque)
01.05 24 Horas
01.20 RTP/Financial Times
01.35 Vingança Cruel
(de Richard Friedman, EUA-1989, com Kari Whitman, Morgan Fairchild, Derek Rydall. Terror)

RTP2

15.00 Desporto - Voleibol de Praia
17.00 Notícias
17.10 Carrinha Mágica
17.35 Um, Dó, Li, Tá
18.55 Máquinas
19.25 Grandes Viagens de Comboio
20.25 TV Nostalgia - 5ª Dimensão
21.45 Remate
22.00 Jornal 2
22.45 As Heroínas do Mal
(de Walerian Borowczyk, Fr.-1978, com Marina Pietro, François Guétary)
00.40 Planeta Música: The Boston Pops Orchestra

SIC

09.00 Buérré
11.00 Olimpíadas Radicais
11.30 As Receitas do Dia
11.55 A Guerra dos Sexos
13.00 Primeiro Jornal
13.30 A Brincar, a Brincar
14.00 Buérré
14.30 Volta a Portugal
16.00 Buérré
17.25 Notícias
17.40 Renascer
18.50 Quem É Você?
20.00 Jornal da Noite
20.50 Malucos do Riso
21.20 História de Amor
22.30 All You Need Is Love
23.30 Super Modelo 95
01.35 Último Jornal
01.55 Playboy
02.55 Vibrações

TVI

10.00 Espaço Cultural
12.10 Clube da Manhã
13.00 Jornal da Uma
13.55 Ambição
15.00 SOS Urgências
16.00 A Hora do Recreio
17.40 Informação
18.00 Malta Curtida
18.35 Marés Vivas
19.30 Novo Jornal
20.30 O Poder da Lei
21.30 Doído por Ti
22.00 Morte em Beverly Hills (1ª parte)
23.50 TVI Jornal
00.20 Fora de Jogo
00.30 Booker

Sábado, 17

CANAL 1

08.00 Sempre a Abrir
12.30 Jogos de Praia
13.00 Jornal da Tarde
13.20 Top +
14.35 Beverly Hills 90210
15.35 Emoções Fortes
16.05 Jovens Cowboys
17.05 «The Meteor Man»
(de Robert Townsend, EUA-1993, com R. Townsend, Maria Gibbs, Eddie Griffin. «Thriller»)
18.50 Clube dos Totalistas
20.00 Telejornal
21.00 Primeiro Amor
22.15 Parabéns Júnior
00.15 24 Horas
00.35 Cidade da Alegria
(de Roland Joffé, EUA-1993, com Patrick Swayze, Om Puri, Pauline Collins)
02.10 Pecados de uma Senhora de Bem
(de Seiji Izumi, EUA-1994, com Joana Pacula, Goro Inagaki. Erótico)
06.00 O Tempo

RTP2

12.00 Um Reino para os Animais
12.50 Vida por Vida
13.10 Euronews
14.00 Nas Nossas Mãos
14.25 Um Homem em Casa
15.00 Desporto 2
18.00 Musical: «Rickie Lee Jones»
19.05 Dualidades
(de Jacques Rivette, Fr.-1976, com Juliet Berio, Bulle Ogier, Jean Babilille. Drama)
21.00 Semana ao Sábado
22.05 Lendas e Narrativas
22.35 Quando o Mar Galgou a Terra
(de Henrique Campos, Port.-1954, com Mariana Vilar, Fernando Curado Ribeiro, Alves da Costa)
00.15 Fogo Cruzado

SIC

08.30 Buérré
12.00 BBC - Vida Selvagem
13.00 Primeiro Jornal
13.40 Passo a Passo
14.10 Portugal Radical
14.30 Volta a Portugal
16.00 Justiça Negra
16.50 Médicos Sem Fronteiras
18.00 Campo de Sonhos
(de Phil Alden Robinson, EUA-1989, com Kevin Costner, Amy Madigan, Ray Liotta, Burt Lancaster. Ver Destaque)
20.00 Jornal da Noite
20.50 Clube VIP
21.20 Vira Lata
22.30 Big Show Sic
01.00 Volta a Portugal
01.20 Último Jornal
01.35 Sexta-feira, 13 - Parte VII: Sangue Novo
(de John Carl Buechler, EUA-1988, com Lar Park Lincoln, Terry Kiser. Terror)

TVI

09.40 Animação
12.00 Novos Ventos
13.00 Contra-Ataque
14.15 Troféu Carina
14.30 A Odisseia Submarina
15.30 Ténis
16.00 A Viagem dos Inocentes
(de Luciano Salce, EUA-1992, com Craig Wasson, Brooke Adams)
18.15 California Dreams
18.40 Os Novos Intocáveis
19.30 Telejornal
20.30 Babylon 5
21.20 Morte em Beverly Hills (2ª parte)
23.20 Últimas Notícias
23.45 O Monarca Vermelho
(de Jack Gold, EUA-1983, com Colin Blakely, David Suchet, Carrol Baker. Drama / «Biográfico»)
01.30 Sortilégio
(de Steve Minner, EUA-1988, com Julian Sands, Lori Singer, Richard E. Grant. Comédia / Fantástico)

Domingo, 18

CANAL 1

08.00 Sempre a Abrir
10.30 Jogos Sem Fronteiras
12.00 Sem Limites
12.25 Jornal da Tarde
12.45 Motociclismo
14.00 Made in Portugal
15.10 Alta Voltagem
15.45 A Luta de um Homem
(de Jeff Blackner, EUA-1994, com Louis Gossett Jr., Joseph Mazello. Telefilme / Drama)
17.20 100% Natural
18.15 Portugal ao Desafio
19.15 Casa Cheia
20.00 Telejornal
21.00 Jet 7
21.35 Primeiro Amor
22.15 Domingo Desportivo
23.45 24 Horas
00.05 O Ano do Cometa
(de Peter Yates, EUA-1992, com Penelope Ann Miller, Tim Daly, Louis Jourdan. Aventuras)

RTP2

09.00 Caminhos
09.30 Novos Horizontes
10.00 70 x 7
10.30 Missa
11.25 O Homem e a Cidade - «Loulé»
12.00 Euronews
12.45 Coleção Platinum
13.25 Droga, Másmara e Realidade
14.00 Desporto 2
18.30 Musical: «David Bowie»
19.00 Bom Bordo
19.30 A Princesa e o Pirata
(de David Butler, EUA-1944, com Bob Hope, Virginia Mayo, Walter Brennan. Comédia)
21.00 Contos de Ópera (últº progr.)
22.05 Dança
23.25 Planeta Música: «Música para Ver, Pintura para Ouvir»

SIC

08.30 Buérré
12.00 BBC - Vida Selvagem
13.00 Primeiro Jornal
13.40 Assuntos de Família
14.30 Guerra dos Mundos
15.30 Versace e Madonna
16.10 Volta a Portugal
17.10 Walker, o Ranger do Texas
18.00 A Louca Academia do Ski
(de Richard Correl, EUA-1990, com Roger Rose, T.K. Carter. Comédia)
20.00 Jornal da Noite
20.50 Vira Lata
22.00 Os Reis do Mambo
(de Robert Kraft, EUA-1992, com Armand Assante, Antonio Banderas, Cathy Moriarty. Ver Destaque)
24.00 Volta a Portugal
00.25 Último Jornal
00.45 Um Barco e Nove Destino
(de Alfred Hitchcock, EUA-1944, com Tallulah Bankhead, William Bendix. Ver Destaque)

TVI

09.40 Clube da Manhã
12.00 Missa
13.30 O 8º Dia
14.30 Automobilismo
16.00 Napolitanos em Milão
(de Eduardo de Filippo, Itália-1953, com Anna Maria Ferrero, Francesco Pensa. Pedro D' Addio. Drama)
18.10 Toques de Magia
18.35 Adultos à Força
19.30 Telejornal
20.15 Confissões de Adolescentes
20.50 Melrose Place
21.50 Easy Rider
(de Dennis Hopper, EUA-1969, com Peter Fonda, Dennis Hopper, Jack Nicholson. Ver Destaque)
00.30 Últimas Notícias

Segunda, 19

CANAL 1

09.00 Notícias
09.10 Acrobatas Detectives
09.35 Uma Casa ao Sol
10.00 Cinzas
10.30 Meu Verão Secreto
11.00 Os Wilder
11.25 Culinária
11.45 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Pais Real
14.15 Clássicos da RTP
15.15 Infantil / Juvenil
16.15 Marco Paulo
17.20 Azul
18.15 Malha de Intrigas
19.10 Pedra Sobre Pedra
20.00 Telejornal
21.00 Queridas e Maduras
21.40 Primeiro Amor
22.50 Histórias da Noite
23.25 Tourada
00.45 24 Horas
01.15 Academia de Enfermeiros
(de Stuart Margolin, EUA-1988, com George Newbern, Christopher McDonald, Javier Grajeda. Comédia)

RTP2

17.05 Carrinha Mágica
17.35 Infantil / Juvenil
19.00 Olho Clínico
19.35 A Europa do Cinema (últº progr.)
20.40 A Jóia da Coroa
22.00 Jornal 2
22.45 A Semente do Homem
(de Marco Ferreri, It.-1973, com Anne Wiazemsky, Marco Margine, Annie Girardot.)
00.25 Planeta Música - Grandes Árias

SIC

09.00 Os Conquistadores
09.30 Buérré
11.00 Olimpíadas Radicais
11.30 As Receitas do Dia
11.55 A Guerra dos Sexos
13.00 Primeiro Jornal
13.30 A Brincar, a Brincar
14.00 Cosby Show
15.00 Buérré
17.25 Notícias
17.40 De Corpo e Alma
19.00 Quem É Você?
20.00 Jornal da Noite
20.50 Sai da Minha Vida
21.15 História de Amor
22.15 Desaparecido em Combate III
(de Aaron Norris, EUA-1987, com Chuck Norris, Aki Aleong. Ver Destaque)
00.20 Último Jornal
00.40 Contos de Arrepiar
01.40 Vibrações

TVI

10.00 Espaço Cultural
12.10 Clube da Manhã
13.00 Jornal da Uma
13.55 Ambição
15.00 SOS Urgências
16.00 A Hora do Recreio
17.40 Informação
18.00 Malta Curtida
18.35 Rua Jump 21
19.30 Novo Jornal
20.30 Pessoas Desaparecidas
21.30 Lar, Louco Lar
22.00 O Estranho Desaparecimento de Vonnie
(de Graeme Campbell, EUA, com Ann Jillian, Joe Penny. Teledramático)
23.50 TVI Jornal
00.20 Fora de Jogo
00.30 Luta pela Verdade

Terça, 20

CANAL 1

09.00 Notícias
09.10 Acrobatas Detectives
09.35 Uma Casa ao Sol
10.00 Cinzas
10.30 Meu Verão Secreto
11.00 Os Wilder
11.25 Culinária
11.45 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Pais Real
14.15 Clássicos da RTP
14.45 Infantil / Juvenil
15.50 Todos ao Palco
17.00 Azul
18.05 Malha de Intrigas
19.00 Pedra Sobre Pedra
20.00 Telejornal
20.50 Primeiro Amor
22.05 Jogos Sem Fronteiras
23.40 24 Horas
24.00 RTP / Financial Times
00.10 O Renegado
01.00 Amarga Ambição
(de Michael Toshiyuki Uno, EUA-1994, com Joanne Woodward, Laura Linney, Reed Diamond. Drama)

RTP2

17.05 Carrinha Mágica
17.35 Infantil / Juvenil
19.05 Rumo à Lua
19.40 Civilizações Perdidas
21.35 TV Nostalgia
22.00 Jornal 2
22.45 Não Toques na Mulher Branca
(de Marco Ferreri, It.-1973, com Marcello Mastroianni, Michel Piccoli, Catherine Deneuve.)
00.40 Planeta Música - rquestra de Count Basie

SIC

09.00 Os Conquistadores
09.30 Buérré
11.00 Olimpíadas Radicais
11.30 As Receitas do Dia
11.55 A Guerra dos Sexos
13.00 Primeiro Jornal
13.30 A Brincar, a Brincar
14.00 Buérré
14.45 Volta a Portugal
16.00 Buérré
17.25 Notícias
17.40 Renascer
18.50 Quem É Você?
20.00 Jornal da Noite
20.50 Jasmim
21.20 História de Amor
22.30 Cantigas da Rua
23.30 Testemunha Silenciosa
00.30 Volta a Portugal
00.50 Último Jornal
01.10 Os Amigos de Peter
(de Kenneth Branagh, Gr.Br.-1992, com Kenneth Branagh, Emma Thompson, Rita Rudner. Ver Destaque)
03.25 Vibrações

TVI

10.00 Espaço Cultural
12.10 Clube da Manhã
13.00 Jornal da Uma
13.55 Ambição
15.00 SOS Urgências
16.00 A Hora do Recreio
17.40 Informação
18.00 Malta Curtida
18.35 Rua Jump, 21
19.30 Novo Jornal
20.30 Em Nome da Justiça
21.30 Competente e Descarada
22.00 O Homem que Queria Ser Rei
(de John Huston, EUA, com Sean Connery, Michael Caine, Christopher Plummer. Ver Destaque)
23.50 TVI Jornal
00.20 Fora de Jogo
00.30 Quase Modelo, Quase Detective

Quarta, 21

CANAL 1

09.00 Notícias
09.10 Acrobatas Detectives
09.35 Uma Casa ao Sol
10.00 Cinzas
10.30 Meu Verão Secreto
11.00 Os Wilder
11.25 Culinária
11.45 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Pais Real
14.15 Clássicos da RTP
15.35 Infantil / Juvenil
16.30 Ligações Perigosas
17.45 Azul
18.25 Malha de Intrigas
19.00 Pedra Sobre Pedra
19.45 Vamos Jogar no Totobola
20.00 Telejornal
21.00 Primeiro Amor
22.40 Todos ao Palco
23.30 A Lei das Ruas
00.25 24 Horas
00.40 RTP / Financial Times
00.55 Mente Perversa
(de Carlo Lizzani, It.-1991, com Julian Sands, Giuliana De Sio, Irland Josephson. Drama)

RTP2

17.05 Carrinha Mágica
17.35 Infantil / Juvenil
19.05 Rotações
19.45 Eu, Cláudio
20.40 Sinais do Tempo
22.00 Jornal 2
22.45 Adeus Macho
(de Marco Ferreri, It./Fr.-1977, com Gerard Depardieu, Marcello Mastroianni, James Coco.)
00.05 Planeta Música: «Morrissey»

SIC

09.00 Os Conquistadores
09.30 Buérré
11.00 Olimpíadas Radicais
11.30 As Receitas do Dia
11.55 A Guerra dos Sexos
13.00 Primeiro Jornal
13.30 A Brincar, a Brincar
14.00 Cosby Show
15.00 Buérré
17.25 Notícias
17.40 De Corpo e Alma
18.50 Quem É Você?
20.00 Jornal da Noite
20.50 História de Amor
21.20 Comédia da Vida Privada
23.30 Guerra de irmãos
00.35 Último Jornal
01.15 Toda a Verdade - A Morte de Hitler
01.50 Vibrações

TVI

10.00 Espaço Cultural
12.10 Clube da Manhã
13.00 Jornal da Uma
13.55 Ambição
15.00 SOS Urgências
16.00 A Hora do Recreio
17.40 Informação
18.00 Malta Curtida
18.35 Rua Jump, 21
19.30 Novo Jornal
20.30 Em Nome da Justiça
21.30 Competente e Descarada
22.00 O Homem que Queria Ser Rei
(de John Huston, EUA, com Sean Connery, Michael Caine, Christopher Plummer. Ver Destaque)
23.50 TVI Jornal
00.20 Fora de Jogo
00.30 Quase Modelo, Quase Detective



Droga, Máscara e Realidade, o programa de Maria Elisa ao domingo na RTP2, promete ser o mais sério já dedicado pela televisão à prevenção da toxicod dependência

Lucky Luke, um herói de todas as tardes na TVI

David Bowie domingo à tarde na RTP1

O Comandante Cousteau na TVI, ao domingo

Por isto e por aquilo...

O Império da Paixão

(Quinta, RTP2, 22.45)

Inspirando-se de novo no Japão medieval para construir uma fábula acerca das distorções sociais e de costumes ainda remanescentes no Japão do pós-guerra, Oshima retoma do seu anterior *O Império dos Sentidos* a tresloucada violência que pode assumir a paixão, pondo agora em cena um triângulo amoroso que um homem e a sua amante resolvem assassinando o marido dela. Só que este acaba por regressar para assombrar os culpados e o castigo sobre todos eles se abaterá. A crueza das representações do acto sexual que marcou «O Império dos Sentidos» é agora ilidida, o fantástico substitui o quase-pornográfico que muitos àquele apuseram, mas uma extrema violência mantém-se.



António Banderas e Armand Assante em «Os Reis do Mambo»



Fotograma de «Os Amigos de Peter», de Kenneth Branagh

O Bom, o Mau e o Vilão

(Sexta, RTP1, 22.30)

Um dos três filmes que impuseram Sergio Leone como o autor por excelência dos western-spaghetti e que simultaneamente guindaram ao estrelato Clint Eastwood, um jovem actor desconhecido no início desta série. Com uma nova desenvoltura de meios (os filmes anteriores, feitos com pouco dinheiro, tinham dado os lucros necessários) e argumento muito mais elaborado, *O Bom, o Mau e o Vilão* mantém o mesmo clima de violência desbragada, mas de tal modo condimentada com sátiras e absurdos que acaba por resultar num razoável divertimento, a não tirar o sono a ninguém. Como aliás qualquer espectador médio de televisão pode confirmar, tantas foram já as exibições! Notável é, como em todos os filmes da série e outros do mesmo autor, a banda sonora de Ennio Morricone.

Campo de Sonhos

(Sábado, 18.00, SIC)

Este é um filme extremamente curioso que regressa, em moldes modernos, à tradição da encenação do «maravilhoso» que constituiu pedaço significativo dos mecanismos de evasão do cinema clássico

norte-americano: inspirado por «uma voz» que vem do Além, um jovem agricultor de Iowa cria, no meio do seu milheiral, um recinto de baseball que constitui o «chamamento» para que ali surjam os espíritos de alguns dos mais míticos jogadores do passado, em particular o de Shoeless Joe Jackson - cuja trajectória inspirara o livro de W. P. Kinsella que serviu de base à adaptação do argumento. Uma boa interpretação de Kevin Costner no protagonista e ainda de Ray Liotta, James Earl Jones, até de Burt Lancaster num pequeno papel, e uma excelente banda sonora de James Horner.

Cidade da Alegria

(Sábado, 00.35, RTP1)

Roland Joffé, um apreciado jovem encenador de teatro tornou-se conhecido (e apreciado) no cinema como o autor de *Terra Sangrenta*, denúncia das atrocidades cometidas pelos Kmers Vermelhos no Camboja. O seu filme seguinte, *A Missão*, embora premiado em Cannes, já o foi, para muitos, injustamente.

Com este *A Cidade da Alegria* terá saído (definitivamente?) do estado de graça em que o primeiro filme o colocara: a denúncia das condições de miséria atroz em que vivem milhões de pessoas na Índia - na cidade de Calcutá - é considerada uma denúncia falhada, com um argumento pretensioso, forçadamente melodramático, demasiado «estilo Hollywood» para ser levado a sério.

Clint Eastwood em «O Bom, o Mau e o Vilão», de Sergio Leone



Os Reis do Mambo

(Domingo, 22.00, SIC)

Esta história de dois irmãos cubanos, músicos, imigrados nos Estados Unidos, é uma historiazinha mais ou melodramática, a valer, isso sim, como uma amostra do que é a riqueza e a beleza dos ritmos musicais cubanos.

Um Barco e Nove Destinos

(Domingo, 00.45, SIC)

Adaptado da novela original de John Steinbeck, este filme de Hitchcock e já do seu período americano é um dos mais insólitos da sua fabulosa carreira, engenhosamente ultrapassando, como só ele sabia, a dificuldade de encenar a história (feita de revelações e reminiscências) dos sobreviventes de um naufrágio, num salva-vidas à deriva durante a II Grande Guerra. Sempre a rever.

Desaparecido em Combate III

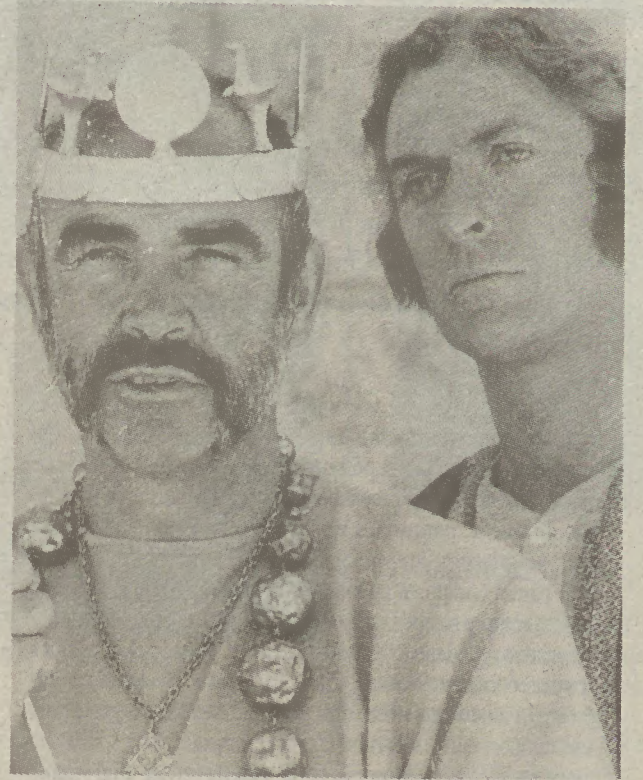
(Segunda, 22.15, SIC)

Mas o que foi que deu à SIC? Chuck Norris, presente numa série ao domingo na estação de Carnaxide praticamente desde que (ela) nasceu, em filmes de «acção» com pendular regularidade ao longo dos anos - e agora «à duzia»?!

Os Amigos de Peter

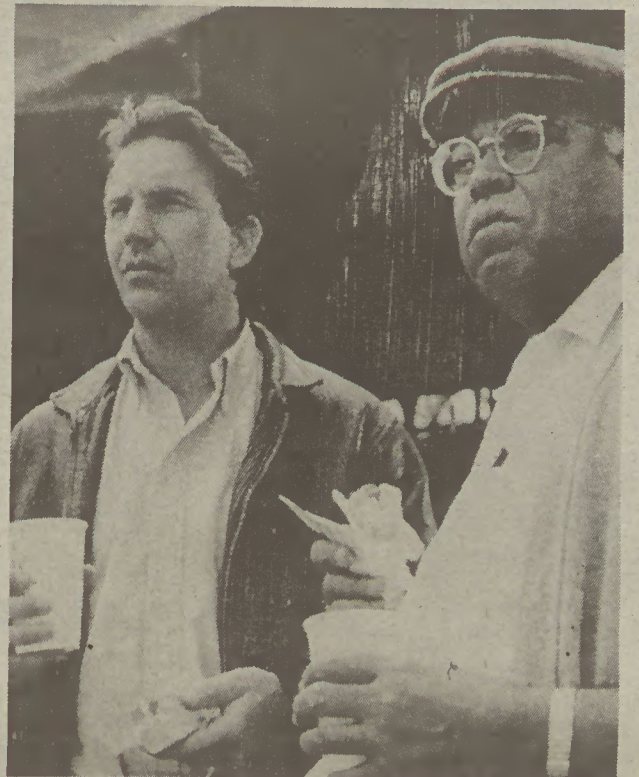
(Terça, 01.10, SIC)

Kenneth Branagh a demonstrar aqui que não é apenas um moderno encenador/intérprete de Shakespeare - também um autor capaz de reflectir os conflitos contemporâneos, não já dissecando «a floresta» e os conflitos centrais do Poder mas observando de perto os homens comuns nas suas relações de amizade e solidariedade. Os «amigos de Peter» são um grupo de ex-colegas de faculdade, todos fazendo então parte de um grupo musical, que se reúnem dez anos depois, já nos anos 90, para um «reconhecimento» que se vai revelar difícil até ao reencontro. O tema será uma aproximação evidente, para outro meio e outros tempos, de *Os Amigos de Alex*, a cuja referência Branagh não quer evidentemente fugir. Uma excelente elenco, com Emma Thompson em evidência, como é habitual.



Sean Connery e Michael Caine em «O Homem que Queria Ser Rei», de John Huston

Fotograma de «O Império da Paixão», de Nagisa Oshima



Fotograma de «Campo de Sonhos», com Kevin Costner e James Earl Jones

O Homem que Queria Ser Rei

(Quarta, 22.00, TVI)

Um conto de Kipling trabalhado por John Huston com a mestria de sempre, a dar grandeza aos sonhos e ambições (mesmo as *menos legítimas*) de dois aventureiros em busca de um perdido reino algures na Ásia que a lenda afirma moldado em ouro. Tentam eles convencer os nativos da natureza divina de um deles, o «rei natural» que lhes caberia, para mais facilmente poderem pilhar as suas riquezas. A quimera acaba por se desfazer, no meio de milhentos perigos de onde não estão ausentes sequências verdadeiramente hilariantes, como convém a um bom filme de aventuras... Sean Connery e Michael Caine são protagonistas perfeitos.

■ Correia
da Fonseca

Mas também de Paul Eluard

Francisco Pinto Balsemão esteve no «Clube VIP» da sua SIC, o que é como quem diz: «- Diz-me, espelho meu, se conheces alguém mais *vip* que eu!».

Parece que não, mas «Clube VIP» é uma rubrica importante, um pouco no género do tradicional canivete com muitas aplicações.

Serve para promover personalidades, salvo seja, que à SIC convenha promover, incluindo-se nesse lote, naturalmente, o «homem forte» da estação, porque, como diz o povo, «quem parte e reparte...». Serve para preencher a custos módicos uma fatia do tempo de antena, porque aos *vips* reais ou supostos não se paga *cachet*, pelo menos em princípio. E serve também, aliás lindamente, para a conquista ou simples manutenção das audiências pacóvias, sempre rendidas perante a fulgurância daquele segmento de gente a que dantes se chamava fina e agora, que os tempos são outros, é a «gente bonita», tradução literal e obviamente baco-ca do anglo-americano «beautiful people». Acontece mesmo que, há uns tempos, numa sub-rubricazinha eminentemente social que fluuava na TVI, uma especialista da matéria referia a tal «gente bonita» que participara não sei já em que evento ao mesmo tempo que a câmara ia mostrando um desfile de camafeus decrépitos, ainda que muito besuntados, que era de fazer doer a vista.

A nobreza «honoris causa»

Pois a especialidade do «Clube VIP» é esse «people», essa gente, e desse modo a rubrica penetra no mercado específico que alimenta o culto, isto é, na larga mão-cheia de papalvos que toma as páginas da «HOLA!» como textos sagrados e tem uma inveja enorme dos espanhóis porque lá, em Espanha, os marqueses são em muito maior número e muito mais a sério, têm rei e tudo, ao passo que nós, por cá, só temos pretendente e ainda assim contestado. E depois, é claro, nisto de nobreza há os nobres-nobres,

os nobres propriamente ditos, e esses, é claro, são o máximo, e, digamos, os nobres «honoris causa», com equivalência ao sangue azul, género Isabel Presley em Espanha ou Vipinha Teixeira da Cunha em Portugal. Também são artigos com muita saída no comércio da especialidade ainda que, já se sabe, não exibam «pedigree» de legitimação venosa.

Esta nobreza «honoris causa» adquire-se pelo casamento, designadamente quando se é mulher, ou pelo «sucesso», fenómeno de institucionalização relativamente recente ao nível dos «media» mas objecto de intenso culto. Assim, quando a RTP-1, não querendo ficar atrás da SIC, inventou a rubrica «Jet 7» para enfrentar o «Clube VIP», lá vimos a Cristina Caras Lindas, recentemente reimportada de Espanha e decerto robustecida pela leitura intensa e extenuante de grandes doses de «HOLA!» e correlativos, a fazer desfilar perante nós, entre imagens fugazes da rainha Isabel II e uma entrevista com Ricardo Carriço, um senhor brasileiro de muito sucesso e dinheiros a condizer. Não espanta: é bem conhecido que o «sucesso», quer dizer, o poder financeiro, torna as pessoas muito bonitas, isto é, muito «beautiful people», conferindo-lhes imediato passaporte para as colunas sociais, as revistas de tão bonita especialização e, agora, as rubricas de TV que investem na mesma área.

Há, porém, outras formas de nobilitação honorária que dão acesso à condição de *vip* sem que, ao menos visivelmente, o sucesso financeiro seja determinante para a promoção. É, designadamente, o caso das *top model* (mas atenção, apenas das mais *top*, não o das meras candidatas que afinal constituem uma espécie de proletariado do ramo!), e de Claudia Schiffer entre todas. A referência vem muito a propósito porque a Schiffer (julgo que deve dizer-se assim, a «Schiffer», como outrora se dizia «a Cal-las» e sempre se dirá «a Castafiore»); é desta forma que se designam todas as primas-donas) foi figura central de um extenso telefilme biográfico que dominou o serão de sexta-feira na SIC. Entenda-se: não tenho nada contra a pequena que, coitada, teve sorte na vida apesar daquela ligeira assimetria no olhar, que de resto até lhe dá um não-sei-quê de talvez estimulante, e de ser «king size», o que até a ajudou na carreira. Mas não posso deixar de reflectir que nem a SIC, nem aliás a RTP no seu canal de maior audiência, alguma vez dedicaram metade desse tempo em horário nobre a uma Maria João Pires. Porque não gostam de música? Talvez também, mas decisivamente, porque a Maria João não é *vip* «honoris causa» nem se inclui no universo *vip* que interessa à SIC. Como é natural, tenho pena. Mas procuro entender.

De súbito, o marxismo

A questão, creio, é que aquele peculiar mundo de notoriedades não o é de umas notoriedades quaisquer: hão-de estar relacionadas com a tal nobreza «honoris causa», dita de sucesso, maneira codificada de dizer «de dinheiro». O chamado Mundo da Moda preenche a condição, e nem vale a pena explicar porquê: a ver desfilar aquelas magrinhas, de espáduas a furar a pele bem ao gosto de grãos-costureiros que preferem corpos andróginos por motivos que não terão apenas a ver com a pura estética das costuras, vêm as esposas dos homens de sucesso não na moda mas sim nas bolsas de valores, nas indústrias transnacionais, na centrifugação das riquezas naturais de países distantes. As profissionais que exibem vestidos que atingem cotações desvairadas são peça decorativa, de estimação, de um sistema que permite a exibição do poder financeiro e que com ele se cumplicia na partilha da vassalagem de ilotas entontecidos por brilhos sociais. De entre elas, algumas, por razões diversas, são escolhidas para um efêmero destino de *supers-tars*. De momento, Claudia Schiffer mais que quaisquer outras.

E é importante notar que o estrelato assim consubstanciado, tal como o próprio fulgor da Grande Moda que é consumida por poucos, por poucas, mas fascina milhões (sobretudo porque esse fascínio se tornou moda, ele próprio, graças ao poder das TV's), acaba por ser um aliado poderoso na afirmação tácita da superioridade «natural» da gente de sucesso, bonita, «beautiful people». Descobrimos assim, porventura com alguma surpresa para alguns, uma frente peculiar da permanente batalha ideológica que acaba por impor às classes dominadas a ideologia da classe dominante: é, de súbito, o reencontro com o marxismo a uma esquina da modernidade nas sociedades ditas consumistas, e não nas páginas amareladas de livros supostamente obsoletos. A esta luz, a epidemia de «Clube VIP», «Jet 7», desfiles de moda em Romas e Alhures, biografias da Schiffer e produtos afins, surge com um sentido e um significado que provavelmente escapam à maioria dos próprios agentes que intervêm nessa cadeia de acontecimentos mediáticos mas que nós, marxistas, somos capazes de descodificar. Afinal de contas, é justo que seja assim, uma vez que não nos incluímos entre os «beautiful» e os «de sucesso». Já Paul Eluard cantou um dia, em versos inesquecivelmente belos, a capacidade dos comunistas para entenderem melhor e mais profundamente a vida. Apeetece evocar, mas sem a amarga conotação original, o verso de um outro poeta, esse brasileiro: «é a parte que nos cabe nesse latifúndio.»



ESCAPARATE

CULTURA

Português tem Provedor

Atropelos tão comuns ao idioma português como chamar «shopping center» a um centro comercial, «mail» ao correio electrónico ou «franchising» a uma parceria, levaram a Sociedade de Língua Portuguesa (SLP) a criar uma provedoria.

Destinada a «alertar a opinião pública e o poder instituído para a situação caótica em que se encontra» o português, a SLP criou a Provedoria da Língua Portuguesa, que será coordenada pela jurista e estudiosa do idioma nacional Maria de Lourdes Subtil.

aulas em inglês», exemplificou José António Camelo.

O que o dirigente da SLP contesta é a «impunidade com que se usam estrangeirismos» em Portugal, «principalmente o inglês».

Na sua opinião, esta realidade deve-se ao facto de «os portugueses não terem gosto pela língua que falam».

Para acabar com a situação, José António Camelo considera que se deve «mentalizar e ganhar as pessoas para a causa da língua».

«É inadmissível que se chame



Embora criada em 21 de Junho, a provedoria só deverá ser apresentada publicamente em Setembro.

José António Camelo, presidente da SLP, disse à Lusa que as «violações» da Língua Portuguesa são cometidas, não só pelo comum dos cidadãos, como pelas mais variadas entidades públicas e privadas, de departamentos governamentais a câmaras municipais, passando pelas empresas.

«Vamos perguntar ao secretário de Estado do Ensino Superior o que se passa com as universidades do Algarve e da Beira Interior, onde docentes estrangeiros estão a impor

«car wash» a uma lavagem automática para veículos ou «shop» a uma loja como se vê por todo o lado», precisou José António Camelo.

A Provedoria da Língua Portuguesa tem um conselho científico com seis membros a quem competirá ouvir os noticiários das estações de rádio, acompanhar as emissões televisivas e ler os jornais, para detectar os atropelos linguísticos, que também são cometidos pelos jornalistas, segundo o presidente da SLP.



Recém-nascido, o Trovante colhe os primeiros grandes aplausos na FIL, a 4 de Setembro de 1976

20 anos de Trovante

A obra discográfica dos Trovante para a EMI-VC, constituída por oito álbuns, foi esta semana reeditada para assinalar os 20 anos da fundação do grupo, que foi um dos mais importantes da música portuguesa.

A reedição abrange os álbuns «Baile no Bosque» (1981), «Cais das Colinas» (1983), «84» (1984), «Sepes» (1986), «Terra Firme» (1987), «Ao Vivo No Campo Pequeno» (1988), «Um Destes Dias» (1990) e «Saudades do Futuro - O Melhor dos Trovante» (1991).

De fora, ficaram «Chão Nosso», primeiro álbum do grupo gravado em 1977 para a Diapasão, e «Em Nome Da Vida», gravado em 1979 para o Mundo Novo.

Partindo de raízes tradicionais, os Trovante formaram-se em 1976 em Sagres, no Algarve, com Manuel Faria, João Gil, Artur Costa, João Nuno Represas e Luís Represas.

Em 1979, Né Ladeiras, vencedora do Prémio José Afonso do ano passado, chegou a integrar o grupo, gravando o single «Toca a Reunir».

Nessa altura o Trovante fez digressões internacionais com espectáculos na Bulgária, Cuba e Checoslováquia, entre outros países, e colaborações com José Afonso, Adriano Correia de Oliveira, Fausto, Vitorino e Sérgio Godinho.

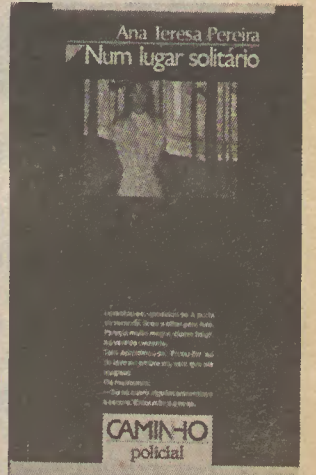
Nos anos 80, mais precisamente em 1981, os Trovante assinaram contrato discográfico com a EMI-VC. Depois de «Baile no Bosque», em 1982, o quinteto passou a septeto e depois a sexteto, com a entrada de Fernando Júdice e José Martins e a saída de João Nuno Represas.

Em 1983, regressam à fórmula do septeto com a entrada de José Salgueiro e em 1988/89, definitivamente, ao sexteto, com o abandono de José Martins.

Os Trovante viriam a terminar a carreira por alturas do Natal de 1991, depois da edição da colectânea de êxitos, «Saudades do Futuro».

Luís Represas encetou uma carreira a solo, Manuel Faria distingue-se como produtor, João Gil integra a «Ala dos Namorados» e os restantes membros colaboram em diversos projectos.

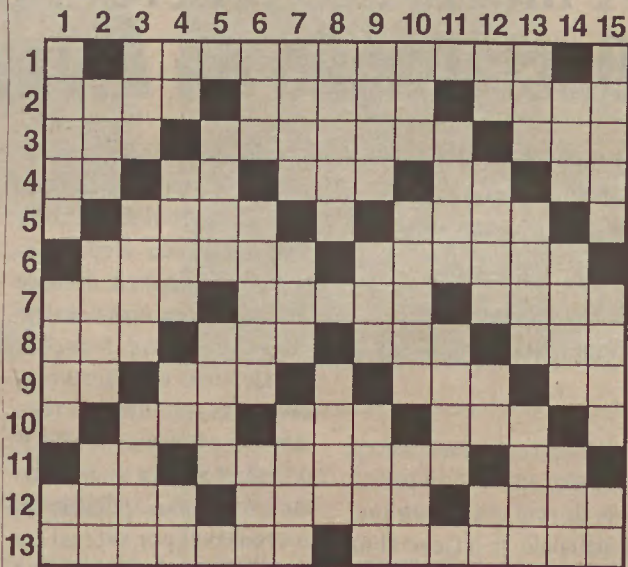
LIVROS



Num Lugar Solitário

A produção policiária na literatura portuguesa possui já hoje uma tradição, e poder-se-á mesmo falar de uma especificidade própria. Recordemos que ela terá começado com Fernando Pessoa, que escreveu a intrigante novela «O Banqueiro Anarquista». Durante muitos anos, porém, apenas alguns «mordidos» se aventuravam na senda do «policial», geralmente executado sobre a matriz do pior norte-americano. Até que, após o 25 de Abril, caminhos se abriram a novos autores. A responsabilidade da Editorial Caminho foi aqui determinante para que esses autores pudessem afirmar-se. É o caso feliz de Ana Teresa Pereira, uma entre a dezena de escritores contemplados com o prémio que a Caminho atribui regularmente. Este é um romance policial, certamente, mas vai além da dimensão que geralmente se atribui ao género. Prosa segura e com uma vincada ligação ao poético.

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1 - Escarneceadores; 2 - Pregou; afio; sumo; 3 - O miar; constelara; rio que banha Leiria; 4 - Bário (s.q.); brisa; chefe etíope; Bromo (s.q.); prep.; 5 - Peixe que abunda nos mares dos Açores; rezam; 6 - Cavalo de cor canela; escusam; 7 - Quaisquer; nome de mulher; líquido muito volátil; 8 - Laços apertados; doçura (fig.); nobre inglês; buraco; 9 - Andar; cabelos brancos; pertence-lhe; grito de dor; 10 - Comparece; carta de uma só folha; auroque; 11 - Com saúde; planícies cultivadas na América; pena; 12 - Meios feriados; pó indiano para culinária; árida; 13 - Acres; banharam.

VERTICAIS: 1 - Graceja; juntava; quarta nota musical; 2 - Esteio de rio; grande afeição; prep. 3 - Jardim Zoológico; iças; chibata; 4 - Alternativa; amarras; aqui; partir; 5 - Aflição; em maior quantidade; 6 - Estabelecimento onde se tomam bebidas alcoólicas; achaques; animal albino; 7 - Título dos descendentes de Mafoma; dialecto românico falado a Norte da França; ovários de peixe; 8 - Este Sancho comandou uma nau de viagem para a Índia e foi governador da fortaleza de Sofala; segurar-se pelas gavinhas; 9 - Aquelas de que falamos; aqui está; azul; 10 - Mordisca (inv.); em forma de ovo; Deus dos muçulmanos; 11 - Descerrei; acusados; 12 - Art.; roa; antiga cidade da Caldeia; apelido do fundador do Rio de Janeiro; 13 - Meio-dia; terreno inculto; rio da Polónia; 14 - Célebre cavaleiro, protótipo dos paladinos castelhanos; cidade santa dos muçulmanos; vazia; 15 - Costuram; pode ser quadrada; dentro da cama.

VERTICAIS: 1 - Zomba; unia; 2 - Ria; amor; sem; 3 - Zoo; alas; vara; 4 - Ou; atas; cá; 5 - Cruz; mais; 6 - Bar; mates; açã; 7 - Em; oil; ovas; 8 - Uf; Sã; 13 - Sul; mato; Ode; 14 - Cid.; Meca; oca; 15 - Cosm; raiz; am.

HORIZONTAIS: 1 - Zombeteiros; 2 - Orou; amolo; succo; 3 - Mio; criva; 4 - Ba; ar; rã; 5 - Alum; oram; 6 - Alazão; evitam; 7 - Umas; Lrga; 8 - Nos; mel; 9 - Cca; 10 - Vã; oia; 11 - Sã; sava; 12 - Fert; canl; seca; 13 - Amargas; lavaram.

EVENTOS

Gastronomia nas Caldas

Gastronomia, artesanato, espectáculos de folclore e música popular portuguesa e exposições sobre temas locais ocupam até domingo, nas Caldas da Rainha, o pavilhão da Expoeste.

Trata-se da edição deste ano da Festa de Verão do concelho, que envolve as diversas Juntas de Freguesia do mesmo, as quais, em tasquinhas montadas para o efeito, apresentam os principais pratos típicos da região.

Assim, «frango bêbedo», «frango assado à Carvalhal», «amêijoas à Foz», «codornizes à Landal», «fritada salteada» e «linguiça prateada» serão alguns dos pratos à disposição dos visitantes.

A realização desta festa foi uma das formas que a Câmara Municipal das Caldas da Rainha encontrou para ocupar o pavilhão da Expoeste, depois de recentemente ter sido denunciado o contrato estabelecido com a associação empresarial local e uma empresa de promoção de feiras e exposições com vista à exploração daquele espaço.

A denúncia do contrato aconteceu depois da realização de algumas feiras, as quais não tiveram o sucesso que inicialmente era esperado pelos promotores.

Folclore internacional na Batalha

Grupos de folclore de França, Itália e Eslováquia participam, hoje, na Batalha, na XI Gala Internacional de Folclore, a mais importante iniciativa anual do género, na região da Alta Estremadura.

Integrada no programa das Festas da Batalha, esta realização tem início a meio da tarde, com uma visita guiada ao Mosteiro de Santa Maria da Vitória, com deposição de flores nos túmulos de D. João I e D. Filipa de Lencastre, seguindo-se uma cerimónia de recepção aos grupos participantes na Câmara Municipal da Batalha.

Após o jantar, os agrupamentos folclóricos desfilam pelas principais artérias da vila até ao local do festival, junto ao Mosteiro.

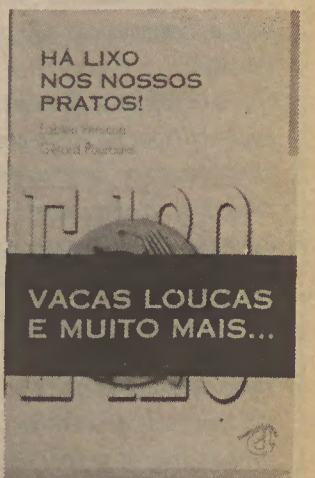
Para além do rancho anfitrião, o «Rosas do Lena», participam nesta gala os agrupamentos de Barbeita (Monção), Boavista (Portalegre), Angeiras (Matosinhos), S. Cosme (Gondomar) e de I'Edelweiss (França), S. Cortese (Itália) e Universidade de Bratislava (Eslováquia).

«Dotar a Batalha com manifestação etnográfica de grande qualidade, tornando-a um aliciante turístico condizente com a natureza desta vila», é o principal objectivo da gala, segundo os promotores.



Há Lixo nos Nossos Pratos!

Em tempo de vacas loucas, com muita gente a evitar o bife - para além daquela que não lhe chega por razões de bolsa - ainda sobram razões para desconfiar do que chega ao prato do cidadão desprevenido. Prevenir o cidadão será, entre outras, a razão deste livro publicado pela Campo das Letras, na colecção Campo da

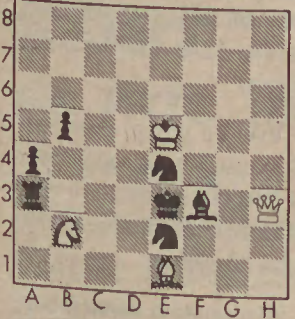


Actualidade, da autoria de Fabien Perucca e Gérard Pouradier - um escritor e um repórter que vêm realizando em conjunto trabalhos que desvendam situações escandalosas, como aquele que trouxeram a lume sobre o Crédit Lyonnais. O livro, apresentado em tradução portuguesa de António Sabler e Joana Caspurro, revela muito do que está por detrás da produção e confecção de produtos alimentares que a comercialização coloca à disposição do consumidor. O facto de muitos dos casos apresentados se passarem em França - no fim de contas é na Europa onde fomos integrados - não quer dizer que escapemos aos perigos denunciados.

XADREZ

DLXXIII - 15 DE AGOSTO DE 1996 PROPOSIÇÃO Nº 1996X034 Por: H. ZUK - Polónia Thmes 64, Nº 3, 1957

Pr.: [6]: Ps. a4, b5 - Cs. e2, e4 - Ta3 - Re3 Br.: [5]: Cb2 - Bs. e1, f3 - Dh3 - Re5



Mate em 2 lances

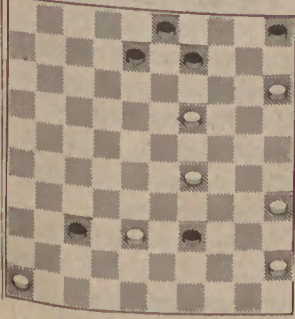
SOLUÇÃO DO Nº DLXXIII Nº 1996X034 [HLZ.]: Chave: 1. Df1!, [Ameaça: 2. D:e2#] 1... C:e2-f3; 2. Dd1 [Dd3] #. 1... C4c3g3; 2. Df2 #.

A. de M. M.

DAMAS

DLXXIII - 15 DE AGOSTO DE 1996 PROPOSIÇÃO Nº 1996D034 Por: LOUIS DALMAN - Combat Dams L'Arène [81/9c], Nimes, 1976

Pr.: [6]: 3-5-8-9-37-39 Br.: [7]: 15-19-29-35-38-45-46



Branças jogam e ganham

SOLUÇÃO DO Nº DLXXIII Nº 1996D034 [L.D.]: 1. 46-41!, (37x46-D); 2. 45-40, (46x14*); 3. 38-32, (x); 4. 15-10, (x); 5. 29-23, (x); 6. 40-34, (x); 7. 35x2-D+

A. de M. M.

ÚLTIMAS

ATALHE
DE FOICE

Escolhas

Nos últimos dias, gradas figuras do Governo, da comunidade científica e do capital nortenho envolveram-se numa guerra que animou a crónica pasmaceira estival da comunicação social. Os argumentos a favor e contra a futura instalação da fábrica de semicondutores da Siemens em Vila do Conde ou no pólo tecnológico da Maia empolgaram o Norte com inflados discursos, trouxeram à luz do dia insuspeitados «lobbies» e estranhas alianças, visões antagónicas de desenvolvimento, interesses espúrios muito particulares mal disfarçados de preocupações regionais e nacionais, abriram brechas em amizades antigas, fizeram estragos na periclitante coesão do executivo PS.

A escolha de Vila do Conde em detrimento da Maia, a fazer fé nas notícias divulgadas na imprensa, desiluiu o Parque de Ciência e Tecnologia, enfureceu a Universidade do Porto, desautorizou o ministro Mariano Gago, pôs em causa as futuras relações entre as universidades nortenhas e o Governo, irritou autarquias, semeou a discórdia entre empresários. Dir-se-ia estarmos perante uma nova caixa de Pandora, aberta por mãozinha mais malandra que descuidada.

Curiosamente, no meio de tanto ruído, ninguém parece ter dado conta de que fora da polémica ficaram as únicas questões que verdadeiramente importava discutir, e que obviamente nada têm a ver com a localização da Siemens.

Pelos vistos, os efeitos devastadores daquela empresa no Sul do país cairam no esquecimento. E no entanto, como bem lembrou há dias o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Eléctricas do Norte (STIEN), a Siemens tem em Évora, há mais de 25 anos, entre 1.100 trabalhadores, cerca de 200 com vínculo precário; no Seixal, encerrou uma unidade e lançou no desemprego cerca de 400 trabalhadores; na INDELMA (outra empresa do Grupo), ocupa 3.000 trabalhadores, dos quais 200 são contratados a prazo e cerca de 800 alugados a empresas fornecedoras de mão-de-obra.

Criar postos de trabalho à custa dos direitos dos trabalhadores, de precariedade do emprego, de «flexibilidades» e «polivalências», de desrespeito pelas normas laborais em vigor, pode ser muito bom para a Siemens, mas não o é certamente para Portugal.

Que o Governo se disponha, ainda por cima, a compartilhar no empreendimento com um investimento de dezenas de milhões de contos, é ainda mais preocupante, sabendo-se como se sabe de exemplos anteriores que o investimento estrangeiro, na defesa dos seus interesses de maximização de lucros, tem muito mais por onde escolher do que entre Vila do Conde e Maia.

Pode entender-se que a pobreza franciscana do país em termos de desenvolvimento industrial, de tão grande, leve os grupos de pressão a lançar-se à mais mirífica miragem de oportunidade, quais sete cães a um osso. Mas já não se percebe que o Governo, a começar pelo primeiro-ministro, não manifeste a mais pequena preocupação pelo que tem sido a prática dos grupos estrangeiros em Portugal e de que a Siemens não é excepção.

O que está em causa neste projecto não é a escolha do local para a instalação da Siemens, por importante que isso possa ser pontualmente. O que está em causa é um processo e uma política de desenvolvimento que garanta, como Guterres gostava de dizer em tempo de campanha eleitoral, que os portugueses sejam tratados como pessoas e não como números.

Ora para a Siemens, seja Vila do Conde ou Maia, o negócio é números.

■ AF

Privatização do BFE/BBI
suscita preocupações

A experiência de reprivatização de outros bancos e as notícias sobre as intenções dos candidatos à compra do Grupo BFE (Banco de Fomento e Exterior e Banco Borges & Irmão) estão a gerar sérios receios entre os trabalhadores, incluindo quadros médios.

Ao denunciar a situação, a lista unitária no BBI (que foi a mais votada nas eleições de Março para a Comissão de Trabalhadores, mas ficou impedida pelos eleitos do PS e do PSD de ter qualquer lugar a tempo inteiro naquela estrutura) refere declarações dos potenciais compradores sobre a eventual dispensa de pessoal após a privatização (2500 trabalhadores, para um dos candidatos, 500 para outro), a par de «um faltar de ameaças e de insultos aos trabalhadores».

Num comunicado que divulgou no final da semana passada, a lista unitária aponta os «perigos bem reais» que justificam o «medo» e a «ansiedade» dos bancários e regista as recentes declarações do presidente do Grupo BFE, que afirmou recusar qualquer estratégia que passasse pela dispensa de pessoal. «Embora não bastem para tranquilizar os trabalhadores (podendo até reforçar a ideia de que essa

estratégia existe...), tais declarações são importantes por darem razão à luta dos trabalhadores em defesa dos seus direitos», afirmam os eleitos e activistas unitários do BBI.

Reconhecendo a evolução positiva da política de pessoal, em termos globais, o comunicado indica os problemas mais sentidos pelos bancários, temendo o seu agravamento com a passagem do poder para «gente que visa acima de tudo o lucro e que, para atingir esse objectivo, subalternizará sempre que necessário os interesses dos trabalhadores e a cultura das empresas». Entre outros, são referidos o agravamento das desigualdades e injustiças e o reforço da desregulamentação do trabalho em aspectos tão importantes como a política remuneratória e os horários.

Citando o balanço social de 1995, o comunicado denuncia o grande desfasamento entre os aumentos dos custos com os salários directos (5,6 por cento



relativamente a 1994 e 21,6 por cento relativamente a 1992) e dos custos com os órgãos sociais (9,5 por cento desde o ano passado, 125 por cento desde 1992).

Descarada
culpabilidade

Os eleitos socialistas e social-democratas na CT são acusados de terem «uma descarada culpabilidade com a irregularidade do trabalho extraordinário gratuito», por terem aceite «sem uma crítica, sem um comentário» os mapas das horas extra registadas nos balcões no primeiro semestre de 1996.

As privatizações têm sido acompanhadas de fortes ataques aos direitos dos trabalhadores, recordam os comunistas e seus aliados no BBI (foto de arquivo)

O combate ao trabalho extra gratuito, nomeadamente durante o anterior mandato da CT, levou a um aumento das horas registadas em alguns balcões, embora estes números fiquem ainda «muito aquém das horas não registadas e não pagas».

A lista unitária (cujos eleitos foram impedidos de conhecer os dados da administração antes de a maioria rosa-laranja os aceitar) entende que a disparidade verificada nos diversos serviços centrais e o facto de apenas 27 balcões terem registado trabalho extra seriam suficientes para «uma intervenção incisiva, por parte da CT, junto dos órgãos de gestão, junto dos trabalhadores, com o conhecimento aos sindicatos do sector e ao próprio Ministério».

A morte do General Spínola
Declaração de Álvaro Cunhal

Respondendo a solicitações da comunicação social, por ocasião da morte do General Spínola, o camarada Álvaro Cunhal, Presidente do Conselho Nacional do PCP, tornou pública uma declaração, que a seguir transcrevemos, referindo-se ao papel que o General representou na vida política nacional, nomeadamente na Revolução de Abril.

Muito se tem escrito e dito e está a ser dito e escrito a este respeito - o que significa que o General desempenhou um papel singular na vida nacional nos últimos anos da ditadura fascista, no processo que conduziu ao seu derrubamento, no próprio dia 25 de Abril e durante a revolução democrática.

Apenas muito breves palavras que entretanto não se podem nem devem evitar porque, respeitando-se o General na hora da sua morte uma forma de respeitar quem morre é também de respeitar a verdade.

A verdade histórica é que, como Presidente da Junta de Salvação Nacional criada com

funções de órgão supremo de poder do Estado imediatamente após 25 de Abril de 74, como Presidente da República provisório e, depois de demitido dessas funções, como chefe e promotor de organizações clandestinas contra-revolucionárias, incluindo a rede terrorista e bombista do MDLP, o General Spínola, professando um anticomunismo primário, foi responsável por sucessivas tentativas de instaurar uma ditadura pessoal e impedir a instauração e institucionalização do regime democrático.

Essa sua actividade foi altamente responsável por

divisões, conflitos e confrontos nos campos militar e partidário, que perturbaram e comprometeram seriamente a dinâmica serena da revolução democrática.

Vivi de perto, com participação activa, todos esses acontecimentos e, como é sabido, muito tenho escrito sobre tal matéria.

Não sendo o momento da morte do General o momento apropriado para alargar estas referências, considero entretanto que, no quadro de tudo quanto nesta hora se diz, inteiramente se justificam.

Forte participação de jovens
na Festa de Verão
em Campo-Valongo

Pelo segundo ano consecutivo, realizou-se no passado fim-de-semana a Festa de Verão, organizada pelas estruturas do PCP e da JCP do concelho de Valongo, retomando assim uma iniciativa mantida há vários anos pelos comunistas da freguesia do Campo.

Num espaço excelente para o convívio, actuaram sábado à noite duas bandas rock.

Domingo à tarde actuou um grupo que se mostrou capaz de satisfazer os gostos de toda a gente, para além dos jovens que tomaram conta da festa na noite anterior.

Numa nota enviada ao «Avante!», os camaradas da organização concelhia salientam «a enorme presença de jovens na festa, como também a sua participação na preparação e realização».

Este fim-de-semana
Festa do PCP em Freamunde

Uma festa tipicamente nortenha, assim anunciada no próprio nome - *Vamos à Festada* - está a ser preparada para sexta e sábado próximos pela Comissão Concelhia de Freamunde do PCP.

Um bom número de grupos - As Cantarinhas de Freamunde, Os Amigos de Freamunde, o Grupo Folclórico da Vila de Freamunde e o Conjunto «Recordar é Viver» - foram convidados para integrarem o Festival de Folclore, ponto alto da festa, que decorrerá na tarde de sábado no Recinto da Feira Nova, sede da Festada.

A Festada tem abertura marcada para sexta-feira às 20h e nessa mesma noite haverá um concerto de Rock e a actuação de um grupo de Música Tradicional Portuguesa.

Imprecindíveis, os petiscos prometem, numa ementa também genuinamente nortenha.

António Lopes, da Comissão Política do CC do PCP, estará presente como convidado.

